

Difficilmente se encontram hoje de venda sobre
papel deste estabelecimento, que se tem de ser numero
de artigos e indumentas de sumeiros, tais como: Arelle-
gins, Chinos de e phillorophias de G. Goum e de Atherm. 13i-
Alio gumbria da Brugia de da hiltomies de Portugal, por
D. de Allen e de ca da hanc, de A phtama penitendario, por
Alma da Rubia; Alcanthia de hertobica de da a ibertan-
reas primarias de Portugal de G. D. Auctorio de (Porta?)
reals e de da a fraginas D. H. e com chaid de a mag. 352. G. pht-
encia de haid haid como de da a legida cad, photo G. A haid
Brachy. G. D.

1
(24)
39
1764

Revista Acad.

REVISTA
ACADEMICA

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO

PUBLICADO EM COIMBRA.

VOLUME PRIMEIRO.

DE 1845 A 1848.



COIMBRA,
IMPRESA DE E. TROVÃO,

MDCCCXLVIII.

REVISTA

ACADEMICA

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO

PUBLICADO EM COIMBRA

VOLUME PRIMEIRO

DE 1838 a 1839



COIMBRA

IMPRESSA DE M. THOAY

REPOZICION

INDICE DO PRIMEIRO VOLUME.

	Pag.
Abbadona e Adramelec	21, 54
Additamento ás Notas de Calculo Diferencial e Integral de L. B. Francoeur	304
Agricultor (O) Michaelense	389
Agricultura e a Instrucção popular em Portugal	43
Anjo (Um) de mais	9
Aniversario (O)	47
Anno (O) 1000 da Era Christã	321
Anotações a Waldeck	46
Arco de Santa Anna	108, 136
Antiguidade do emprego da Artilheria em Hespanha e Portugal	301, 345
Arts (Lcs) em Portugal	360
Assemblea Academico-Philarmónica	111
Associação Britânica	262
Astronomia	245
Bauho (O) Sancto	198
Barometro	122, 141
Bibliographia da Historia de Portugal	129, 145, 182, 206, 231, 281, 315, 327, 367
Brazia Parda	80
Cadêa Academica	351
Cancioneiro Provençal	237, 286, 296
Cemiterio Academico	591
Chatterton (parecer sobre o)	337
Christianismo (Influencia do) sobre a legislação	18, 52, 161, 355
Cid (O)	225
Cid (O Poema do)	172, 201
Cometa (apparição de um)	104
Conde Alarcos (poesia)	272
Conselho Superior d'Instrucção publica — (Relatorio do)	241, 257
Deveres (Os) do homem por Silvio Pellico	319
Devoção (A) pelo Certanejo	200
Dias Sanctos	287, 330
Divina Auctoridade do Novo Testamento	363
Economia Politica e Estadistica (Elementos de)	176, 184, 214

	Pag
Economia Politica Ultrajada	330
Elysa (O Livro de)	22, 40, 74, 132, 166
Elogio historico de João de Vasconcellos Pereira Coutinho de Mendonça Falcão	81
Enthusiasmo devoto pela festa do Natal —	273
Eneida de Virgilio (traducção)	192, 269
Engracia Ramila, (solau)	105
Escrava (A) de Camões	92
Estadistica Medica de Pariz	208
Estatua de S. Bruno em Miraflores	288
Estudantes de Bellas Artes em Roma	128
Eugenio Sue e os Mysterios de Pariz	124, 152
Eurico o Presbytero	31
Festim (O) de Balthazar (poesia)	149
Fidalgo (O) e o Poeta —	212, 230, 283, 347
Gustavo Hugo	48
Hercules (O) Preto	390
Historia de Portugal	256, 355
— durante a idade media <i>fragmento</i>	50, 65, 84
Indigestões	176
Industrial Portuense	110
Infancia (A), (poesia)	299
Instituto Dramatico	4, 81
— de Litteratura e Arte Dramatica —	18, 49, 81, 225, 337, 387
Jornalismo Litterario	196
Jornaes (os) Litterarios francos de porte —	356
Judia (Uma) na Corte de D. João 3. ^o	78
Justo (O) e a Sociedade	41
Livraria Classica Portuguesa	128, 217
Luiz Blanc, Historiador	63, 89
Luiz (Fr.) de Sousa, drama	60
Magnetismo Animal	70, 104, 118
Magriço	375
Maria Paes Ribeira	7, 78
Medianeira (A) (poesia)	112
Medico (O)	25, 55
Memoria Historica sobre a Instrucção primaria entre nós	311, 323, 339, 355
— sobre o intentado descobrimento d'uma supposta ilha ao norte da Terceira	255

	Pag.		Pag.
Memória sobre os officios theorico-praticos		Religião (A) Christã e a Philosophia—	13, 36
d'artilheria.	391		67, 113, 193, 305, 369.
Metaphysica de Genuense Reformada . . .	317	Relogios electricos	176
Milne Edwards (Novos trabalhos de) . . .	46	Resignação	128
Monumento demolido (mais um antigo)		Revista Scientifica	86, 97, 115, 138, 154
Noções de Philosophia	351	Romanceiro (O) Portuguez. (parte 2.º).	364
Noite (uma) da minha vida.	373	Systema Penitenciario—	179, 209, 276, 289,
Notavel Phenomeno Pathologico.	240		342
Nunca! (poesia).	240	Sancho (D.) 2.º	368, 382
Observações Meteorologicas	32, 48	Theatro (O novo).	225, 253, 375
Os Beneficios do Christianismo.	319	— Academico	6, 78, 95, 333, 387
Passeio (Um)	9	Thilorier (Mr.).	31
Physiologia Experimental (Resumo de Pre-		Traducções interlineares.	127
lecções de)—38, 57, 70, 100, 120, 177, 279		Trevas (As) de Byron (poesia).	349
Pobre (A) das Ruinas.	220	The Ocean Flower.	379
Portugal (Le) á la hauteur de siècle. . . .	76	Universidade.	204, 229, 259, 315
Primeiro Ensaio sobre a Historia litteraria		— de Coimbra.	33, 138
de Portugal	3	Versos octosyllabos (antiguidade e belleza	
Quadratura do Circulo.	359	dos) —	23

Embaraços insuperaveis, entre os quaes tiveram principal logar as vicissitudes, porque passou ultimamente o nosso desgraçado paiz, demoraram atégora a publicação desta folha, que a Redacção havia promettido a seus assignantes. Está pois completa a 2.ª serie, e 1.º volume da *Revista Academica*: a continuação fica suspensa, até que se haja grangeado numero de assignaturas sufficiente para custear ás despesas.

A Redacção dá sinceros agradecimentos a todas as pessoas, que auxiliaram este jornal já com as suas assignaturas já com a sua penna; dá-os igualmente a todos os jornaes que se dignaram de trocar com a *Revista Academica*, e entre estes faz especial menção do Periodico dos Pobres do Porto, e Revolução de Setembro, que continuaram a enviar-lhe as suas folhas, apesar da interrupção que houve da parte deste jornal. Penhora-se sobre tudo da proposta de troca, que lhe foi feita pelo Agricultor Michaelense. Quando todos eriam morta a *Revista Academica*, lá do meio do Atlantico uma voz lhe fallava de vida! É que ao illustre Redactor do Agricultor Michaelense ainda lhe não morreu n'alma, como a tantos outros, a mais doce recordação do seu passado; ainda se lhe não apagou no coração a fé na perseverança de mancebos. Pois esses mancebos respondem áquella voz, que os veio animar:—confiamos que a *Revista Academica* não ha-de morrer.

REVISTA ACADEMICA,

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO

Publicado em Coimbra.



INTRODUÇÃO.

Demonstrar a utilidade das sciencias e das lettras fôra hoje um anachronismo. O nosso seculo veio marcado com um sello de luz, aonde estava gravada a palavra — civilisação; e que as sciencias e as lettras só a podem conseguir, já não é só uma verdade escolástica, é um facto para todos, e para tudo.

A civilisação tem sido o grande porto para onde se navega desde o primeiro dia do universo, e para onde se navegará até ao derradeiro; todavia nunca se caminhou tanto como nesta epocha em que muitas theorias julgadas impossiveis se realizaram, em que muitos axiomas se descobriram, em que muitos erros morreram asphyxiados, porque os ares se rarefizeram com o facho de Vesta.

De todas as alavancas, que teem buscado erguer o mundo tanto moral como phísico nenhuma foi ainda, nenhuma é, e nenhuma será por certo, mais rija, mais poderosa, mais tenaz, e mais feliz do que a arte de Guttemberg.

A imprensa edifica em um dia o que, sem ella, fôra sobeja obra para um seculo: ergue-se por de traz do prelo um braço nervoso, encarna os pensamentos milhões de vezes e atira com elles ao mundo, que no me-mo dia e na mesma hora lê, maravillhado, o manuscrito do escriptor no espelho da arte: — esses pensamentos foram, ou podiam e deviam ser, uma verdade proveitosa.

Mas a imprensa dos nossos dias foi a que melhor comprehendeu a missão; não se contenta com os *bacamartes* encyclopedicas, diante dos quaes tremeria a vontade mais resoluta; esses lá foram ha muito da typographia para a bibliotheca, e ali ficarão virgens, os mais dellos, até que a trombeta do juizo final os chame para tomarem seu verdadeiro logar na destruição geral.

A sciencia tem venerado, com razão, alguns d'aquelles monstros de papel, mas só a sciencia, só os sabios, porque os outros homens assustam-se, e não teem tempo para lhes perder o medo. Que seria hoje se se escrevesse assim? Hoje o homem variou por tal fórma o seu modo de ser na sociedade, criou tantas

necessidades, afadigou-se tanto a viver que poucas horas lhe sobejam para o estudo: quer verdades, grandes verdades, mas incisivas e rapidas. Depois, como a realidade da existencia, o trabalhado da alma, que lhe provém do tumultuar, que vê sempre á roda de si, criam nelle uma especie de fastio, é mister coroar de flores a propria taça do mel — Engenio Sue para combater a pena de morte não fez uma dissertação, escreveu um romance. O nosso seculo está symbolisado em dois dos seus inventos que ambos se auxiliam — o vapor e os caminhos de ferro; — é a rapidez, e a commodidade; pois tambem a imprensa só ha-de produzir-lhe duas cousas — o livro e o jornal.

Aquelle, com toda a sua aristocracia antiga, não passará muito além dos gabinetes e das salas; este, com toda a sua democracia, descerá para a choupana e para a rua, porque o jornal é o livro do povo. E não só o jornal é o livro do povo, se não que nem elle tem outro: accessivel á sua fortuna, accomodado a todos os gostos e interesses, pôde e deve ser o festejado, o bem vindo, o amigo de todas as casas. Porem se o povo é o commensal deste banquete de que importancia não é a tarefa de lhe guizar as ignarias? A religião, a moral, a philosophia, a historia, a poesia; o necessario, o util, o agradável, tudo tem de lá ir, mas como? Por toda a parte se diz — é mister curar o povo, que padece; mas o povo é um enfermo terrivel, se o medico em vez de o curar lhe agrava o mal, não morre o povo, não; ergue-se do seu leito de dor, afoga o medico entre seus mil braços, assenta-se-lhe no cadaver, e descre da medicina! Assim pois é indispensavel que o jornalista dizendo ao povo, como Deos disse ao chaos — faça-se a luz — fique depois, como elle, contente da sua obra.

Ai delle se a luz lhe deixa ver uma chaga maior que a da ignorancia! ai do povo, se em vez de se allumiar ficou queimado! — é o que tem feito a imprensa politica, é o que pôde fazer a imprensa litteraria. E nós, que conhecemos o perigo, porque pômos peito á empreza? Foi a consciencia de nossas forças? foram loucos orgulhos? não foi, não foram. Bem sabemos que é grande o empenho; sabemos que temeridade não ha tambem na creação de um jornal sobre as cinzas, ainda quentes, do rei dos jornaes portuguezes. O Panorama era a publicação periodica mais acabada que entre nós se fez; o Panorama multiplicava-se por um numero de exemplares de que não ha memória na imprensa de Portugal; era alimentado pelas pennas mais bem aparadas, pelos buris mais delicados e que elle introduziu, animou, e tornou perfectos; por um grosso fundo em acções de companhia; por infinitas assignaturas das nossas possessões d'além mar, e do Brazil, da Hespanha, da Inglaterra, e da França... e o Panorama morreu!.. Mas Coimbra é a cidade, que em Portugal se chama a cidade das letras; a sciencia está aqui no seu throno de Rainha, a empinar-se altiva e magestosa como roble secular de sombra abençoada, estendendo seus ramos

virentes e floridos por todo o reino; o pômo desta arvore não é vedado, antes quem o não colher é que sairá com a mancha do peccado original; porque até estes ares, este ceu, este rio, e estes campos convidam o mathematico, o philosopho, o positivista, e o poeta para a meditação e para o estudo.

É a posição, que nos tentou, talvez o pejo que nos fez ousados, e, por certo, um desejo intimo de ir lançar uma pedra no edificio, tão necessario, da instrucção publica. Foi uma cruzada de mancebos, que se alevantou cheia de fé viva no seu coração, e de esperança consoladôra nos nomes illustres de alguns dos nossos maiores homens, que lhes prometteram auxilio; — é com a mão na consciencia que o dizemos, foi só a fé e a esperança.

Se o Panorama morreu, se o cedro baqueou nem por isso a grammasilha deixará de nascer; as suas necessidades vegetativas são menores, a tempestade ao roçar-lhe com a aza talvez lhe perdôe; mas se tambem a tenra planta morrer, embora: ainda que só nascêra para manifestar a vontade de viver já tinha feito bem. Mas nós ahí temos outro gigante ainda vivo, e bem vivo para nos ir animando com seus triumphos; a Revista Universal ahí está para nos ser pharol nos parceis, e iremos a traz della pedir para nós as bençãos, que lhe sobrare. É mister teimar, porque se muitos e bons jornaes tem perecido aqui, e em todo o Reino, se a Revista Universal, se nós, se outros depois de nós ainda não vingarem neste chão mal arroteado, algum dia nascerão arvores que se enraizem de véras, que medrem e fructifiquem á vontade, porque a sciência é uma necessidade, e a necessidade triumphará de tudo. Os que vîemos a diante não teremos feito pouco se deixarmos a terra adubada aos que vierem depois, e a posteridade seria injusta se desdenhasse quem veio primeiro porque não fez tudo; — nós ainda luctamos arca por arca com o pouco habito de ler, que ha na nossa patria.

Era este talvez o logar proprio para as promessas, mas quem ha ahí hoje que acredite em promessas de jornal? abusou-se dellas, caíram no descredito; deixaremos pois o caminho trilhado; não promettemos nada, seremos o que fôrmos, e o futuro que nos julgue. (*)

J. de Lemos.

(*) A publicação da Revista Academica é feita por meio de uma sociedade de mancebos espontanea e especialmente creada para este fim. A sociedade offereceu ao Instituto Dramatico de Coimbra 8 paginas que elle pôde encher ou deixar de encher; no primeiro caso alli virá a parte official dos seus trabalhos litterarios, ou artigos de membros seus, approvados por uma commissão sua, que o Instituto nomeou já. Os artigos que forem marcados com as iniciaes I. D. pertencem ao Instituto Dramatico, ou aos seus membros pela fórma mencionada; — todos os mais são grangeados pela sociedade.

(J. D.)

CHRONICA DO INSTITUTO DRAMATICO.

SEja-nos dado relatar succintamente sob este titulo a creação, desenvolvimento e estado actual d'este estabelecimento litterario, que conta hoje 6 annos de duração:—vida esta, que, no meio das vicissitudes da época presente, já não é qualquer vida.

Após a mudança politica, que soffreram as cousas de Portugal em 1834, veio outra revolução, abraçada com essa crise, constituir nova época em nossos usos, e em nossa litteratura. Sem nos explanarmos ácerca das consequências d'essa transição, que não vem a pêlo para o caso, basta sabermos que a appareição repentina de um Theatro, e o desenvolvimento inesperado do gosto dramatico foi uma d'essas consequências.

E foi Coimbra uma das primeiras terras a levantar o seu grito pelas cousas da scena. Em Outubro de 1834 uma pessima companhia de actores ambulantes veio incitar o gosto dramatico no espirito da Academia e da Cidade. — E no curto espaço de seis mezes já se contavam dous Theatros de curiosidade: o 1.º acanhado e mal geitoso, em que representavam alguns homens de officio; o 2.º mais regular e policiado, onde declamavam alguns academicos, a quem coube a gloria de abrir caminho ás futuras mais perfeitas instituições; — ambos todavia inda escondidos, como que de envergonhados, o 1.º, sob as velhas abobadas de Santa Cruz, o 2.º do Collegio das Artes.

Foi o Catão do Sr. Garrett o formoso campo, onde as primeiras capacidades academicas d'aquella época, na declamação, na musica, e na pintura, gentilmente se ostrearam. A peça era adequada para o intento: casada com as ideias politicas exageradas d'a-

quelles annos, fertil em partes fortes e energicas, e livre de papeis de *damas*, sempre mal contrafeitos em Theatros de curiosos; a peça, como dizem os *dillettanti* allrancesados, fez grande effeito.

Entre as representações, que se lhe seguiram, pela maior parte de dramas nacionaes, não deixaremos em silencio a intrepidez com que os Actores se atreveram a pôr em scena as duas grandes comedias de Molière: o *Avarento*, e o *Convidado de Pedra*, que foram completamente desempenhadas.

Em 1837 operou-se uma revolução no gosto com a appareição d'esse periodico de monstruosas e indecentes versões do Francez, o *Archivo Theatral*, que disseminando pelo reino uma alluvião das peças, as mais procuradas, tem eviado a lingua dos mais torpes gallicismos, dos mais nojentos vicios. Em outra occasião nos occuparemos da conveniencia de uma irmandade litteraria, (que já inutilmente convocou este Instituto), para publicar uma colleção periodica de peças bem escolhidas, e bem traduzidas, que fazendo face contra o barbaro esquadrão do *Archivo*, introduzisse por entre essas mil *casas de comedia* publicas e particulares, a par do bom gosto dramatico, a rectidão e pureza do falar. O primeiro drama da eschola exaggerada de França, que appareceu no palco academico, foi a *Catharina Howard* de Alex. Dumas, em que os Actores seguiram inda o prudente arbitrio de adoptar uma versão de um academico, com exclusão da do *Archivo*.

Por estes tempos havia-se progressivamente aperfeiçoado a associação academica, que havia creado o *Theatro do Collegio das Artes*, ou que o *Theatro* havia creado; de sorte, que contava 230 socios, unicos, que cabiam com as familias da terra, no recinto da sala das representações; — era regida, sob o nome de *Academia Dramatica*, por uns Estatutos discutidos com todos os

sacramentos parlamentares da moda; — e tinha já um longo arremedo do Conservatorio de Lisboa em uma imperfeita Commissão encarregada de escolher, e corrigir os Dramas destinados á declamação.

Até que a associação, já não cabia nos apertados limites da abobada do Collegio das Artes. Por occasião da estada em Coimbra de uma soffrivel Companhia de comicos de Hespanha, suscitavam-se na academia divergencias e caprichos, que deram lugar a que os Actores, e uma consideravel parte da associação abandonando o seu Theatro á Companhia Castelhana, concebesssem a ideia gigantesca de um Theatro completo e acabado dentro do grande paeo do Collegio extinto de S. Paulo. A ideia foi bem acolhida pelas pessoas de todas as idades e profissões. Um grande numero de leites da Universidade correu a alistar-se em a nova irmandade, erecta sob o nome de Nova Academia Dramatica, e a tomar parte nos cargos mais trabalhosos d'uma empreza difficil e nascente. Concebeu-se então outra ideia eminentemente civilisadora: chamar ao gremio da associação os naturaes da Cidade, que por usos e preconceitos antigos fazem de ordinario comunidade á parte das cousas da Academia. Tambem se realison esta ideia; e os tres elementos tão diversos — *estudantes* — *lentes* — *naturaes da Cidade* — confundiram-se em uma assemblêa de irmãos.

Dentro de um anno estava edificado o actual Theatro, que é uma sala de 97 pés de cumprimento sôbre 51 de largo, com 3 ordens de espaçosos camarotes até o numero de 56, com um palco de 45 pés de comprimento; e officinas sufficientes para Camarins, guardarcopas, pintura, secretarias, discussões, &c. A sala tem dous grandes defeitos, filhos da precipitação, com que foi edificada: 1.ª a figura, que em vez de elliptica é um quadrilongo terminado semicircularmente; 2.ª a demasiada altura da 1.ª

ordem de camarotes, que está em desproporção com as outras duas. O arco é muito proporcional, e regular; e o salão d'entrada muito espaçoso. Sôbre este salão se está construindo outro salão para as reuniões philarmônicas, e bailes de uma associação irmã da Academia Dramatica, que veiu estabelecer-se no resto do edificio, e que com ella fraternisa parte das suas diversões. A mesma entrada communica tambem para os gabinetes de leitura da mesma associação, onde se leem todos os periodicos politicos do Reino, e alguns principaes estrangeiros, e bom numero de publicações litterarias e scientificas de todo o genero.

As Camaras concedêram por uma lei á Academia Dramatica o edificio de S. Paulo, ficando o Theatro sujeito á suprema inspecção do Reitor da Universidade; e o Governo approvou os Estatutos da associação. Foi n'estes Estatutos que se creou o Instituto Dramatico, como hoje existe, dividido em 3 secções: — *dramatica* — *de musica* — e *de pintura*; em cujo gremio se acham inscriptas as principaes capacidades da Academia, e muitos distinctos litteratos do Reino.

Os primeiros Actores creados pelo Instituto Dramatico estrearam-se em 24 de Junho de 1839 na 1.ª representação do Theatro novo, inda incompleto. É de lamentar que se tenha seguido constantemente na escolha das peças o gosto do Drama exagerado do França. Entre estes foram ricamente executados: *Lucrecia Borgia*, *o Sincero de S. Paulo*, *os dous Renegados*. No anno corrente deu-se o 1.º passo para uma transição de gosto, representando-se unicamente dramas nacionaes, como *o Emparedado*, *o Pagem d'Aljubarrota* do Sñr Mendes Leal, e a nova peça do nosso novo A. e socio d'este Instituto o Sñr. João de Lemos — *Maria Poes Ribeiro*. Na lista dos actores continuam a alistar-se para credito da associação alguns dos mais distinctos estudantes da Universidade: sendo de no-

tar que os meos applicados nas aulas são tambem os mais morosos e menos geitosos para a scena; confirmando isto a grande verdade, que o estudo e applicação venceu as difficuldades de todo o genero. As pessoas mais sisudas do magisterio academico, imitando as Universidades de Allemanha continuam a proteger um estabelecimento, que offerecendo aos seus alumnos uma diversão licita e util, os afasta do caminho errado de distracções mais perigosas.

A esta instituição deve a litteratura a publicação de 3 periodicos, que infelizmente tiveram pouca duração. 1.º A Chronica litteraria, de que se publicou o 1.º volume em 24 numeros, e 14 n.ºs do 2.º e que acabou por má ordem e desintelligencias entre os ultimos Directores pouco experientes. — 2.º a Chronica Theatral, ou collecção de Peças originaes e traduzidas, de que se publicou apenas o 1.º n.º com a traducção da Theresa de Alex. Dumas — 3.º o Prisma, de que se publicaram poucos n.ºs e acabou sem culpa do Instituto, que só fornecia a parte intellectual, mas sim da empresa particular, que interrompeu, não sabemos o porque, a sua publicação.

Esperamos que a actual Revista Academica, publicada por uma associação de academicos, e auxiliada em metade da redação pelo Instituto Dramatico, seja um periodico permanente e sisudo; que se aproveite dos erros de seus predecessores, e que fazendo todos os esforços para substituir a grande lacuna, que nos annaes da litteratura do dia deixou o Panorama, augmente com o seu contingente de illustração os creditos litterarios do nosso Instituto.

As sessões litterarias do Instituto no actual anno lectivo tem versado sobre dous objectos principaes: 1.º a construcção e relacção da parte, que lhe cabe, n'este Periodico; 2.º a discussão

do methodo de censurar, que deve seguir-se na escólha, e approvação dos dramas destinados á scena. Foram já largamente discutidos: — *O Ruy Blas* — *A Veneziana*, versão do Francez, — *Maria Paes Ribeiro*, drama em 4 Actos e 8 Quadros, do membro d'este I.º o Sr. João de Lemos Seixas Castello-Branco, — e a *Torre de Nesle*. O 1.º foi totalmente approvado, a 2.ª e ultima foram aprovadas com modificações, para o que se remetteram ás respectivas commissões. A'cerca da 3.ª approvada, e submettida ás provas publicas, damos mais ampla noticia, com o seu juizo sobre a execução.

J. F. de Serpa.

(J. D.)

CHRONICA THEATRAL.

THEATRO DE S. PAULO.

Estreou-se a nova companhia academica do actual anno lectivo com a representação do *Desertor Hungaro*, versão do francez, escolhido tão sómente, pela facilidade da execução por noveis actores. E houveram-se estes de modo, que em breve se abalancaram a recitar o *Emparedado*, original portuguez do Sr. Antonio Maria de Sousa Lobo, natural da cidade do Porto, fallecido ha pouco no verdôr de sua mocidade. O Sr. Bessa Corrêa hombrou na execução do protogonista com o raro talento do Sr. Costa Pereira, que nos annos preteritos havia arrobado os nossos olhos e onvidos, e cuja falta será sempre lamentada pelos amadores da scena. Seguiu-se o *Pagem de Aljubarrota*, do Sr. Mendes Leal, drama, ou antes poema, todo ideal, e melancholico; cujos ricos trechos declamou por tal arte o Sr. Bessa Corrêa que foi muito alem do que se esperava em papel tão delicado como o do protogonista. Igual, senão superior talento para o genero comico, patenteára tambem o mesmo Sr. Bessa Cor-

rêa na execução da parte do Prospero e Vicente no drama d'este nome. Os expectadores victoriarão-o sempre com extraordinarios applausos. Estreou-se tambem com merecimento notavel, e geral accitação e applauso o Sñr. Henrique Oneill cuja elegante figura, e agradável locução e talento promettem em breve um actor acabado. Os Sñrs. Campos e Lopo estreáram-se tambem com muita felicidade. Dos demais actores novos não podêmos formar cabal juizo em quanto não desempenharem parte de mór interesse. Coube ao Sñr. João de Lemos como ensaiador grande parte dos louros da nova companhia, em cujo aperfeiçoamento se esmerou a ponto de ir declamar de repente algumas partes, para que faltavam actores.

Avultou em todas estas quatro representações um geral sentimento de vivissima saudade em Actores, e expectadores pela memoria do Sñr. Fonseca, acadêmico do Rio de Janeiro, que pelo decurso de seis annos desempenhou com singular e nunca assaz louvado merecimento os papeis de 1.^a dama, tanto mais difficultosos, pelo *contrafeito* penoso das delicadezas, e manieiras feminis. Por mais bem fadada estreia, que tenham os seus successores, o nome do nosso bom consocio ausente ficará sempre muito superior ás mais subidas reputações d'este genero.

Esperamos que os novos actores, á imitação dos passados, prestem á execução, e ensaio das peças comicas aquelle esmero, com que se havem na representação das tragicas. Vão empregar-se os meios necessarios para que d'ora em diante se cultive com bom resultado este precioso genero, por ventura mais difficil, que os *arreatamentos* do alto cothurno.

J. F. de Serpa.

(J. D.)

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

DE

MARIA PAES REBEIRA,

Drama em 4 Actos, e 8 quadros, do Membro d'este Instituto — o Sñr João de Lemos.

ERAM duas horas da noite; e voltáramos do theatro de S. Paulo com o coração impregnado das mais veliementes sensações, com o espirito transbordando na admiração mais pasmosa. O drama, que havíamos, quasi que visto nascer da imaginação ardente e poetica do Sñr. Lemos, que houveramos escutado por varias vezes em alguns serões particulares, e na sessão, em que delle se fez a leitura ao Instituto, que tínhamos passo a passo acompanhado nos seus multiplicados *ensaios*; o drama na scena é outro de tudo isto; — e a approvação, que humildemente lhe havíamos dado em nosso gabinete, dobrada, e despejadamente ali lha outorgamos em a noite do seu triumpho, reperculida em todos os angulos do theatro pelas palmas unanimes da brilhante, numerosissima assembléa, que alli concorrera.

O drama representa aquelle bem sabido episodio de nossas velhas chronicas: — os amores de Maria Paes com el-Rei D. Sancho I, o rapto, e força que D. Gomes Lourenço lhe fizera; e a vingança negra e traiçocira, que de seu roubador tomara a senhora de Villa do Conde. O drama, puramente historico, acompanha as chronicas em todas as faces d'este horrivel feito, ornando-o com o sumptuoso colorido de duas paixões freneticas e desesperadas, que mutuamente se alimentam e combatem, até ir quebrar-se, a primeira nas lages do claustro, a segunda nos degraus do patibulo. Para que historica fosse completamente a peça, desenhou-lhe delicadamente o A. as feições da epocha, pôz na bocca de alguns personagens os epi-

sodios mais falados daquelles tempos, e apresentou em rica perspectiva as duas côrtes successivas dos reis Sancho, e Affonso. O assumpto é difficil de tratar, e a epocha mais difficil ainda. Segundo a nossa modesta opinião, e o que ouvimos a muitas pessoas de senso, saiu-se victoriosamente o A. d'estes dous perigosos empenhos. Sem estreitar-se sob a bitola das classicas unidas, e sem abusar das liberdades da moderna eschola, tratou naturalmente o feito, seguindo em 8 diversos quadros com toda a exactidão as datas, e os logares: e gentilmente se ergueu da segunda difficuldade à força de sublimar e poetisar o estylo, como o tempo e o caso pediam; apresentando juntamente uma lingua-gem castiça, e portugueza, e tão igual e cheia, que no conceito dos entendidos é este um dos mais louvados meritos do drama.

Avultam muito especialmente, entre as bellezas da peça, — o remate do 2.º quadro com a appareição d'el Rei a fazer cair por terra a venal espada de D. Martin — o commettimento de duello que faz D. Gomes Lourenço ao cobarde irmão da protagonista no 3.º quadro; — toda a scena poetica e arrebatada da crasta de Santa Cruz; — o bello e bem trabalhado quadro da taberna de Avelans, onde muito a pêlo conta Mestre Gil aos villões as historias do seu tempo; e onde se antevê já a premeditação do rapto, que o A. delicadamente quer fazer adivinhar, sem offender as susceptibilidades de ninguem com a sua representação; — a bem falada palestra de Affonso II, e sua côrte no penultimo quadro, — a scena capital d'este quadro, e de toda a peça, em que a protagonista pede a cabeça do illudido amante, vomitando em um discurso rico de eloquencia, primôr e força, todo o fel de sua encarnizada vingança; e a posição verdadeiramente dramatica do accusado quando ao ver-se por todos abandonado se lança nos braços abertos do prior de Santa Cruz, exclamando: « Padre! padre! que

me traiçoaram » e termina o quadro. Pesa-nos que o A. não fechasse aqui o seu drama com este mais bello, mais rico de seus lances. É nossa humilde opinião que realisado o pensamento do drama, e o feito da historia, tudo o que vai d'ahi por diante pende para exageração, e superabunda. Somos os primeiros a conhecer algumas, muitas bellezas parciais nas scenas de atrocissima vingança do ultimo quadro, mas faltariamos no nosso costume de franqueza, e amisade, se a par de tantas perfeições mettessemos no escuro este senão, unico em todo o vasto decorrer do drama.

O A. teve a fortuna de ver completamente realisada a sua ficção, no optimo desempenho, com que se houveram alguns actores, no possivel todos. O Sñr. Bessa continuou a arrobar-nos com os seus transportes, e valentia de expressão: entendemos que desempenhou a scena do carcere no ultimo quadro como primeiro actor de Portugal. O Sñr. Palha em delicadeza e maneiras senhoris, em primores de sentimento, em clareza e doçura de expressão foi muito além do que podia sonhar-se na representação de um papel de dama por um homem: o Sñr. Palha dotado de talento mais que mediano comprehendem o que disse, e executou o que comprehendeu. O Sñr. Alves da Silva deixou-nos encantados com a harmonia de sua voz, e com a gravidade de sua acção. O Sñr. O'Neill era um gentil monarcha apaixonado. O Sñr. Bentes não desmentiu, antes bem-memoreceu o conceito favoravel em que é tido pelo publico. O Sñr. Theotónio desempenhou com toda a capacidade o seu papel semicomico da taberna. O Sñr. Macedo é sempre a velha por antonomasia. O Sñr. Lopo mostrou muita propensão especialmente nas scenas fortes. O Sñr. José Julio andou bem na representação do gordo monarcha. E os outros actores, a quem couberam partes de menos nomeada, andaram tão bem, que não houve um desar a notar-se.

O A. vio satisfeitos os seus affaus lit-

terarios sendo mais que uma vez chamado fóra, todas victoriado; e brindado com ramos e corôas pelos seus amigos e admiradores.

J. F. de Serpa.

—♦♦♦—
UM ANJO DE MAIS.

(*A meu amigo Alexandro Theofilo de Carvalho Leal.*)

Roga a Deus, que teus dias encortou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou.
Camões.

SOLta, ó lyra desditosa,
Um triste canto dos teus,
Que aquella por quem suspiro
Dos homens fugiu p'ra Deus.

Tinha a pureza dos anjos,
Tinha a alvura do narciso,
Tinha nos labios formosos
Delicias do paraíso.

Da rôla tinha as meiguices,
Da pomba tinha a belleza,
Tinha a candura da rosa,
Da honina a singeleza.

Ella era rica d'encantos,
Rival das galas dos céus,
Não eram lindas estrellas
Mais lindas que os olhos seus.

Suspiros, que ella soltava
Ou no prazer, ou na dor
Achavam echo no peito
Do mancebo trovador.

E o trovador todo amores
Seu coração lle entregou,
E a virgem toda innocencia
Aos seus braços se lançou.

Todos os seus pensamentos
Fram d'ella, d'ella só,
Mas, ai triste! a linda rosa
Viu desfolhada no pó.

Viu-lhe a face descorada,
Os olhos amortecidos,
Ouviu-lhe n'angustia extrema
Gemer profundos gemidos.

E n'agonia da morte
Co' a eternidade abraçada,
Viu su'alma n'um suspiro
Subir á eterna morada.

E aquelles seios tão bellos
Que batiam compassados,
Immoveis foram-se á loisa
Insensiveis, desbotados!

E aquelles labios já mudos
Extremo beijo anhelaram;
Os d'ella ficaram frios,
Os d'elle a morte beijaram.

Ai triste do trovador,
Que tão sosinho ficou;
No mundo nada lle resta
De todo a esp'rança acabou!

Solta, ó lyra desditosa,
Um triste canto dos teus,
Que aquella por quem suspiras
Fugiu dos homens p'ra Deus.

Luiz de Bessa Corrêa.

—♦♦♦—
UM PASSEIO.

EPISODIO.

A um Amigo ()*

NAs poucas linhas, que te offereço, encerra-se um periodo ligeiro da minha vida; — o PASSEIO não é uma ficção tecida para matar o ocio d'alguns momentos; é um canto fúnebre devido ás cinzas d'um passado, é o epitaphio enigmatico d'uma illusão d'outr'ora, ou, se assim o quizeres, a necrologia concisa d'um sentimento profundo.

Profundo! — e bem profundo que era, pois que me passou pelo coração como a lava assoladora d'uma cratera volcanica, destruindo, revolvendo, e devorando faminta as raizes mais intimas de meus humildes anhelos; — profundo e bem profundo, pois que me deixou o coração nú, esteril, pobre como as areias do deserto; — pro-

(*) O Sr. A. X. R. Cordeiro.

fundo e bem profundo porque me cavou no peito um abysmo d'esperanças, que se esvaeceram rapidas, e me deixaram depois o vazio da indiferença!

E assim devia de ser porque os grandes sentimentos semelham-se ás grandes vegetações — esterilizam o coração assim como ellas consomem ao terreno a força productiva.

Eis pois uma pagina do meu peito desenrolada e patente, uma época da minha vida historiada em poucas palavras, coberta porém d'hieroglyphicos e recamada de sombras, porque ao cadaver, que dormia nas trevas do sepulchro, não agrada de repente o fulgor vivo d'um sol descoberto.

E demais as ruinas d'um coração vistas á luz pallida do mysterio não offerecerão encantos? — os restos de Palmira serão menos bellos ao clarão suave do astro nocturno? . . . Mas não entenderão. . . que importa! — Stael já disse *pourquoi demander au rossignol ce qu'à signifie son chant?*

UM PASSEIO.

São nossos tristes amores contados por um modo que os não entenderá ninguém.

(Garrett, Gil Vic.)

I.

A TARDE.

Era uma tarde de primavera, mas triste, sombria, e carregada, como se fora d'inverno; — a natureza mostrava-se em harmonia com a minha situação: era joven, a vida para mim tambem corria na primavera, mas triste, annuecada e tempestuosa como o declinar d'aquella tarde *fatal*.

Simpathiso com a tempestade, disse Byron, e creio que o poeta disse a verdade e a sentiu, se ao proferir esta phrase singular as vagas de seu coração lhe gemiam revoltas nas cavernas do peito. — Foi talvez porque isto me suc-

cedia, que n'essa tarde, por um sentimento instinctivo, deixei com prazer o socego domestico para gosar livremente do aspecto lugubre da natureza.

A primavera, a galharda estação dos amores, despira as suas vestes enfeitadas e senhoris, abandonára as suas galas de virgem namorada e louça para as trocar despeitosa pelos andrajos do inverno; pelo manto de nuvens da quadra dos gelos e das tormentas engeitára a Princeza do anno as côres variegadas de sua clamyde formosa; — pelo sceptro da tempestade trocára a inconstante a corôa de myrto e rosas que Deus lhe ageitara na fronte como uma auréola de luz sobre a cabeça d'um anjo!

E a minha alma engeitara tambem as galas da juventude, pedira ao mysterio o seu véo caliginoso e opaco, arremessando para longe a corôa dos mancebos; desfolhára com desprezo a rosa da alegria-trocando o seu aroma tão grato pelos espinhos sangrentos da tristeza; preferira á luz benefica do meio-dia as côres duvidosas d'um crepusculo, — as lagrimas da melancholia ao enthusiasmo do prazer!

Oh! como a natureza e a minha alma se mostravam d'accordo n'aquella tarde *sinistra!* — Dir-se-ia que o meu coração era um espelho para o seu rosto, um écho para as suas vozes, uma sombra para os seus movimentos! — Parecia que um mysterioso dialogo se travára entre nós, que ás perguntas d'um succediam com rapidez as respostas do outro, que os nossos pensamentos eram communs!

Se pela face luctuosa dos ceus passava rapida a luz pallida d'um relampago, era que dentro do peito me fusilava tambem o desespero! Se ao longe se fazia ouvir o estampido ronco d'um trovão, era que tambem na minha alma estalara, havia pouco, uma corda sonora, cujo estridor sentia ainda. . . .

A noite estava quasi a cair, a tarde

proxima a dar-me o seu adeus saudoso; parecia porém que lhe custava o despedir-se de mim; não queria terminar o seu colloquio de mysterios, a sua practica singular e cabalistica, sem me desabrochar de todo o livro sagrado de meus intimos arcanos!

O arco Iris, elevando-se magestosamente das extremas do horisonte, desenhara-se com toda a formosura de suas côres na superficie nebulosa dos céus; mas apenas o vi, desapareceu, e sumiu-se como donzella tímida fugindo envergonhada aos olhos ávidos do nancebo.

Reflecti um pouco. . .

Insensato! — não me lembrava que o arco d'alliança, que unia o meu a outro coração, apparecêra, desbotára e fugira como o cinto formoso que enfeitava o céu. . .

Pouco depois as folhas d'uma flôr, que um tufão desprezára, vieram cair a meus pés. . . Piscias machinalmente, e só passados alguns momentos pude sentir os espinhos d'esta allegoria amarga, mas ao menos ultima n'aquella tarde *agourcira*. . .

II.

A NOITE.

A noite desdobrára finalmente o seu manto de sombras; — o véo tenebroso de meus pensamentos tambem se ennegrecêra e condensára mais. . ., lusiam porém algumas pérolas engastadas na abobada celeste, e na minha alma era tudo negro, silencioso e triste como o seio d'um sepulchro!

Tudo solitario e calado!

Só a mudez do meu pensamento igualava então o silencio da natureza, só o deserto do meu coração podia assemelhar-se ao ermo triste d'aquelles sitios lugubres!

Ha soffrimentos que se enroscam no peito como viboras damnadas; — soffrimentos, que, semelhantes ao verme das loisas, corroem todas as fibras, espedaçam todos os tecidos, repassam to-

dos os ossos, e assim como este não despára o cadaver em quanto lhe offerece uma sombra d'alimento, assim aquelles não abandonam o coração antes de lhe devorar todo o succo da vida! — Assim é, ou assim o julgava então. . .

Mas para que pensava eu em tal? para que me revolvia eu nos espinhos crueis d'essa verdade acerba? — Loucura, que não sei explicar, mas que se-melhava bem a dor phrenetica do infeliz, que, tragando um veneno, lhe fosse gustando todo o amargor, medindo e calculando todos os effeitos, sentindo e prolongando todas as ancias!

E tão engolphado estava eu nos meus dolorosos pensamentos que nem me apercebêra sequer da mudança do tempo!

A noite ia serena e bella; a tempestade, que por toda a parte estendêra suas azas negras por sobre toda a extensão do horisonte, havia desaparecido ligeira demandando outras paragens; os castellos de nuvens, que obscureciam o firmamento, haviam-se desfeito de todo; a lua havia surgido bella e radiante, acompanhada dos astros formosos, que formam o cortejo da rainha das noites; o céu tão puro e scintillante assim recamado d'estrellas tão nitidas lembrava uma campina azul orvalhada de diamantes, ou o véo sumptuoso d'uma virgem islamica arreoiado com o ouro e pedrarias do Oriente.

A natureza estava bella, a primavera despira as vestes soturnas do inverno, depozera os seus postigos horrores, a sua mascara emprestada, para nos mostrar lêdo e desassombrado o seu rosto angelico — o vento não sibilava já, o rio corria placido, as flores cobravam alentos, o céu estava formoso; não rebombava o trovão, não serpeava o raio, nem fusilava o relampago; em vez das materias sulphureas que impregnavam os ares, o aroma suave das larangeiras embalsamava a atmos-

phera;—tudo era socegado e loução:— a procella da terra fugira, desapparecêra,—á da minha alma succederia o mesmo?

Uma lagrima solitaria, ardente, pesada m'escorregou então pela face; arrancar-n'a-ia dos olhos a dor ou o despeito?— O ultimo talvez; offendia-me a formosura da natureza, quizera que ella trajasse ainda as côres do meu coração, tinha saudades da tempestade!

Mas uma voz inexperada, um canto mavioso e terno veio quebrar por um pouco os delirios da minha imaginação; era uma voz melodiosa e suave como o devêra de ser a voz da primeira mulher nos braços do primeiro homem; era um canto formoso e sigelo como o primeiro hymno da criação ao sair das mãos do Creator; era uma harmonia do céu a que assim vinha partir-me alguns elos á cadeia das minhas ancias, e verter-me algum balsamo nas chagas fundas do coração! Oh! deliciosas foram as sensações que despertára aquella voz em todo o meu ser;— a um cadaver que *sentisse*, não seria mais grato um raio quente do sol coado pelas fílgas da sepultura, do que o foram para a minha alma, gelada e transida, aquellas notas harmoniosas e cadentes, que me caíam do céu como o orvalho doce da manhã sobre as flores esmorecidas do valle.

E sabeis d'onde vinham estes sons feiticieiros que assim m'embeveciam ouvido e coração?— Eram d'um rouxinol innocente, que, pousado sobre os ramos d'uma arvore proxima, começára de trinar; o cantor plumoso dos bosques fôra mais sensato que o trovador melancolico das cidades; vira a formosura da noite, e desprendêra o seu canto mimoso;—ouvira os queixumes suaves da briza, o murmurio brando da corrente, o susurrar das folhas nos salgueiros da margem, e quizera juntar ás harmonias da natureza a poezia celeste de seus internecidos gorgeios!

Eu, que fazia eu do meu alaúde singelo?

Foi então que pude envergonhar-me de mim;—recordei-me d'uma canção, que outr'ora fizera, travei da lyra esquecida, e eis-me acompanhando em seus hymnos canoros o numeroso Orpheu da floresta.

Minh'alma é como a flor singela e triste

Que a noite vem abrir,

Fechada á luz do sol, a noite apenas

Alegre a vê sorrir.

Minha lyra só geme quando pia

Sinistra ave agoureira,

Quando assoma gentil, desponta, alveja

A lua aventureira!

Mal se apaga nos céus a tocha d'ouro

Que nutre a luz do dia,

Resurge na minh'alma astro lusente,

O astro da alegria!

Apraz-me ver brilhar nitidos lumes,

Disco argenteo a surgir,

Ouvir a viração gemer nos troncos

As aguas ver luzir;

Aladas lentejoulas ver dourando

A verde e fofa relva,

Desfazer-se na praia a onda em pérolas,

Ouvir cantar na selva;

Minh'alma é como a flor singela e triste

Que a noite vem abrir,

Fechada á luz do sol, a noite apenas

Alegre a vê sorrir!

E ao desferir a estrophe derradeira do meu canto arremessei a lyra para longe, como arrependido da minha fraqueza.—Concentrei-me depois em mim procurando o âmago de minha amargura;—mas vi que as vagas do meu coração iam menos revoltas e soberbas. Ha doenças para que a musica é um remedio efficaz;—a poesia não tem menos poder para as enfermidades da alma!

A noite ia quasi em meia, a sua placidez já não me constrangia tanto; erguia os olhos para o céu, e cevava-os na sua formosura indisivel cravando-os avidamente na face azulada do infinito. Twe então um momento d'ineffavel do-

cura, a minha alma vagava livre pela amplitude do espaço, enxergava o selo da Omnipotencia nas maravilhas do Universo, e descobria em cada astro uma letra brilhante para o nome do Eterno! — Mas de repente vi ao longo, surgindo d'um lado do horizonte, duas nuvensinhas, que caminhavam solitarias, pela superficie dos céus; eram um pouco desiguaes em proporções, mas ambas d'um alvor extremo. Contemplei-as por muito tempo seguindo juntas o seu rumo; impellindo-as sempre o mesmo vento. Pareciam duas velas sulcando sosinhas as ondas d'um Oceano azulado, em que a lua se amostrava como um pharol mysterioso: eram dous cygnos amorosos navegando unidos em lago immenso; — eram duas almas que se entendiam e salvavam. Mas ao cabo as nuvens, em que se m'entelavam os olhos, separaram-se e desapareceram, talvez para mais se não encontrarem...

Uma gota de fel caiu então no meu coração: — era que a tarde da tempestade transmittira à noite bonançosa o seu poder fatal, a sua missão do inferno, a sua eloquencia allegorica!

Alta noite, isolado n'um gabinete, folheava com avidez as obras de V. Hugo. N'uma de suas paginas deparei ao acaso com esta phrase laconica no dizer, mas grande no sentido

«Ma vie a été pleine d'épines»

Tambem a minha! — exclamei então, e sorria amargamente...

Pouco depois adormecêra sobre o livro.
Abril 26, 1843.

A. Lima.

1830266
**A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILO-
SOPHIA.**

La sagesse de la Religion
l'emporte encore ici sur cel-
le des hommes.
Chateaubriand Gen. du Chr.

Completaram-se as septenta semanas, as quaes segundo a predicção do Pro-

pheta, que soube ler as tres mysteriosas palavras escriptas na parede da sala do Babylonio sacrilego, deviam decorrer desde a ordem dada por Artaxerxes Longimano para a restauração de Jerusalem e seu templo até a consummação da aliança, e abolição da hostia e dos sacrificios. A ruina desse templo famoso, que segundo Aggen devia ter a gloria de receber em seu recinto o Desejado das nações, e a chegada de um Chefe, que de uma vez para sempre destruiria a antiga Salem, acontecimentos eram, que por vaticinio do mesmo Propheta deviam seguir-se de perto, mas precedidos por horriveis guerras, pestes, o terremotos, como o annunciara um homem extraordinario, justicado pouco antes sobre o Golgotha em affrontoso patibulo: a voz da verdade ia levantar um brado terrivel.

Abandonado da dissoluta Roma lá termina uma existencia toda de crimes, esse monstro, cujo nome ainda hoje soa como uma praga do céu; degollam-se reciprocamente os exercitos de quatro imperadores, e logo a peste desenvolando sobre o imperio dos Cesares sua bandeira de morte, e a terra abalada em seus fundamentos, como se as portas do inferno se fechassem para sempre sobre seus batentes de ferro, pareciam ameaçar o genero humano de uma derradeira ruina. Um Capitão celebre pela sua clemencia bate ás portas de Jerusalem; elle grita aos Judeus, que salvem a cidade santa, e aquelle templo, maravilha do mundo, que os Romanos respeitam: mas ao esconder-se o Sol do decimo de Agosto, que já tinha visto arder o templo de Salomão, o clarão das chammas, que coroavam as outr'ora magestosas alturas de Sion e Moriah, annunciou ao mundo, que o templo dos filhos de Israel cedia o lugar a um novo templo tão vasto como o universo, e a synagoga passára a ser substituida por uma Igreja tão extensa, como o genero humano.

Era chegado o imperio daquelle, que

o Propheta rei tinha contemplado maior do que Salomão em gloria, e sabedoria; é o virá entre os resplendores dos sanctos sabindo eternamente do seio de seu Pai, para se offerecer depois em mysterioso holocausto — com os ossos assignalados sobre a pelle! os vestidos repartidos! a tunica posta em sorte! a lingua molhada em fel e vinagre! — em quanto seus inimigos blasphemando ao redor d'elle se fartavam em seu sangue. Era chegada a lei da graça, promulgada pelo rei pobre, rei pacifico, e salvador, a quem Zacharias tinha visto entrar triumphante em Jerusalem montado sobre um jumento, e pouco depois vendido por trinta dinheiros, que viriam a ser destinados para preço de um campo de sangue. Todos os povos do mundo eram chamados a entrar de posse da herança, que lhes fora assegurada pelo pimpolho de Jessé, o Anjo da alliança, a quem Micheas assignára por patria a pequena Bethlem, e Isaias o tinha visto saindo do seio de uma virgeou para purificar os gentios com uma sancta aspersão: aspersão de sangue o mais puro, que poderia regar a terra.

E esse sangue rojou baixando de uma Cruz per sobre as rochas nuas do Calvario, e as rochas estalaram com medonho estampido, partiram-se para eterno testemunho daquelle momento de horror, em que toda a natureza se cobriu de lucto! E os povos correram á porfia, os ricos atraz dos pobres, em busca daquelle herança, que tinha por unica condição o amor! o amor de Deus, e do genero humano! E a mulher até então ludibrio da força brutal recobrou sua independencia perante o homem; e o feroz patricio de Roma *civilisada*, que sustentava suas moréas com escravos partidos em postas, curvou a cerviz orgulhosa ao suave jugo da Cruz, e abraçou o escravo como irmão! E o Judeu, sem templo, e sem patria, errante por toda a face da terra começou então o seu perpetuo caminhar, levando impressa na fronte a sentença de interminavel exilio!

Desde esta epocha, de todas a mais memoravel dezoito paginas foram desenroladas pelo dedo da Providencia no livro, em que se acham escriptos os destinos dos seculos, e em cada uma dellas appareceu sempre estampada a Cruz, outr'ora emblema d'opprobrio, acima dos diademas dos reis, e fóra do alcance do sceptro de ferro dos tyranos. Cuidaram os *espíritos fortes da França*, e os *espíritos livres da Allemânia*, que na pagina decima nona appareceria derribada a Cruz, e arvorado em seu lugar o estandarte do atheismo, e do nada: assustava-os todavia, que achassem echo aquellas notaveis palavras do oraculo da revolução: » confessemos á face de todos os povos e » nações, que Deus é pelo menos tão » necessario á França, como a liberda- » de: arvoremos em todos os departa- » mentos o signal do Christianismo para » que nos não imputem o crime de ha- » vermos pretendido frustrar o ultimo re- » gresso da ordem publica, e apagar a » ultima esperanza da virtude desgra- » çada.» E por isso, ao volver da pagina fatal, elles fixaram os olhos na praça da Revolução para contemplarem os horrorosos sacrificios de sangue, que na cegueira do delirio destinaram para a divindade de seus sonhos. . . Mas a decima nona pagina se volveu, e no cimo della appareceu estampada a Cruz affrontando os pavorosos escarcéos das revoluções! Os *espíritos fortes* esmoreceram: as palavras do rival de Demosthenes tinham achado echo em muitos jovens corações dentro e fóra da França.

» Depois de haverem experimentado » todos os systemas, e uma a uma todas » as philosophias; depois de terem consumido todos os esforços e regressos » do saber humano « diz um distincto » escriptor Francez da nossa idade (*) », » embebidos em tristeza, e saltcados » d'um cansaço indefinivel appellam os » homens para aquelle que impera nos » Céus. Litteratos, orientalistas, enge-

(*) Reselly de Lorgues.

»nheiros, magistrados diplomatas, na-
 »turalistas, advogados, professores,
 »todas as capacidades, todas as forças
 »intellectuaes da nossa idade desde a
 »gente moça da *eschola polytechnica até*
 »a *velha academia*, se apinham com
 »assiduidade ao redor da cadeira evan-
 »gelica . . . Nos discursos publicos, nas
 »orações recitadas nos Odeons, Athe-
 »neus, e Academias o espiritualismo
 »levanta a voz. . . Fallava-se outr'ora da
 »Natureza, hoje falla-se do Creador. . .
 »Definha-se de despeito na deserta aula
 »a philosophia materialista; os órgãos
 »desta falsa sciencia sentem em vida so-
 »bre si o peso do esquecimento seme-
 »lhante ao da lousa sepelchral, ao passo
 »que a *mocidade* concorre com trans-
 »porte para onde quer que uma promessa
 »de immortalidade, uma faisca de fé lhe
 »esclarece as almas. . . . Já Benjamin
 »Constant observando os primeiros as-
 »somos desta regeneração moral, escre-
 »via: ao rebentar da revolução do seculo
 »18, a incredulidade quasi universal-
 »mente acolhida com favor começou a
 »professar publicamente suas doutrinas;
 »são passados quarenta annos, e um
 »movimento mysterioso, uma necessi-
 »dade, uma sedo de esperança se mani-
 »festa por toda a parte. Verdade é que
 »ainda um certo numero de individuos
 »imaginam, que affectando um orgulho-
 »so scepticismo, se acreditam por es-
 »piritos superiores, mas a *mocidade es-*
 »tudiosa, que se vai criando, delles se
 »arreda e foge, e para quem não é cego
 »por querer é visível que um impulso nos
 »vai conduzindo á fé».

Para a fé, repetimos nós, por que o
 sêllo da fé vemo-lo profundamente im-
 presso nos corações ainda virgens da
 mocidade do nosso seculo! para a fé,
 porque a fé, mysterioso presente do
 Céu, em que mãos se depositará tão di-
 gnas, como as que primeiras para elle
 se erguem puras depois d'uma epocha
 de crimes? A mocidade estudiosa da
 nossa Universidade tambem se sente
 arrastada por esse impulso para a fé;

um instincto occulto a leva a procurar
 com que saciar a sede de meditações
 religiosas, e a essa necessidade nos pede
 ella, que sacrificuemos ao menos uma
 columna do nosso jornal. . . Sim: al-
 mas, que não rojaram ainda aos pés do
 sordido idolo do interesse, peitos onde
 se casam em mystico abraço a pureza
 do amor, com a ingenuidade da fé, são
 as aras mais sanctificadas na nossa ver-
 dadeira creença; e sobre ellas offerece-
 remos aos Céus um tributo de nossos
 pensamentos de Christão.

CAPITULO I.
 O GENESIS E A GEOLOGIA.
 I.

In principio creavit Deus caelum et terram. (1)

MONARCHA dos seres da terra, que a
 pezar de lhe vergarem com o peso de
 grossa cadea as mãos creadas para ma-
 neejarem o sceptro da intelligencia, ain-
 da na humilhação do captiveiro não
 depôz o orgulho da realeza, o homem,
 fatigado do mysterio, que por toda a
 parte lhe rodea o ser, e a vida, não pô-
 de nunca abster-se de arrojarse pelo spi-
 rito em temerario vôo pelos immensos
 espaços da eternidade, como para assis-
 tir ao spectaculo augusto, solenne, e
 incomprehensivel, em que do seio do
 nada brotára inesperada a existencia.

E o espirito do homem por muitas
 vezes a sós com o seu orgulho divagou
 errante pelos abysmos do nada, e nem
 se quer pôde encontrar a quem pergun-
 tasse pelo ser, e pela vida: era como a
 ave do deserto, que demandando remo-
 tos climas, em vão procura na extensão
 dos mares o pincar ao menos d'um ro-
 chedo para repousar seus vôos.

E elle folheou depois o vasto livro da
 natureza, interrogou o mappa do uni-
 verso, e ali buscou os traços da esphe-

(1) No presente artigo nunca teremos o arrojado de dar as nossas idéas, como genuína interpretação do texto sagrado: quanto dizemos, consideramos, e queremos, que todos o considerem, como uma coisa muito menos, que paraphrase, de accordo todavia com as idéas vulgarmente adoptadas pela maior parte dos Geologos.

ra, que separava o mundo do nada: mas nem comprehendeu a linguagem da natureza porque a linguagem da natureza é singela, e só os humildes a entendem, nem achou os limites entre o ser, e o nada, porque entre o ser e o nada ha uma distancia infinita, em que a soberba do espirito se abysma, e perde!

E o livro de viagem do espirito do homem ahi ficou com todas as paginas em branco, apenas no sello lhe escrevêra o orgulho duas palavras de loucura — eternidade do mundo! . . . O mundo eterno! as leis e materia sem legislador, e sem principio! A materia! um composto de tantas partes! eterna e sem causa! e cada uma dessas partes tambem por consequencia eterna, e não tendo fora de si, onde beber a existencia, encerrará na sua mesma natureza a necessidade, a sede, e juntamente a fonte do proprio ser? . . . Oh! pois tenha cada uma dessas partes uma existencia necessaria; exista só por si, que ella não poderá existir sem todas as outras, por que todas as outras são como ella necessarias! Ella será então necessaria, e não necessaria ao mesmo tempo! será o emblema do mais grosseiro dos absurdos; e do fundo desse ser contradictorio, do centro desse nada real, uma voz apenas sairá, que hade gritar ao orgulho do espirito do homem — DELIRIO!

E eu vi, que o espirito do homem reconheceu aquella voz, olhou para o seu mundo eterno, e já o não encontrou; sentiu-se por toda a parte rodeado pelo nada, estremeceu, quebrou o sello impio do seu livro, e deixou o labyrintho das especulações: voltou para o coração do homem, e lá encontrou um sentimento mais profundo, que todas as theorias; viu a luz suavissima da fé, e ao clarão desta luz pôde chegar até as raias da existencia, e presentir dalli o insondavel abysmo, que a separa do nada, mas esse abysmo todo cheio por um Ente, que se estende ainda além do ser, e do nada!

E então já despido de soberba, o espirito do homem voltou de novo a contemplar o universo: abriu segunda vez o seu livro de viagem, e perguntou ao firmamento, quem era esse Ente, cuja gloria se manifestava no fulgor dos astros; perguntou aos mares, quem era esse Ente, cuja omnipotencia se revelava na magestade da procella; perguntou ás florestas, quem era esse Ente, cujas promessas de amor se escutavam no murmuro das brizas; perguntou ás montanhas, quem era esse Ente, cuja lei suprema lhe repetiam os échos; perguntou aos seres animados quem era esse Ente, cuja incomprehensivel sabedoria lhe faziam adorar os mysterios da vida; e o firmamento, os mares, as florestas, as montanhas, os animaes, o universo inteiro só lhe responderam — fé! e elle voltou-se para a fé, e a fé lhe disse — DEUS!

(Continuar-se-ha.)

G. de A.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

ANOTAÇÕES A WALDECK
POR

M. M. da Silva Bruschy.

Debaixo deste modesto titulo está publicando o A. um Comtentario ao Compendio das Institutas de Waldeck, em que, com muita claresa, methodo e concisão, expõe as doutrinas dos melhores JJ. antigos e modernos, omitidas n'aquelle excellente Compendio.

Recommendamos esta obra utilissima a todas as pessoas, que se entregam ao importante estudo da Jurisprudencia Romana. E não acompanhamos esta noticia de apparatusos elogios, em primeiro lugar porque as pessoas que não conhecem o nosso caracter, haviam de attribui-los á amizade que nos liga ao Sñr. Bruschy, e em segundo porque entendemos que o melhor elogio desta obra se encontra na sua leitura

J. da Rocha.

CONSELHO SUPERIOR

DE

INSTRUÇÃO PUBLICA.

Foi este corpo collectivo—contro director de toda a instrução, e coroa do edificio litterario—creado pela Lei de 20 de Setembro de 1844, e collocado em Coimbra para aproveitar a rennião das sciencias e das letras neste local.

Na ausencia do Ministro do Reino, Presidente do Concelho pela Lei, preside o Reitor da Universidade.

Compõe-se este Concelho de tres secções—*Instrução primaria—secundaria—e superior*. Tem oito Vogaes ordinarios, e Vogaes extraordinarios sem numero fixo, porque o são todos os *Oppositores e Doctores addidos*.

Tem duas vezes por semana *conferencias ordinarias* de Concelho, e antes d'estas *conferencias de Secções—conferencias geraes* de todos os vogaes duas vezes por anno—e *conferencias extraordinarias* de Concelho e de Secções particulares e geraes, sempre que o serviço exige.

Constituido em 9 d'Outubro, o Concelho tem-se occupado, alem do seu expediente ordinario, de varios trabalhos organicos indispensaveis para reduzir a marcha da administração a um andamento regular.

Na primeira conferencia geral celebrada a 19 de Dezembro deu o Concelho conta de importantissimos trabalhos, e consta que alguns foram já remettidos ao Governo de Sua Magestade; entre estes um regulamento geral para creação de escolas normaes, e outro para a administração da instrução primaria. Varios trabalhos de organização de livros elementares foram distribuidos pelas Secções aos S.^{tes} Vogaes addidos, que actualmte d'isso se occupam.

Consta que vai ser remettido em breve ao Governo um relatório geral da
N.º 2 — 1.º de Abril de 1845.

instrução publica, para ser presente ao Corpo Legislativo.

Temos provas da intelligencia e circumspecção com que o Concelho vai dirigindo o exercicio de suas funcções, em um projecto de instruções circulares, que foram dirigidas a todos os seus delegados, sobre a execução de varios artigos da novissima Lei.

Creando esta o principio das multas pecuniarias (novo entre nós) para obrigar os chefes de familia a mandarem seus filhos às escolas primarias, é de recar que encontro resistencias filhas de inveterados habitos, ou da ignorancia dos incalculaveis proveitos que as classes laboriosas podem tirar da instrução. Havendo alem d'isso circumstancias que obrigam a modificações na execução practica da Lei, taes como distancias, pobreza, rigor de estações; e não se podendo pôr toda a confiança no escrupulo e necessaria prudencia, com que auctoridades administrativas subalternas não-de dirigir a execução de uma medida coerciva e desconhecida: consta que o Concelho por evitar occorrencias desagradaveis que muito prejudicaram ao gosto de propagar a instrução, regula nas suas instruções circulares a execução da Lei por fórma que é de esperar não seja necessario recorrer á imposição das multas, ou quando se recorra seja em tempo que a justiça e necessidade da medida se achem plenamente justificadas.

Procedendo com esta prudencia mostra o Concelho que conhece muito bem os offeitos que em outros paizes tem produzido aquella sanção penal, sendo differentes e até contrarios conforme tem sido executados mais ou menos cautelosamente.

Aguardamos a conferencia geral do verão para conhecer mais circumstanciadamente o estado dos trabalhos organicos e administrativos d'um corpo que hoje attrahe as attentões publicas.

— 18010 —

INSTITUTO DRAMATICO.

Nas sessões de 8 e 12 de Março foram apresentados e lidos ao Instituto os dramas — *D. Sisnando*, em 3 actos, e em verso, reformado pelo seu auctor O Sr. Jozé Freire de Serpa, membro e Presidente honorario do Instituto; — e *Uma Judia na corte d'elrei D. João* 3.º, em 5 actos e 9 quadros, do mesmo auctor.

Na sessão do dia 15 teve logar a discussão d'estes dramas, dos quaes o 1.º foi approvedo, para poder ser representado quando as circumstancias do theatro o permittirem; e o 2.º para ser levado á scena no corrente anno, ficando salvo ao auctor o direito de lhe fazer as alterações que julgar conveniente.

Falláram largamente muitos dos Membros ácerca do 2.º drama. Mencionaremos mais amplamente algumas suas observações quando apresentarmos o juizo das provas publicas, a que a peça vai ser submettida.

— 18010 —

INFLUENCIA DO CHRISTIANISMO
SOBRE A LEGISLAÇÃO.

On a toujours vu la religion
assisé près du berceau des
peuples, et la philosophie sur
leur tombeau.

M. de Lamennais.

O Objecto, que nos propomos tractar, é por sua natureza vastissimo, e de um interesse igual á sua vastidão. Não escrevemos porém uma obra que abranja e desenvolva todos os pontos capazes de entrar neste quadro historico e philosophico; nem as columnas de um jornal nem a capacidade do auctor estão em relação com tal desenvolvimento. O nosso fim é mais modesto, mas nem por isso o julgamos menos util; queremos mostrar que a mocidade academica *ancea* pelo exame das mais importantes questões moraes.

Não escasseiam entre nós pennas capazes de o fazer, cumpre porém a um jornal estabelecido no centro da unica Universidade portugueza, levantar a voz da supplica, para que sendo ouvida se satisfaça esta necessidade litteraria e moral.

As idéas do justo e das regras que lhe marcam os limites são de tal sorte ligadas com o espirito de elevação do sentimento religioso, *sentimento que nos faz recorrer a uma causa prima de todas as relações*, que a sua separação só pôde produzir o definhamento do corpo social; porque *materializando* os laços moraes que ligam os homens, os torna quebradiços á força de os seccar. E neste sentido é que tomámos por epigrapho o *pensamento* de Lamennais.

Todas as vezes que a philosophia com o seu *frio* escalpello de analyse dissecar o homem social, para depois com seus membros frios e inertes reconstruir o edificio social, o resultado será uma mumia, um todo sem movimento, e privado de sensações; e no entanto é no movimento e sentimento que consiste o existir dos homens e dos povos.

Estas razões tem feito sempre associar a religião com todas as legislações, embora a *lettra* da Lei o não diga: o seu espirito exprime-o.

O Direito reflecte mais ou menos confusamente as idéas dos povos; e em que povo a idéa da religião não é a maior, o mais arreigada?

A par dos motivos politicos, historicos e locaes que entram na composição da legislação de um povo, a religião é sempre o mais poderoso, talvez mesmo por ser o menos apparente: porque tal é tambem a vaidade do homem, que se assim não fôra, tiraria motivo de revoltar-se da sublimidade do juço.

Será o principio religioso do Christianismo que tractaremos de descobrir na legislação, como em um espelho.

Limitamo-nos a examinar a influencia do Christianismo, por isso que esta religião foi a que mais contribuiu para a mo-

dificação do Direito romano *fonte de todas as legislações dos povos da civilização moderna*, — por conter em seus dogmas os mais verdadeiros principios do justo, e muito principalmente porque religiosa, historica, e philosophicamente cremos no seu *catholicismo* ou universalidade, — por ser a unica religião capaz de se adaptar a todos os progressos de civilização, — por ser de si a mais *humana*, e consequentemente a mais progressiva de todas as crenças.

» A philosophia christã é a base do nosso Direito, e, juridicamente fallando, viemos por ella mais do que pelas idéas herdadas do mundo romano e grego.» Exclama Troplong depois de analysar a influencia do Christianismo sobre o Direito romano.

E affirmaremos nós que a civilização moderna já não carece d'esse elemento na sua legislação, porque se acha de ha muito emancipada?

Certo que não. O genero humano *um* na sua origem, mas dividido em ramos de diferentes idades, e formas é semelhante a uma arvore immensa, cuja seiva o Christianismo tem modificado, e tende a transformar completamente.

Os meios de comunicação, que os progressos das sciencias appresentam actualmente, estão todos *monopolizados* em mãos christãs. A imprensa entre os Chins anterior ao invento de Guttenberg na Europa, não communicou ao mundo as idéas e artes da China, e no entanto a imprensa europea espalha hoje por todas as regiões do Globo as idéas christãs. E donde provém este espirito de *propaganda civilisadora* dos povos europeos senão do Christianismo? O *mohometismo* com as leis do *Al-Koran* estacionario, fatalista, e local delinha-se no meio de ruinas; a *idolatria* com o seu materialismo legislativo, com a escravidão e inferioridade social das mulheres perece, e vê diminuir diariamente o numero dos seus sectarios; o *atheismo*, o *pantheismo* e o *scepticismo*, nunca chegaram nem chegarão a influir nas leis dos

povos, porque absurdos, aridos, e desconsoladores nunca podem lançar raizes nos corações das *massas*, que constituem as nações.

Sómente o Christianismo com a sua charidade paternal, com a emancipação do sexo feminino, com a *monogamia*, com as idéas de igualdade legal, com a anniquilação da escravidão, com a religiosa observancia da palavra, tem em si todos os elementos constitutivos de organização social verdadeiramente humana, e por consequente verdadeiramente progressiva.

Constituir a familia sobre bases estabeveis, assegurar a propriedade, e dar verdadeira força aos contractos, tem sido os effeitos da civilização christã sobre as legislações modernas.

Será tambem esta a marcha que seguiremos na exposição das nossas idéas. Oxalá que as columnas da *Revista Academica* possam despertar os eugenios portuguezes, e que materias tão importantes sejam tractadas como devem ser por quem o pôde fazer.

1.

No exame da familia, as legislações dos povos christãos appresentam-nos tres especies de relações, em que visivelmente encontramos a philosophia christã com toda a sua sublimidade, e pureza. O matrimonio, o patrio poder, e a sociedade do amo com o criado.

Nos codigos em que não tem sido *infiltrados* os principios do Christianismo, ou se permite a *polygamia*; e então a escravidão das mulheres, consequencia necessaria e logica de um tal estado, para que um só possa dominar sobre muitos, (como nota Montesquieu); ou então a *monogamia*; e tudo é n'ella sensual e material.

As mulheres pelas legislações orientaes ou são as escravas de seus indolentes senhores, ou victimas sacrificadas á satisfação dos seus prazeres sensuaes. A tyrania a braços com a desesperação, ou o entorpecimento moral e physico

da metade do genero humano, são os quadros que estas legislações nos apresentam.

No occidente a prostituição honrada e acatada nas *Lais e Aspasias*, punida severamente nas esposas, prôva que os Gregos, com quanto menos sensualistas que esse Oriente, onde tinham ido beber os elementos da sua civilização, eram com tudo *egoistas*, pois era o *egoismo*, que os fazia amar na mulher cortezã o mesmo que castigavam na matrona.

Entre os Romanos, esse *povo rei*, cujos principios de legislação ainda hoje se encontram em todos os Codigos, tempos houve nos quaes o *uso* e a *compra* eram os meios de contrahir os laços conjugaes.

Estava porém reservado para esse povo ser o principal instrumento do estabelecimento do Christianismo; e foi no apogeo da sua gloria que sobre elle raiou a estrella nascida na Judea.

Cruenta foi a batalha do elemento pagão dos Romanos, com o Christianismo, mas cada illustre athleta da nova lei que succumbia, *rubricava* a sentença condemnatoria de uma idéa antiga.

Desde os tempos de Alexandre Severo que collocara Christo no numero dos Deuses, até os de Constantino o espirito do Christianismo ganhára a victoria intellectual. Não foi um *Senatus-consulto* do Imperador Theodozio (Gibbon t. 5. Chateaubriand t. 2.) que destronisára Jupiter do Olympo, foram as idéas do *monothismo* Christão; assim como não tinham sido as Leis de Constantino que tinham dado a victoria ao estandarte da Cruz, porque no mesmo anno (321) em que mandára sanctificar o Domingo mandava consultar os aruspices (L. 4. Cod. Theod. l. 16. tit. 10. L. 3. Cod. R. Pre. l. 3. tit. 2.).

Não foram os Decretos dos Principes, foram os principios christãos que *incarnados* nas almas dos Jurisconsultos Romanos, os fazia professar doutrinas contrarias ás idéas antigas, e de tal modo

christãs que S. Agostinho chama á legislação romana divinamente inspirada — *Leges Romanorum divinitus per ora principum emanarunt.* —

Nenhuma instituição social se desenvolveu mais promptamente ao bafo creador do Christianismo, do que o matrimonio.

A corrupção dos costumes tinha produzido o divorcio nos fins da era republicana, e o celibato era o estado appetecido nos primeiros tempos do Imperio. Os fragmentos da L. Julia Papia que possuímos são provas do mal, e da má escolha do remedio; não são os *desejos* das honras e privilegios, não é a avareza, o que deve levar o homem a contractar a mais doce de todas as ligações, como quer essa Lei: devem ser os principios do Christianismo.

Segundo estes, o matrimonio deve ser o resultado de uma vocação livre: é uma benção divina, e um alto ministério conferido pela graça (S. Math. Cap. 19.) E são estes principios de liberdade que vemos sancionados nos Cod. Theodosiano e Justiniano no tit. de infirmam. pæn. calib. Ainda mais a L. 29. C. de nup. declara validos os matrimonios entre pessoas de diferentes jerarchias. O Imperador esposo da Actriz Theodora passava o nivel christão sobre desigualdades, que razões *humanas* podem acatar, mas que o Christianismo não pôde admittir.

Foi por conseguinte o Christianismo que destruiu a Legislação antiga á cerca do matrimonio.

No entanto esta missão não estava acabada, não bastava tornar livre o matrimonio, porque essa liberdade lhe podia ser nociva. O Christianismo tinha herdado os principios do livro da Sabedoria (Lib. Sap. Cap. 4. v. 6.) *E os filhos das noites dedicadas ao crime serão testemunhas contra os seus auctores.*

Os filhos d'essas uniões formadas pelo delirio das paixões, veem no mundo marcados com o ferrete do infortunio, enfermos physicamente, deshonrados pela

incerteza da paternidade e dissolutos costumes de suas mães, e sem posição na sociedade. Taes inconvenientes não podiam escapar ao Christianismo, e por isso elle proclama, *que os appetites carnaes devem ser regulados pelo espirito* (S. Paul. ad Galat. Cap. 5. v. 17.)

Custosa foi de conseguir a sanctificação do matrimonio. Somente em uma Lei de Justiniano se acha mencionada a festividade religiosa do casamento (Nov. 74. § 1. e conforme alguns a L. 24. C. de nupt.), mas ainda depois o Imp. Leão (Nov. 89.) condemna o olvido da intervenção religiosa!

Comparemos o Direito romano e o Evangelho definindo o matrimonio. — *Conjunctio maris et feminae, et consortium omnis vitae* — lhe chama aquelle (L. 1. ff. de rit. nup.) — *Duo in carne una* — diz este (S. Math. Cap. 19 v. 5.) e acharemos proclamados os principios da moral christã, com respeito ao matrimonio.

Elevada a mulher ao alto sacerdocio de Mãe de familias, o Christianismo deu-lhe a mais sancta e sublime de todas as missões; verdadeira enviada do Céu, a sua união celestial com o homem resumem nos nomes de esposa e mãe quanto ha de mais bello e puro no circulo das affeições humanas; não satisfaz uma necessidade fatal da humanidade, diviniisa a amizade; e o coração da mulher foi pelo Christianismo transformado em outra lyra de Orpheu; fazendo vibrar as cordas tão harmoniosas da ternura feminina em beneficio da humanidade.

Foi a mulher emancipada, e nas mãos do Christianismo é o instrumento talvez mais poderoso da civilização do homem. Todas as Legislações modernas o reconhecem, e sancionam; ainda quando consideram o matrimonio pelo lado simplesmente civil.

Tal foi um dos effeitos do Christianismo sobre as Legislações modernas.

(Continuar-se-ha.)

S. B.

ABBADONA E ADRAMELEC

ou

O DEMONIO ARREPENDIDO E O DEMONIO CONTUMAZ

(Fragmento Traduzido do allemão de Klopstock)

*Abbadona, nur er war unbeweglich geliebt,
Folgte von fern &c.*

Messias II Ges. v. 743,

Abbadona, que só ficara immovel.
De longe os foi seguindo:—ou dissuadi-los
Elle tentava das lenções damnadas,
Ou ver o fim d'esse attentado horrivel:
Seus passos lentos são:—no umbral das portas,
Que os seios guardam da infernal morada,
Os anjos do senhor continuo velam.
Abbadona infeliz, qual dor a tua
Quando o invencivel Abdiel lá viste!
Os olhos abaixou:—na escolha incerto
De parar ou fugir ou mergulhar-se
Outra vez na mansão dos ais, das trevas,
Parou tremulo, enfim, entre os limites
D'esse imperio do mal, e d'estes mundos,
Que Deus plantára, em dia glorioso,
Nas campinas do orbe immensuravel.
O coração no peito arrependido
Do desgraçado ancioso bate, e o pranto
Lhe queima o rosto livido—esse pranto,
Que aos anjos dado é só: do fundo seio
Longos suspiros de afflicção lhe fogem:—
Duradouro pavor, pavor ignoto
Da morte aos filhos, lhe sacode os membros
Quando onsa proseguir:—Abdiel, em tanto
Placido, os olhos tem fitos nos mundos
Do creador, a quem leal ficara:
E Abbadona passou sem que elle o visse.
Qual inda joven, na manhã primeira,
O sol fulgiu, fulgiram sobre a terra,
Creada apenas, os suaves dias
Da primavera, o seraphim fulgia;
Mas seu brilho não chega ao desditoso
Abbadona, que avante solitario
Segue, e apoz um suspiro, assim exclama:
» Abdiel, meu irmão, tambem tu queres
» Affastar-me de ti eternamente!
» Deixar-me queres tu, de ti distante,
» Eternamente na solidão jazendo?
» Choraes, filhos da luz, meu fado adverso!
» Nunca mais, nunca mais elle hade amar-me!
» Desfolhae vossas flores, bosquesinhos,
» Onde acerca de Deus santos colloquios
» Sob as azas d'amor ambos travámos!
» Lagos, juncto dos quaes ontrora, ternos,
» Eulacados, os canticos erguemos,
» Com voz suave, a Deus; oh vós, seccae-vos!
» Meu irmão Abdiel, és morto, és morto,

» Eternamente para mim!—Escura
 » Morada minha, Inferno; oh mãe das dores,
 » Interminável noite, a perda sua
 » Vem comigo chorar!—um ai me envia
 » Das tuas serras lobregas que o susto
 » Em mim verte o senhor! Irmão, amigo,
 » Abdicel, para mim és morto, és morto!
 Lamentava-se assim voltando a face
 Para nem dos lados, tremulo; aterrado
 Pelo alado trovão e pelo brilho
 Dos astros de Orion que a encontra-lo correm
 Ao penetrar na immensidão dos orbes,
 Eras tinham passado em que os não vira,
 Na soledade immerso e entregue todo
 A' sua desventura:—então immóvel,
 Pensativo os olhava e assim dizia:
 » Penetral venturoso, ah! que eu pudesse
 » Voltar por ti do Creador aos mundos
 » E nunca mais entrar no escuro abysmo
 » Da maldição!—Oh soes innumeráveis,
 » Filhos da criação! que vós fulgente
 » Não era eu mais, quando do eterno ao grito,
 » Surgistes fulgurantes, despedidos
 » Lá da mão do Senhor?— Ora eis-me envolto
 » Na minha escuridão, maldicto e odio
 » Do sublime Universo!—oh céu fulgente
 » Ao vêr-te gélo e tremo!—um criminoso
 » É la que eu fui—lá fui de Deus contrario!
 » Tu socego immortal onde ficaste?
 » Tu, socio meu no valle da alegria?
 » Ah, em logar de ti um triste espanto
 » O meu juiz apenas me concede,
 » Ao ver os mudos seus!—Fosse-me dado
 » Senhor chamar-lhe ajoelhando, ao menos!
 » De bom grado de pae cedera o nome,
 » Nome terno, que dar lhe os anjos podem,
 » Que lhe foram fieis, que são seus filhos,
 » Do mundo julgador! eu condemnado
 » Nem te posso implorar que neste abysmo
 » Sobre mim lances um olhar sómente!
 » Idéa escura! tormentosa idéia!
 » O desespero e a dor é minha herança!
 » Antes não existir. —Mal bajas, dia,
 » Em que o meu creador me ha dicto=existe=
 » Tu surgias então lá do oriente
 » Envolto em luz de gloria—e o coro de anjos,
 » Arrancados como eu do nada obscuro,
 » Me chamaram irmão:—dia odioso
 » Maldicto sejas tu!—Eternidade,
 » De immensas dores mãe, porque o geraste?
 » E se, na serie dos ligeiros tempos,
 » Não era dado aniquillar tal dia,
 » Negro fosse elle como eterna noite
 » Procellosa, mortifera, surgindo
 » Do fulminante à voz, erma das obras
 » De Deus, e em luto e colera revolta...
 » Mas contra quem, malvado, te enfureces,
 » Ante estes orbes, que te não visto o crime,
 » Imperdoavel crime?—Astros, mundo,
 » Sobre mim vos lança!—cubri-me, estrellas,
 » Do tremendo furor d'esse, que in'migo

» E junctamente julgador me aterra;
 » Do throno da vingança interminavel!
 » Oh tu, nos teus juizos sempre o mesmo,
 » Inexoravel sempre—Oh Deus!—na tua
 » Eternidade do porvir não resta
 » De esperança uma sombra? Ah tu divino
 » Juiz, és creador,—és pae piedoso?.....
 » Que disse?—contra Jehovah blasfemo!
 » Trahiu-me o coração meu desespero!
 » Eu o nome lhe dei—sagrado nome—
 » Que a peccador algum, que já não possa
 » Ser redemido, concedido é dar-lhe.
 » Eu fugirei!—trovão omnipotente
 » D'elle vindo já rugo e horrido rasga
 » A influidade?—onde esconder-me?—Eu fujo!
 Disse —e turbado olhou do abysmo o seio.
 » Tu que podes sumir-me, o triste clama,
 » Um fogo cria, oh Deus, que me devore.
 » Que aniquile um espirito! Insondavel
 » Deus, nos juizos teus...

Debalde implora:

Nenhum fogo de morte alli se enflama.
 Então, voltando se retrac por meio
 Dos orbes—tresfolgando, em cima pára
 De um iminente sol:—d'alli os olhos
 Para baixo lançou:—astros e astros
 Embatendo-se vê, quaes igneos lagos
 Errante um globo terreo se aproxima;
 Rebãte contra o sol:—visinho estava
 Seu juizo final: sobre elle atira
 Abbadona consigo, desejo
 De fenecer com elle: em vão o intenta
 Que perver não pôde—e semelhante
 A monte pleno de ossos carcomidos,
 Restos d'homem guerreiro, e monumento
 Das batalhas de outrora—baqueando
 Desmoronado por tremor de terra—
 Tal Abbadona sobre o terreo globo,
 De pungentes remorsos devorado,
 Veiu cair, tombando, lento, lento.

(concluir-se-ha)

A. Herculano.

— 012 012 —
O LIVRO DE ELYSA

POR
J. DE LEMOS.

— 012 012 —
Fragmentos.

I.

ELysa!— Vou escrever um livro, mas um livro só para ti.

Ha de ser a traducção do pensamento reboando caprichoso por todo esse universo; ha de ser o monumento de uma longa saudade engulhosa a não desper-

diçar uma hora de remanso, a não sorrir nem suspirar senão contigo; ha-de ser um jornal do coração de que tu serás o unico assignante, o unico leitor, e mais ainda o unico entendedor; ha-de ser o desapertar incerto de ramalhetinhos da minha musa melancholicamente suave ou desesperada, ha-de ser, enfim, o exercicio de uma devoção sublime do amor. será talvez o de um sacerdotio mysterioso, será de certo o de um martyrio de ausencia pungente.

Anjo! — este livro deve ser muito amado por ti.

Quero-o á cabeceira do teu leito, no teu tocador, na mesa do almoço, no cestinho da tua costura, nos teus passeios, no theatro, no baile, na côrte, na provincia, nos risos, nas lagrimas, na esperanza, no desconsôlo, na vida, na morte. Em qualquer parte, em qualquer circumstancia que te encontres, abre-o; e abre-o com a crença supersticiosa do amor e da ternura que nelle beberás uma superstição amorosa e terna para alegrar-se e para gemer contigo.

Anjo! — este livro deve ser muito amado por ti.

Mas olha que este amor tão pedido para elle, não consiste na presenca inutil e preguiçosa, ou no habito indifferente e quasi que importuno, não: — quero-o sempre ao teu lado, quero-o ainda mais, muito mais, ia dizendo unicamente, no teu coração.

Elysa! é com este nome que me apraz escrever-te, por que uma imprudencia, um acaso natural da minha vida de mancebo podia revelar com o manuscrito a palavra sacramental do meu segredo: — o véu é demasiado diaphano aos meus olhos, será impenetravel aos de estranhos, e para ti é uma prova do meu egoismo ou soffreguidão, que te agradará.

O rei formosissimo de todos os astros nem se offende nem fica menos bello, porque a sombra ligeira de uma nuvem lhe passou pela frente.

Mulher-typo! divindade talvez, ou sonho, ou illusão, ou feitiço, ou sombra, realidade, ou nada — eu te amo! E sabes tu como é este amor? escuta.

Já viste duas pombas a devorar o espaço com as brancas azas de seda, correndo, voando, internando-se por esse azul da cupula immensa, ou pousando á beira d'um lago de saphiras, ditosas na sua loucura, loucas na sua innocencia, innocentes nos seus carinhos? — é o amor da pomba; é o meu amor.

Já viste ao pé dos corregos do inverno duas plantas indolentemente enroscadas, teimosas, viçosas, purissimas, cheias de gôso sem futuro, cheias de futuro no gôso? — é o amor da planta; é o meu amor.

Já viste como a rosa, voluptuosamente desabrochada no tugurio verde da sua roseira, é, ao despontar da aurora, tão festejada, tão conversada, tão abraçada, tão beijada, e tão adorada pela brisa? — é o amor da brisa; é o meu amor.

Já viste uma criancinha, que se anda embriagando de folguedos no amanhecer da existencia, e que logo os foge, que os engeita desdenhosa, por que a mãe lhe choveu entre elles, e que desfeita em sympathia risonha, em nuignice, em requebros lhe entreabre os braços e lhe pula ao collo? — é o amor da criancinha, é o meu amor.

Já viste essa mãe carinhosa, errar anhelante, desalinhada, com os pés e os braços nus, o cabello desatado, os olhos em lagrimas, o peito a ondular-lhe, os labios roxos e convulsos, a voz embaciada de suspiros, toda ella uma louca, ou antes um mysterio, toda ella resumida num sentimento indizivel, sublime, divino, a calcar abrolhos, a transpor abysmos, a galgar têsos, a olhar, a escutar, a inquirir homens e pedras, a consultar pégadas, a ferir o rosto com uma das mãos, a esmagar os seios com a outra, e tudo em busca do filhinho, que se lhe perdêra? — é o amor da mãe carinhosa; é o meu amor.

Já viste o proscripto da patria assentado tristemente nos picaros de serra estrangeira, comparando cada pedaço de terra, cada arvore, cada penedo, cada passaro, que lhe descanta, cada choupana, cada homem, cada povo, e os ares, e o horisonte, e as nuvens, e as estrellas, e o sol, e o céu; bradar depois pela patria, só pela patria? — é o amor do proscripto; é o meu amor.

Já viste o marinheiro, nascido e criado nas aguas, identificar-se com ellas, namorar-se do seu navio, brincar-o, enfeitá-lo, acaricial-o sempre, beijar-lhe os cabos e velame, os mastros e o leme, contente vagar pelo estendal das vagas, sorrir ás procellas, sorrir ás bonanças, anhelar de longe uma ilha toda verde, que lhe está accnando na alma; um portó fagueiro, que lhe está alvejando no pensamento, uma estrella da noite, que lhe está radiando no coração; e atirar-se assim de encantado por esse mundo sem raías, a espriguiçar-se nas sensações, a sorver delirios e melancholias suavissimas, ainda que rudes e profundas; ora cavando o pelago com olhos severos, ora analysando o concavo d'um tecto infinito com olhos meditadores; e naquella soidão de que é monarcha, com as suas endeixas e com o seu alaúde, apinboando lá dentro d'alma cada vez mais despresos da terra, mais orgulho e fanatismo pelas suas campinas de cristal? — é o amor do marinheiro; é o meu amor.

Já viste o captivo encostado ao marco de pedra, quasi tão quedo como elle, com a fronte enrugada e em cada ruga um concentramento de paixão, com a vista cravada no ferro, que lhe aperta e enodoa a perna, uma vista tão cravada, tão pegada que a disseras um martello alli fundido por não poder despedaçar aquelle anel; e uma lagrima a resaltar-lhe das faces ao ferro como se fôra o liquido, que havia de dissolve-lo, e a mão estendida e tesa, e depois um sorriso, um sorriso para a liberdade, para aquelle coração outra vez a bater sem phafamentos, para aquelles olhos outra vez

erguidos, para aquelles braços outra vez seus, para aquelles pés outra vez libertos, para aquelle ar que respirava, para aquella casa, aquelles amigos, aquella vida, aquelle mundo, que lá lhe ficou? — é o amor do captivo; é o meu amor.

E já viste, finalmente, o condemnado a quem o vento do sepulchro sacode sobre a escada do cadafalso, que pende para a morte como a hastea, que se murcha, e que d'alli, de sobre esse triangulo erguido para vergonha da humanidade, escarneo de Deus, e epigramma da civilisação, d'alli arremessa uma vista infinita, insondavel, incomprehensivel para a turba, que brutalmente o festeja, mas para a turba, que elle nunca mais ha-de vêr: para o mar, que lhe rebrame ao pé como se cantára uma nenia execravel, mas para o mar, que elle nunca mais ha-de vêr; para os céus, que recamados de sombras como que lhe toldam a esperanza desapiedados, mas para os céus, que elle nunca mais ha-de vêr; para a terra, que lhe floreja ao longe alegre e formosa como se o quizera insultar no ultimo transe, mas para a terra, que elle nunca mais ha-de vêr; para as memorias d'um passado talvez prenhe de sangue e de remorsos, mas um passado, que elle nunca mais ha-de vêr; e essa vista resumida, em fim, a luctar entre a mortalha e o vestido, entre o carcere e a corda, entre a corda e a tumba, entre a morte e a vida, allí lhe foge toda para a vida; para vida, que lhe matam, para a vida tão querida, tão linda e tão dôce olhada do cadafalso, para a vida suspirada, gemida, e anciosamente chorada d'aquella altura tremenda, para a vida por que é sua, para a vida porque é boa, para a vida ainda que fora má? — é o amor do condemnado; é o meu amor.

E como o amor da pomba é innocente a amar a pomba, como o amor da planta é viçoso a amar a planta, como o amor da brisa é nimoso a amar a rosa, como o amor da criancinha é risonho e meigo a amar a mãe, como o amor da mãe é desalinhadó e louco a amar o

filho, como o amor do proscripto é gemedor a amar a patria, como o amor do marinheiro é profundo, melancolico e despresador a amar os mares, como o amor do captivo é meditado e desejoso a amar a liberdade, como o amor do condemnado é vehemente desesperado e terrivel a amar a vida, é assim o amor do poeta a uma mulher; — é o meu amor.

E tu és a minha pomba, a minha planta e a minha rosa, a minha mãe e o meu filho, a minha patria e os meus mares, a minha liberdade e a minha vida! — Mulher! eu te amo, eu te amo!



(Continuar-se-ha.)

O MEDICO.

I.

La plus haute mission de l'homme, après celle du service des autels, est d'être prêtre du feu sacré de la vie, dispensateur des plus beaux dons de Dieu, et maître des forces occultes de la nature, c'est-à-dire, d'être Médecin.

Hufeland. — Aphorismes.

Depois da missão do homem que, rompidos os laços de patria e de familia, corre para toda a parte onde ha uma alma que resgatar para o Céu: que, affrontando as iras de povos barbaros e selvagens, vai sereno plantar no meio d'elles a cruz do Redemptor; e só, em paiz desconhecido, sem esperança de gloria, ao som do rugir do tigre, levanta a Deus uma oração pelos homens; — que, desgarrado do mundo, se sujeita a uma vida austera de solidão para ir, no alto dos Alpes, apparecer como um anjo ao desgraçado cujo corpo enregelado com o frio dormia já, sobre um leito de neve, num semno d'onde nunca havia de acordar: — depois da missão deste homem que inclina a sua fronte, encanecida na virtude e na piedade, sobre o leito do

pobre como do rico, do grande como do pequeno; a quem se confiam os segredos mais intimos do coração — unico amigo de quem não tem amigos sobre a a terra — que estende ao moribundo aquella cruz que tantas vezes tem recebido o derradeiro suspiro do homem na hora do passamento, e aquella mão que é a ultima que se aperta ao despedir do mundo, já diante da eternidade! — depois da missão d'este homem, a mais sublime de todas as missões sociaes é a do medico.

Sacerdote do fogo sagrado da vida, o médico, como o sacerdote christão, tem deveres a cumprir igualmente nobres e igualmente sublimes. Diante do doente deve desaparecer para elle toda a idéa de interesse pessoal; deve sacrificar todas as suas conveniencias, a sua reputação mesmo: depositario dos preceitos da arte de curar não ha para elle descanso nem no leito, porque a qualquer hora deve elle correr a toda a parte onde ouvir um gemido do homem que soffre.

Apparece um contagio que caminhando de cidade em cidade vai em cada um de seus passos esmagando milhares de existencias; que fazendo desaparecer, um por um, todos os membros de uma familia deixa apenas ficar, no seu leito de morte, um que viu morrer os paes e depois dos paes os irmãos, que viu morrer a esposa e depois da esposa os filhos; cuja fronte amarellada já está cingida pelo sudario da morte; — um, que ficou só, sem esperanças de soccorro, sem ter ao menos uma creatura humana que o ajude a morrer porque todos o fogem e todos o abandonam horrorizados pelo contagio!; dois homens ha que caminham direito para o agonisante, porque ha naquelle homem dois elementos que precisam ambos do soccorro — o corpo, de saude e de vida; a alma, de consolacão e de esperança.

Grande deve de ser a coragem do medico que assim caminha sereno para o contagio!

O Guerreiro que, no campo da batalha, vai d'encontro ao adversario vê nas mãos d'este scintillarem as armas que o podem ferir e matar, mas vê tam-
bem no polido d'essas mesmas armas o reflexo das suas, vê tambem nas proprias mãos uma espada para cruzar-se com aquella; é uma lucta igual, d'homem para homem, face a face. O contagio é um adversario bem differente, é um inimigo occulto, implacavel, cuja arma se não pôde cruzar com arma alguma, que com força irresistivel abre com uma mão o tumulo para arrojá lá dentro com a outra todas as victimas que encontra no seu caminho; o medico que no meio d'um contagio corre a salvar os doentes bem conhece que caminha sobre um terreno, minado por toda a parte, que pôde a cada momento despedaçá-lo na sua explosão; mas nem por isso, diante de tamanho perigo, lhe entra n'alma mais que um recio — o de chegar já tarde.

No entanto, para o soldado que morreu no campo da batalha ha uma nação inteira para escrever sobre a sua sepultura a palavra — GLORIA: o seu nome escripto na lista dos que morreram pela patria, é lido por todos com respeito e com saudade.

Para o medico que morreu victima de um contagio, que elle arrostou impellido pelo dever e pela charidade, sem ser ao menos embalado por uma esperanza de gloria, ha só o esquecimento de todos os homens!

Bem elevada é pois a missão do medico: para subir á altura d'ella é-lhe necessario passar por bem grandes sacrificios: — mas quantas vezes encontra elle na sua vida uma hora de recompensa que o faz esquecer todos esses passados sacrificios, que vem por momentos trocar por flores os espinhos da sua corôa.

II.

Ame de l'univers, Dieu, père, créateur,
Sous tous ces noms divers je crois en toi, Seigneur!

—Lamartine—

Ja ia alta a noite: o medico cansado das lidadas fadigas do dia atirára-se sobre o leito: mal tinha cerrado os olhos, umas pancadas batidas apressadamente á sua porta, vieram desperta-lo: — era alguem que vinha pedir-lhe soccorro; levantou-se e correu para onde o chamavam.

Entra em uma casa de familia, e vê, estendido sobre um leito, consumido pela molestia, um corpo de mulher para quem a hora derradeira devera de vir bem longe. Examina-a com toda a attenção, não lhe esquece cousa alguma porque todo o pensamento se lhe resumiu numa só ideia — a de salvar o doente. Todos os olhos dos circumstantes estão cravados no medico a ver se podem penetrar o que se passa dentro d'elle: mas de balde! porque o medico é obrigado a trahir os seus proprios sentimentos, e a não deixar transparecer cousa alguma que possa desanimar o doente: só os olhos se lhe ergueram involuntariamente ao Céu como quem dissesse que para aquella alma ja não havia esperanças na terra. Depois recoitou e saiu.

No caminho para casa o medico encontrou-se com o acompanhamento fúnebre de um funeral que entrava na Igreja. O corpo que allí ia morrerá-lhe nos braços no dia antecedente.

Morreu, reflectiu elle, porque a Medicina não teve forças para salva-lo: — os meios que a experiencia ou o estudo me podêram fornecer todos os empreguei eu, mas de balde, para lhe restituir a saúde. Agora que o corpo caiu na sepultura o medico ja nada tem que fazer com elle: aqui só tem que fazer o Christão.

E o Christão entrou na Igreja por unir a sua á voz do sacerdote: que entoava as sublimes palavras da oração

pelos finados; — ultimo serviço que o medico pode prestar ao seu doente.

Se este homem não tivesse cumpri-
do os seus deveres, se tivesse commet-
tido alguma negligencia ou descuido, é
impossivel que a voz da consciencia lhe
não murmurasse la dentro — Alli vai
o cadaver do homem que tu assassi-
naste!

O Medico nada tem com os tribu-
naes dos homens: do que se passou en-
tre elle e o seu doente niagueu lhe pede
contas senão Deus e a consciencia.

Que será pois o medico que não
crê! que não pensa que os homens que
elle precipitou na sepultura são outras
tantas testemunhas que hão-de ser cha-
madas para a sua condemnação no dia
tremendo do julgamento!

Que será o medico sem consciencia!
que não teme que as sombras das suas
victimas venham perseguil-o na hora
terrivel do remorso!

III.

. . . ne songe jamais à toi
mais pense uniquement aux
malades.

—Hufeland.—

O corpo foi entregue á terra. O me-
dico ficou só no meio do profundo si-
lencio do templo, e o seu pensamento se
volveu então para o doente cuja salva-
ção lhe estava confiada.

Em uma lampada pendente do tecto
bruxuleava uma luz que espalhava em
torno uma claridade vaga e incerta.

Ora quasi que se extinguia de todo,
ora, como em um derradeiro esforço,
povoava a Igreja de mil formas mal de-
senhadas que, apparecendo de relance,
figuravam á imaginação do homem o
aspecto de phantásmas.

É a luz a lutar com as trevas — mur-
murou elle — como o homem a quem
o destino vai desenrolar a ultima pa-
gina da vida, a debater-se nos braços da
morte.

Mas num momento eu posso fazer re-

viver essa luz amortecida, esse fogo
quasi extinto! — não poderei fazer o
mesmo ao fogo da existencia que se apa-
ga? não poderei soprar a vida naquelle
corpo que assim escorrega para o tu-
mulo? não haverá alguma esperanza
para ella?!

Meu Deus! Meu Deus! porque fizeste
o soffrimento tam grande e a medici-
na tam pequena!

É o medico saui: a ideia de salvar
o doente lhe absorvia todo o pensamen-
to: saui a consultar os livros escriptos
por homens, medicos como elle, que ti-
nham legado aos seus collegas pela im-
prensa o fructo de uma experiencia de
muitos annos.

Ahi o tendes então—o medico para
quem o curar é um fim e não um meio,
que comprehende bem a sua missão e
que conhece quaes foram as obrigações
que contrahiui quando deixou que com
a corôa de Hypocrates lhe cingissem a
fronte—a trocar o repouso pela fadiga,
o somno pela vigilia, porque sabe que
é um dever seu esgotar todos os recur-
sos da arte e porque havia de empregar
todos os meios que a arte lhe fornece
ainda que nisso sacrificasse a vida:—
para elle todos os affectos do coração
lhe desapareceram diante de um affec-
to, para elle não ha naquella hora
no mundo senão o medico e o doente.

Ao lêr as paginas do seu livro as se-
guintes reflexoes lhe occorriam.

•Revolver, uma por uma, todas estas
paginas, e ver por toda a parte, a par
d'esta horrivel molestia, escripta uma
sentença de morte; ver por toda a par-
te, a par do prognostico d'ella, o pavo-
roso epitheto de *fatal*!

Fatal!—palavra que tantas vezes me
fez estremecer no meio da minha car-
reira de medico, que me faz hoje tre-
mer ainda mais porque vem cortar uma
existencia, na melhor quadra da vida,
que me está confiada a mim que fui
chamado para salva-la!

É uma causa sagrada o ter uma vi-
da nas nossas mãos! — e é bem triste o

ver á cabeceira do leito de quem já está pendente sobre o tumulo, os olhos de uma mãe e os de um marido a pedir-nos, por entre lagrimas, uma esperança, quando a cadêa de tão doces affectos que ligavam essa existencia ao mundo tem de dilacerar, no seu rompimento, os corações a que ia prender-se!

Assim desenganado por tantos medicos cujas palavras tinha tantas vezes accreditado nem por isso deixou elle de procurar na sua intelligencia recursos que os livros lhe não davam: á força de meditar encontrou meios que poz por obra e o doente foi salvo.

E as lagrimas de alegria de uma mãe apertando contra o seio a filha que estremecia! e a indefinivel satisfação de um marido apertando nos braços a esposa que julgava perdida para sempre! e o medico no meio d'elles, olhado como um anjo de salvação, a sentir calar-lhe pelas veias aquella alegria, filha da consciencia de uma boa obra, que se sente mas que se não descreve!—que recompensa haverá ali que possa comparar-se com esta! unica que pôde pagar tanto tempo empregado no estudo, tantas horas consumidas nos hospitais, tantas noites passadas á cabeceira dos doentes a contar um por um os ultimos soluços do homem que expira!

(Concluir-se-ha)

A. da S.

DA ANTIGUIDADE E BELLEZA DOS VERSOS OCTOSYLLABOS.

La combinacion octosilábica ocurre tan frecuentemente... que lejos de ser una operacion difícil, á vezes, escribiendo en prosa, se necesita alguna aplicacion para evitarla.

Moura, Leyend. Españ. Pag. IX.

I.

Os pequenos metros octonarios ou de redondilha maior, como os nossos antigos Escriptores lhes chamavam, são,

sem duvida, a primitiva e mais adequada forma da nossa poesia eminentemente nacional:—d'essa mysteriosa e sublime linguagem do pensamento, que de nenhum povo ou nação por nós fôra herdada, mas evidentemente conserva as feições ou caracteres dos Romances historicos, cavalheirescos e provençaes sob um caracter singular—um caracter unico—em toda a peninsula hespanica, se igualmente o não é por ventura em todo o mundo conhecido.

O Sr. João Baptista d'Almeida Garrett, assim como entre nós foi o primeiro, que em 1838, com seu *Auto de Gil Vicente*, soubera abrir e marcar uma nova epocha dramatica para Portugal, assim fôra igualmente o que entre nós em 1828 primeiro se aventurára, com seu *Romance da Adozinda*, a restaurar a elegante forma poetica, que por antiquada vivamente agradára como nova, e por esquecida e despresada entrára a ser de tal modo festejada, que desde então se começaram a escrever composições poeticas d'alguima grandeza ou extensão nos pequenos versos de oito syllabas:—nos lindos metros de redondilha perfeita, que desde os tempos de João Boscan e Garcilaso de la Vega em Hespanha e logo de Francisco de Sá de Miranda e Antonio Ferreira em Portugal, começaram a cair em grandissimo desuso e abandono e a sómente ser empregados nas voltas e glosas, e nalguns poucos mais generos de poesias ligeiras.

II.

Entre as antigas trovas, coplas, villancicos e mais composições metricas anteriores ao seculo XVI, e que tanto se encontram na poesia castelhana como na portugueza, nenhuma ha, na verdade, que mais facil, mais natural e mais accommodada seja á idiosyncrasy dos idiomas peninsulares e ao genero de certos assumptos, do que os lindissimos versos octonarios: e se do seculo XVI com attenção nos voltarmos para o exame das poesias dos seculos, que até o nosso se

lhes tem seguido, exuberantes provas encontraremos ainda do rigoroso de nossa maneira de sentir.

Passaremos com effeito uma revista geral pelo que ha de melhor e mais bello nos Parnasos hespanhol e portuguez e plenamente nos daremos por bem pagos e satisfeitos do nosso trabalho discriminativo; e como a litteratura hespanhola tão rara e tão pouco conhecida é etre nós, que quasi parece, que com ella andamos divorciados e desintelligentes, não sómente promettemos publicar sobre ella, nas columnas d'este *Jornal*, uma serie d'artigos ou apontamentos desde os mais antigos tempos até o presente anno de 1845, sem que todavia nos obriguemos a seguir uma ordem ou successão estrictamente chronologica, mas apresentaremos ainda alguns exemplos ou especimens de poesias hespanholas, a que nestes artigos nos referirmos: e pesada magoa nos fica, de que a natureza da *Revista Academica* nos não permita poder demorar nos mais neste importante genero de exemplificações, e nos obrigue muitas vezes a sacrificar a belleza e elegancia d'algumas composições metricas á pouca extensão d'outras muitas poesias hespanholas de muito menor valor.

E não devemos admirar-nos de se não encontrar em muitos Romances antigos todas aquellas palavras antiquadas, com que sem duvida deveriam ser compostos pelo povo trovador. Estas feituradas dos poetas leigos e rusticos eram d'antes transmitidas oralmente de idade em idade; que se desconhecia ainda a felicissima invenção de Guttenberg: as novas gerações modernisavam, pela natureza das cousas, os cantos populares que seus avós lhes legavam: e por con-

seguinte é claro, que os primitivos Romances—os cantos eminentemente nacionaes—só nos podem conservar, apenas, a construcção e cadencia das antigas linguas rusticas:—só nos pôdem ter chegado, depois de tantos seculos, como chegára aos Gregos a nau do Colchos. As formas ou feições pôdem ser semelhantes ás dos originaes e por ventura as mesmas, como parece observar-se em muitos Romances, em que se acham intercalados alguns fragmentos d'outros Romances evidentemente muito mais antigos; mas os adornos ou os atavios trazem consigo, em geral, o caracter dos diversos tempos, em que foram talhados.

III.

O inconnexo estylo e a singular versificação da maior parte dos variados Romances hespanhoes *historicos, cavalleiros e amatorios*, muitos dos quaes cuidadosamente foram recolhidos da tradição oral dos povos e publicados pela primeira vez no mil vezes rarissimo *Cancionero de Romances*, reimpresso em *Anvers* no anno de 1555:—nesse apreciavel Cancionero de *cantigas populares*, que antes da desconhecida primeira edição d'esta Obra nunca tinham sido impressas nem sequer existiam manuscritas:—o seu estylo e a sua versificação quasi sempre pouco regulares, de novo o repetimos, cançam e fatigam muitas vezes até o homem mais leitor d'antiquidades; mas certo, que ninguem haverá, que nelles em geral, e nalguns de seus trechos em particular, não descubra umatal naturalidade—um tal interesse e uma tal simplicidade e primitiva candura—que desde logo extasia e arrebatada ainda a imaginação menos ardente e o coração mais frio e menos sensível.

Que vestigios d'extrema antiguidade popular se não encontram, com effeito, no pequeno *Romance do triste amador*, que se julga ser obra do seculo XII, e apenas fôra retocada pelo celebre poeta Queiroz, que florecêra no seculo XV?

Amára yo uná señora,
Y améla por mas valer,
Quiso mia deventura
Que la hubiese de perder:

Irme quiero á las montañas,
Y nunca mas parecer,
Y en la mas aspera de ellas
Mi vida quiero hacer,

Tan triste que no se halle
Conmigo ningun placer.
Porque mis graves dolores
Luedan continuo crecer,

Con los animales brutos
Me andaré triste a pacer:
Paciencia, si la hallare,
Me habra de sostener,
Pues vida con tanta gloria

No la pude merecer,
Que la muerte merecida
Me ceja por no me ver
Tan penado y tan perdido
Cual su mal no puede ser:

El menor mal que yo tengo
Mucho más es de temer,
Y así voy donde no espero
Por siempre jamas volver.

* Grande nacionalidade peninsular se descobre tambem no lindo *Romance do Conde d'Allemanha*: Romance, que tantas vezes temos ouvido cantar em portuguez na *Provincia do Minho*, pelas vizinhanças da *Villa de Guinaraes* e pelas immedições de *Landim*, perto da confluyente dos rios Ave e Vizella, e nas quaes partes arranjamos um bom peculio d'antigas *Trovas* e *Cantigas populares* todas compostas nos lindos metros octonarios.

A tan alta va la luna
Como el sol á medio dia,
Quando el buen conde Aleman
Con esa dama yacia.
No lo sabe hombre nascido
De quantos en corte habia,
Sino solo la condesa,
Esa condesa su hija.
Así la dueña la hablara,
De esta manera decia:
—Cuanto viéredes, condesa,
Cuanto viéredes, encobrido,

Daros ha el conde Aleman
Un manto de oro fino.
—Mal fuego le queme, madre,
El manto de oro fino,
Quando en vida de mi padre
Tuviere padastro vivo. —
De allí se fuera llorando,
Al conde su padre ha visto.
—¿Porqué llorais, la condesa?
Decid, ¿quién llorar os hizo?
—Yo me estaba aquí comiendo,
Comiendo sopas en vino,

Entró el conde Aleman
Y echólas por el vestido.
—Calleis, mi hija, calleis,
No tomeis deso pesar, (cho,
Que el conde es niño y mocha-
Bacerlo ha por burlar. (tos
—Quando me tomó en sus bra-
Non me quiso respetar.
— Si él os tomó en sus brazos
Y con vos quiso holgar,
En antes que el sol saliese
Yo lo mandaré matar.

No antigo *Romance da esposa afflicta* encontram-se igualmente todas as provas de summa antiguidade: — e antiguidade tão popular, que algumas de suas idéas se acham repetidas ou pouco modificadas nalguns antigos *Romances portuguezes*, que só na boca do povo se encontram; e com especialidade na boca das velhas criadas, que muitas e muitas vezes os costumam cantar para acalentar as criancinhas e para entreter os rapazes.

Caballero de lejas tierras,
Llegaos acá, y pareis,
Binquedes la lanza en tierra,
Vuestro caballo arrendeis,
Preguntaros he por nuevas
Si mi esposo conocéis.
—Vuestro marido, señora,
Decid, ¿de qué señas es?
—Mi marido es mozo y blanco,
Gentil hombre y bien cortés,
Muy gran jugador de tablas,
Y tambien del ajedrez.
En el pomo de su espada
Armas trae de un marques,

Y un ropón de brocado
Y de carmesí el enves:
Cabe el fierro de la lanza
Trae un pendon portuguez,
Que ganó en unas justas
A un valiente frauces.
—Por esas señas, señora,
Tu marido muerto es:
En *Valencia* le mataron
En casa de un ginoves:
Sobre el juego de las tablas
Lo matára un milanés.
Muchas damas lo lloraban,
Caballeros con arnes,

Sobre todo lo lloraba
La hija del ginoves;
Todos dicen a una voz
Que su enomrada es:
Si habeis de tomar amores,
Por otro, ami no dejéis.
—No me lo mandeis, señor,
Señor, no me lo mandeis,
Que antes que eso hiciese,
Señor, monja me vereis.
—No os metais monja, señora,
Pues que hacello no podeis,
Que vuestro marido amado
Delante de vos lo tenéis.

O lindissimo *Romance da Infantina*, o *da morte do enamorado D. Bernardino* e a mór parte dos *do valente Bernardo del Carpio*: — o de *Virgílios*, o de *Julianesa* e o de *Moriana e o mouro Galvan*: — o de *Rosa Elcrida*, alguns dos de *D. Gaiseros* e a mór parte dos *tradicionaes dos Reis de Hespanha*: — o *das bodas de Dona Lambra*, o *do Infante vingador* e alguns dos differentes *Romances dos Infantes de Lara*: — o de *D. Duardes e Flerri-*

da, o de *Rico Franco* e o *da Infanta Affonso Ramos*, e outros muitos antigos *Romances populares*, que por brevidade — e por ella sómente — deixamos de referir, são igualmente outras tantas composições octosyllabas, que não obstante se acharem algumas vezes faltas d'aquelle brilho — d'aquelles rasgos característicos — d'uma imaginação arrebatadora, não somente retratam muito fielmente os habitos, crenças, supersti-

ções e idealidades dos antigos peninsulares, e nomeadamente dos Hespanhoes, mas deixam ainda entrever em suas qualidades, bellezas e defeitos — *defeitos dos tempos e só dos tempos* — que o *Romance octosyllabo* ou de redondilha maior é a primitiva e essencial forma da poesia popular dos Hespanhoes e até dos Portuguezes. Nem obsta a esta nossa maneira de sentir, que a maior parte das composições octonarias, que ainda conservamos, não sejam por ventura anteriores aos ultimos fins do seculo XIII e começos do seculo XIV; por que se descobrem em quasi todas ellas, e até nos Romances do seculo seguinte, não poucos vestigios e não poucos trechos proverbiaes d'outras composições octosyllabas, evidentemente muito mais antigas e verdadeiramente nacionaes.

Muito desejáramos poder apresentar na *Revista Academica* uma copia fiel de todas estas antigas e curiosas produções octonarias, que, além de sua grandissima importancia litteraria, nos são tambem ainda da maior importancia debaixo do ponto de vista da historia: — da historia, que os *Annalistas* desprezaram como *narrações fabulosas*, por falta de inconcussos documentos, que as demonstrassem, ou desattenderam em suas minuciosidades como *factos obscuros*, á mingoa d'authenticas provas, que em toda a plenitude os justificassem, se é que por ventura muitas vezes lhes não dirigia a penna certo ar de receio, dependencia ou venalidade, que frequentissimas vezes costumam viciar as historias dos homens: — excederíamos todavia os estreitos limites d'um artigo, se apresentássemos tantas *peças justificativas* e algumas d'ellas tão grandes e de tão rustica textura, *consequencia de forma e falta d'assonancia*, que, ainda que muito depõem, e talvez melhor do que nenhuns outros Romances, em favor da muita antiguidade dos *metros octonarios*, deixariam por certo de agradar á maior parte dos leitores da *Revista Academica*.

(Continuar-se-ha.)

Silva Pereira.

(J. D.)

CHRONICA LITTERARIA.

Eurico o Presbytero, 1.º volume do *Monasticon* do nosso insigne consocio, O Sr. Alexandre Herculano, é hoje o thema geral da conversação dos litteratos. O Clero peninsular vai ter tambem o seu Romancista; posto que na obra vislumbra, talvez mais brilhantes que a parte — *romance*, os ricos trechos da historia difficil, e tao coberta de trevas d'aquelles provecetos tempos. Sem ouzarmos arriscar o nosso juizo acerca do livro de quem, como a mestre, respeitamos; cumprenos todavia recomendar principalmente a sua leitura aos amadores da boa linguagem, e das antiguidades.

J. F. de Serpa.

MR. THILORIER.

O Janeiro do presente anno riscon da serie dos viventes este distincto sabio, cujo nome e trabalhos farão sempre epocha nos annaes da França e das sciencias phisicas. Thilorier e Faraday realisaram pelo methodo experimental uma parte das vastas concepções com que os genios de Lavoisier e Laplace lançaram os fundamentos das modernas theorias.

O estado phisico dos corpos, disseram estes, não é inherente á sua natureza, mas depende da temperatura e pressão ambientes: por estes dous factores variaveis comprehendia-se bem a facilidade com que foram levados á fiação a maior parte nos materiaes solidos do nosso globo, e reduzidos a vapor os liquidos; mas o problema inverso parecia não passar de especulativo. Faraday deu o primeiro passo para a sua resolução, apresentou o gaz acido carbonico em estado liquido, fazendo-o desenvolver num tubo mui estreito, onde por si mesmo se comprimisse. Em 1834 Thilorier repetiu este processo num apparelho de sua

invenção, que não só produzia o acido liquido em grande quantidade para ser empregado em outros usos, mas que o fazia passar á solidéz e reduzir a uma bola como de neve.

O seu apparelho se compõe principalmente de dous cylindros, de consistencia e espessura capaz de resistir á grande expansão do gaz: um violento e continuo movimento de rotaçãõ desenvolve o gaz das substancias introduzidas no primeiro, e faz adquirir á sua corrente uma pressãõ superior á de 100 atmospheras que produz a sua liquefacçãõ ao entrar no segundo cylindro; outro igual movimento á entrada deste faz volatilisar uma parte do liquido, e a consequente subtracçãõ do calorico converte a porçãõ restante em flocos solidos que se depositam e se reuñem em uma bola crystallina

Mr. Thilorier depois de resolver pela primeira vez este grande problema, fez conhecer as propriedades do acido carbonico solido, sua força explosiva, que

achou equivalente a uma carga de igual pêsõ de polvora, e o seu poder frigorifero que faz baixar o thermometro centigrado a 100 grãus negativos—Este novo meio tornou-se nas mãõs de Faraday uma fonte de novas applicações para se generalisar o problema da solidificacãõ dos gazes: fazendo dissolver aquelle acido no ether, e evapora-lo no vazio, reunindo a este poder o de fortes pressões chegou effectivamente a solidificar a maior parte das substancias aeriformes e liquidas da natureza, tendo apenas resistido até hoje o oxygenio, o hydrogenio, o azoto, o alcool e a essencia de terebenthina que o chimico inglez não desespera levar á solidéz. Quem de perto conhece experiencias d'este genero, comprehende quanto ingenho, precauções, constancia e coragem ellas demandam, e Mr. Thilorier não se recusou aos sacrificios da sua fortuna, nem aos perigos que de continuo o rodeavam.

I. E. B.

Summario das Observações meteorologicas feitas no Gabinete de Physica de Coimbra em 1845.

Indicações	Janeiro			Fevereiro		
		dia	e hora		dia	e hora
Barometro [em millimetros]	Maxima..	772,15..	24 9 m.	762,47..	13	12
	Minima..	736,59..	29 12	739,91..	18	12 e 3 t.
	Media...	757,82..		744,42..		
Thermometro centigrado [interno]	Max. ...	12.º ...	2 9 m.	12.º 5..	28	12
	Min. ...	9.º ...	10 12	7.º ...	10	12
	Med. ...	10,23..		9,39..		
Hygrometro de Sanssure	Max. ...	89.º ...	14 3 t.	88.º ...	22	9 m.
	Min. ...	75.º ...	6 3 t.	64.º ...	1	3 t.
	Med. ...	82,42..		76,57..		
Hygrometro differencial de Mason	Max. ...	6,5... 12 e 30	3 t.	11,67..	1	3 t.
	Min. ...	0.º ... 9 e 22	9 m.	1.º ...	22	9 e 12
	Med. ...	2,94..		2,79..		
Relação dos Ventos, [ao meio dia]	{ N a S = 2,43 E a O = 1			{ N a S = 1,78 E = 1		

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Dando uma breve noticia estatistica d'esta corporação litteraria, pagamos por ella uma divida que d'ha muito deve ao publico. Uma das mais antigas universidades da Europa, e a que menos conserva feições da meia idade por virtude de progressivos aperfeiçoamentos em sua organização, systema d'educação e methodos d'ensino, é talvez a menos conhecida. Os jornaes d'instrucção e educação, os calendarios e annaes de muitas universidades, mencionando o que se passa nas estranhas, raro se occupam da de Coimbra, e com inexactidão quando o fazem. Qual será a causa?—falta uma publicação periodica do movimento da Universidade.

Comprehe de a nossa Universidade em sua composição cinco faculdades—Theologia, Direito, Medicina, Mathematica, e Philosophia—e um Lyceu d'estudos classicos annexo. Os estabelecimentos practicos annexos ás Sciencias naturaes—Museu d'Historia Natural, Laboratorio de Chimica, Gabinete de Physica, o d'Anatomia e Cyrurgia, Dispensatorio Pharmaceutico, Jardim Botanico, tres Hospitales, Observatorio Astronomico, Gabinete de Geologia e Mineralogia—são magnificos, em poucas universidades se acharão iguaes, e muitos d'elles a par do actual estado das sciencias.

No fim do presente artigo offerecemos um mappa estatistico e litterario do estado actual da Universidade. Pela inspecção da penultima columna se conhece que o quadro dos professores está incompleto, não correspondendo ao numero das cadeiras o dos proprietarios. Ha porém, em cada uma das Faculdades, Doctores addidos (semelhantemente nos aggregados em Franca) para o serviço extraordinario das mesmas Faculdades, e outros serviços da Universidade; d'estes não ha numero certo.

N.º 3 — 15 d'Abril de 1845.

As lições são publicas e gratuitas. Não ha lições particulares pagas pelos alumnos, como na maior parte das outras universidades; nem ellas seriam necessarias no systema d'instrucção e methodo de ensino adoptado na nossa. Uma hora é destinada em sciencias moraes e politicas, e hora e meia em sciencias naturaes, para cada lição. Parte d'este tempo é empregado no exame dos alumnos sobre a lição antecedente, e a outra na prelecção do professor. Os alumnos são obrigados a repetições semanaes em forma de discussão d'uns com outros em presença do professor respectivo, e a exercicios mensaes por escripto sobre pontos da escolha do professor nas disciplinas que estudam. No fim do anno lectivo e bimestre de Junho e Julho fazem todos exame publico e oral sobre as doutrinas das cadeiras comprehendidas nesse anno, e nas aulas de Medicina prestam além d'este outro exame da parte practica de cada sciencia, no respectivo estabelecimento.

Em cada uma das Faculdades ha tres grãos—Bacharel, Licenciado e Doctor. O 1.º grão confere-se aos approvados no penultimo anno da Faculdade; o 2.º quando depois de formados os alumnos repetem mais um anno, sustentam publicamente perante a respectiva Faculdade nove theses de cada ramo da sciencia, e um ponto dado pela Faculdade em que compõem uma dissertação inaugural, o sujeitando-se a outro grande exame, que se diz *exame privado*, perante a Faculdade toda, ficam por ella approvados. O grão de Doctor exige outra habilitação de votação da Faculdade, e confere-se com grande solemnidade na sala grande da Universidade, em presença de todas as Faculdades reunidas e presididas pelo Reitor, precedendo tres orações latinas—de dous Doctores addidos á Faculdade e do Lente que confere o grão.

As matriculas começaram, no presente anno lectivo (como de costume) em 1.º d'Outubro e findaram no ultimo. O numero de alumnos actualmente

matriculados é de 1423. Tem sido muito regular o comportamento dos alumnos neste anno, dando geralmente provas de applicação. No mez de Dezembro houve a distribuição publica dos premios e tres solemnes funcções de grãos

de Doctores conferidos a dous alumnos de Medicina e um de Mathematica.

O Reitor actual — logar de nomeação do Governo — é o Ex.^{mo} Conde de Têrrena.

QUADRO DA ORGANISAÇÃO E ESTADO ACTUAL DOS ESTUDOS.

Faculdades	Annos	Cadeiras	Disciplinas	Compendios	Estudos preparatorios e accessorios	Professores effectivos	Estudantes		
THEOLOGIA	1.º	1.ª	Historia Ecclesiastica	Dannemayr	Cad. N.º 47, 48, 51, 54, 56, e parte de 31 - (exames)	Lentes cathed. 4, Substitutos ordin. 3, Subst. (interims) 2	24		
		2.ª	Logares theologicos						
	2.º	3.ª	Theologia symbolica	Inst. theol. Lugdunenses	N.º 9 (freq. e acto)		25		
		4.ª	Theologia moral						
	3.º	5.ª	Theologia mystica	N.º 55 (exame)	33				
		6.ª	Theologia liturgica						
	4.º	7.ª	Exegetica dos 2 Testamentos	Conspectus Herm.	N.º 13 (freq. e acto)		7		
		8.ª	Repetem-se as disciplinas do anno precedente					N.º 49 e 50 (exam.)	1
	SCIENCIAS POSITIVAS	1.º	8.ª	Historia da Jurisprudencia	Martini-Ord. Hist. Rocha-Ensaio		N.º 47, 48, 51, 54, 55, 56, e parte de 31 - (exames)	Lentes cath. 13, Subst. ordin. 7, Subst. extraord. 4.	138
			9.ª	Direito natural e das Gentes	Ferrer-Fil. de Dir. El. de Dir. das G.				
		2.º	10	Dir. publico univ. e portuguez, Politica, Tratados, Legislação	Macarel Carta Constit.		120		
			11	Economia politica, e Statistica	Forjaz - Elem.				
		3.º	12	Dir. ecclesiastico publico	Gmeiner		135		
13			Dir. ecclesiast. partic. e portug.	Cavallari					
4.º		14	D. romano (Institutas)	Waldeck	161				
		15	Dir. civil portuguez, e	Mello Freire, Liz comment., Rocha Inst. de Dir. civ.					
5.º		16	Medicina legal	Heineccio	131				
		17	D. romano (Pandectas)	Cod. commerc.					
6.º		18	D. commercial e maritimo	Cod. admin.	2				
		19	D. criminal, e D. administrativo	Mello Freire					
6.º		20	Jurispr. formularia, eurenatica, Practica de processos	Ref. judic. Correa Telles	131				
	21	Hermenutica jurid., Analyse de textos, Diplomatica	Preleções						
6.º	Repete-se a freq. das 3 cadeiras precedentes			N.º 49 e 53 (exames)	2				

Faculdades	Anos	Cadeiras	Disciplinas	Compendios	Est. prep. e accessorios	Prof. effect.	Estud.		
SCIENCIAS NATURAES	MEDICINA	1.º 22	Anatomia humana, geral, e comparada	Soares Franco	N.º 47, 48, 54, (exames) 31, 32, 38, 39, 40, 41, e 42 (freq. e actos)	L. cath. 9, S. ord. 4, Ajud. dos Hospitales e Demonstradores (vagos)	10		
		23	Physiologia e Hygiene	Mello — Londe					
		2.º 24	Med. operatoria, e Arte obstetricia	Begin — Plenck					
		25	Pharmacica e Materia medica	Cod. pharmac. Edwards e Vavass.					
		5.º 26	Pathologia e Therapeutica geraes e cyrurgicas	C homel Begin	N.º 29. (freq.)				
		4.º 27	Nosologia, Pathologia medica, Doutr. Hippocratica, Molestias de mulheres e da infancia	Cullen—Hipp. aph.—Capuron.	N.º 29 e 30 (freq.)				
	28	Medicina legal, Hygiene publica e Policia medica, Hist. geral da Medicina	Briand — Ref. judic.—Cod. adm. - Decr. e Regul.&c.	N.º 49 (exame)					
	5.º 29	Clinica do Hospital das mulheres							
	30	Clinica do Hospital dos homens							
	6.º	Cad. N. 22 e 23							21
	4								
	MATHEMATICA	1.º 31	Arithmetica, Geometria e Algebra elementares, Trigonometria, Geom. analytica, Alg. superior, Calculo differencial e integral	Franceur - mathematicas — Euclides	N.º 47, 48, 54 (ex.) 38 (freq. e acto)			L. cath 7, S. ord. 3, S. extr. 2, Ajud. do Observatorio 4	55
2.º 32		Calculo das variações e das differenças, Mechanica dos solidos	Franceur- mechanica	N.º 39 (freq. e acto)					
3.º 33		Astronomia prat., Trigonom. esfer.	Biot, Andrade	N.º 43 (freq. e acto)					
4.º 34		Optica, Instrumentos d'observação, Geometria descriptiva, Geodesia	La Caille, Fourcy, Franceur						
35		Hydraulica, Acustica, Geologia	Bossut, Biot, Almeida						
5.º 36		Mechanica celeste	Laplace						
6.º	Cad. N. 33 e 37			N.º 49-(exame)		5			
PHILOSOFIA	1.º 38	Fysica geral, Chimica inorganica	Petitau	N.º 47, 48, 54 (ex.)	L. cath. 7, S. ord. 5, Demonstr. (vagos)	54			
	2.º 39	Fys. espec., Meteorol., Filo. chim.	Ofila.	31 32 (freq. e actos)					
	3.º 40	Chim. organ., Anal. chim., Technol.	Ofila, Franceur						
	4.º 41	Zoologia, Anat. e Physiol. compar.	Milne Edwards						
	42	Botanica, Anat. e Physiol. vegetaes	Richard, Linneo						
	5.º 43	Mineralog., Geolog., Arte d'Explor.	Bendant, Barat						
44	Agricult., Economia rural, Veterin.	Raspail	N.º 49-(exame)						
6.º	Cad. N. 38 e 39.					23			
LYCEU	Cad.	Disciplinas	Compendios	Profes.	Est.				
	45	Desenho, Cadeiras annexas ás faculdades de		Proprietarios 9, Substitutos 3	17				
	46	Musica Mathematica e Philosophia			38				
	47	Grammatica portugueza e latina	Moura		66				
	48	Latinidade	Classicos latinos &c.		43				
	49	Lingua grega	Moraes		9				
	50	Lingua hebraica	Pez		9				
	51	Lingua franceza	D. Diogo		28				
	52	Lingua ingleza	Murray		10				
	53	Lingua allemã	Mozin		89				
	54	Philosophia racional e moral	Gemense - Job		34				
55	Oratoria, Poetica, Litteratura class. e portug.	Soares Barbosa-Carneiro-Cardoso	31						
56	Historia, Chronologia e Geografia	Doria - Sacra Familia	31						

—❖❖❖—

A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I.
O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuado da pag. 16.)

II.

Terra autem erat inanis et vacua, et tenebrae erant super faciem abyssi; et Spiritus Dei ferebatur super aquas.

DEUS! . . . E ao som d'esta palavra uma idéa acordava no espirito do homem, como se fôra um echo do universo, que dormira eternamente entre o abysmo e o céu: era a materia que se espraia-va no universo, o universo que pairava no espaço, o espaço que se confundia na eternidade, a eternidade que se perdia no mysterio, e o mysterio que repousava na dextra do Creador! . . . E o espirito do homem abateu sua face até o pó da terra, e repetiu — Deus! — E neste fallar tão humilde, e naquella palavra tão sublime; e neste abater tão profundo, e naquelle pensamento tão subido resumia-se o emblema do encontro da creatura com o Creador, da fraqueza com a Omnipotencia, do momento com a eternidade, do atomo com o infinito.

E eu vi, que o espirito do homem se elevava depois nas azas da fé e da philo-

sophia, e voava seguindo ancioso a cadeia dos seculos até lhe pizar com a planta o seu elo primeiro. E d'ali alongava os olhos pelos confins do espaço, e lá lhe apparecia pela primeira vez a materia, erguendo-se, como nas raias do horizonte os vapores enovelados em dia de tempestade (*).

Mas toda essa massa universal preenhe de mundos, ainda não crã mais que materia sem forma, extensão sem luz: era um abysmo cem vezes mais pavoroso que a escura cerração nos mares (**).

E o braço do Senhor se estendeu sobre ella, e ella gemeu sob o seu pezo, bramiu como a tempestade. E logo uma mole immensa se agglomerava pouco a pouco, e formava uma atmosphera vassissima, densa, enublada, que o espirito de Deus agitava, soprando sobre ella mais forte que os aquilões. (***) A lei da attracção começava a exercitar seu poder na materia dispersa, comprimia os atomos com mais força que uma cinta de ferro, talhava moleculas, amoldava globos, distribuia mundos. (****)

III.

Dixitque Deus: fiat lux; et facta est lux. Et vidit Deus lucem quod esset bona, et dividit lucem a tenebris. Appellavitque lucem diem, et tenebras noctem; factumque est vespere et mane, dies unus.

E Uma voz echoou profundamente nos confins do espaço; e era a primeira vez,

(*) Apezar da opinião do doutissimo Pursey sobre a intelligencia da palavra hebraica — *bara* crear — comparada com — *asah* fazer — não as supomos synonymas em todos os casos. Que no primeiro versiculo do Genesis se falla de uma criação do nada, é o sentir mais commum dos Catholicos, e por consequencia o nosso; e nem elle nos parece menos conforme com os factos geologicos. Cremos pois, que no — *creavit Deus caelum et terram* — nos foi revelada a criação da materia. Nominem caeli et terrae. dizem alguns interpretes, *intelligenda sunt omnia elementa . . . materia totius universi.* Vid. *Buckland Geol. and Miner. et cat. Bibl. sac. Vulg. edit. Parisiis. 1731.*

(**) Na versão dos Septenta lê-se; *Terra autem erat invisibilis et incomposita. Terra*, dizem os interpretes, sic dicitur per praecoccupationem . . . Hoc nomine terrae comprehenditur *abyssus et moles aquarum immensa.* Portanto ainda atéqui não

mostra o escriptor sagrado a terra separada de toda outra materia.

(***) Em lugar de — *Spiritus Dei ferebatur super aquas* — lê-se na versão Arabica, *Venti Dei flabant super faciem aquae.* *Aquarum* nomine, dizem os interpretes, intelligi potest *abyssus*, id est, *materia informis.* Esta interpretação é anterior a F. Herschell e Laplace.

(****) V. Philos. Esp. pelo Sr. P. Noberto pag. 41 a 43. Para que de futuro melhor se comprehenda o nosso pensamento, advertimos, que abraçamos nesta exposição cosmogonica a elevada idéa de Herschell: — a terra, todo o nosso systema planetario no meio da grande nebulosa, que chamamos *Via lactea* como uns poucos grãos de areia no meio de uma praia immensa! — É este o nosso universo; d'elle só fallaremos . . . E quantos universos como este, invisiveis para o homem estarão derramados pela infinuidade do espaço!!

que esta voz se ouvia; e ella era magestosa e cheia de imperio, era como o tróm subterraneo, que precede o subito rebentar dos vulcões. Era a voz do Omnipotente que promulgava as leis do universo; e essa voz disse: *faça-se a luz.*

E o espirito do homem estremeceu. O manto infinito da noite, que se estendia sobre o abysmo, ardeu subito, como os vapores invisiveis, em que se acoila o raio, e um reflexo de fogo resurtiu de todos os angulos do universo. Uma immensa alampada suspensa na cupula do espaço appareceu do meio das trevas: era o orbe inteiro que se convertêra em um mar infinito de fogo. . . . era o universo que ardia.

E alli naquella fragua intensissima, avivada pelo sopro do Senhor, a materia se acrisolava, *sublimavam-se* os atomos, preparavam-se os elementos, que um dia fecundados pela mão do Creador haviam de receber o mysterioso presente da vida.

E o Senhor alongou suas vistas pela immensidade do espaço, e ao contemplar a pompa de luz, que o adornava, comprazeu-se dentro em si, por que via estampada na face do universo a primeira manifestação da sua gloria.

E o espirito do homem absorpto desceu pela cadêa dos seculos, e os elos que passou, nem elle pôde contal-os, nem a philosophia lh'o disse, nem a fé lh'o revelou. (*) O que só viu, foi que no meio d'aquella fogueira infinita alguns pontos, de mais brilhantes que eram, pouco a pouco amorteciam, e um especialmente quasi de todo se escureceu cobrindo-se de um involucro de fumo. Era o Chaos, o embrião da futura terra, que já levantava a cabeça de gigante, como uma montanha immensa toda rodeada de nuvens.

IV

Dixit quoque Deus: fiat firmamentum in medio aquarum, et dividat aquas ab aquis. Et fecit Deus firmamentum divisitque aquas, quæ erant sub firmamento ab his quæ erant super firmamentum, et factum est ita. Vocavitque Deus firmamentum, cælum: et factum est vespere et mane, dies secundus.

Ea mão do Senhor se estendeu sobre a cabeça do chaos, e a materia, que o rodeava, seaffastou d'elle, como tocada do assombro; mas uma orla vastissima de nuvens se lhe entroscon na frente; era o diadema com que o Rei do universo fazia reconhecer o primogenito da natureza (**)

(*) Que os extremos se tocam, é uma verdade practica. Dous homens ha, que concordam na obstinação de entenderem á letra os dias, de que falla Moyses; um o que despez a sciencia humana, e so adopia a letra do Genesis; outro o que despreza a Religião, e tem depositada toda a fé nas hypotheses geologicas. Louvando o zelo d'um, lastimando a cegueira do outro, dizemos, que não ha razão para suppor forçosamente de 24 horas cada dia do Genesis. A palavra *edom* tambem significa qualquer espaço de tempo consideravel; e já Santo Agostinho queria, que os 6 dias se entendessem no sentido figurado, mas para menos; hoje a sciencia pede que para mais, e não ha inconveniente em lh'o conceder. Moyses, considerado como simples homem, não era para cair na incoherencia de suppor dias sideraes, quando não havia astros. No cap. 2.º tambem diz o Genesis — *istæ sunt generationes cæli et terræ, quando creata sunt in die, quo fecit Dominus Deus cælum et terram.* Acs que por força quizerem, que — *dies unus* — seja uma revolução da terra, advertimos, que estando ella no primeiro dia mergulhada na massa do nosso universo, e acompanhando-a no seu movimento de rotação, gastaria nelle muitas centenas de seculos. Aquí temos — um dia — que socegará as pessoas escrupulosas, e satisfará os Geologos sem fé.

(**) A creação do firmamento no terceiro dia, claramente mostra que antes d'este estava toda a materia confundida. Entre todos os globos celestes damos á terra o direito de primogenitura, e nos livros sagrados achamos o titulo d'este privilegio; desafiámos a sciencia para nos mostrar o contrario. Apartamos-nos é verdade da hypothese de Laplace, e alguma razão temos para negar a Urano o direito, que por titulos vindicamos para a nossa terra. Se cada um dos planetas se formasse dos aneis equatoriais da massa solar e planetaria ainda confundida, as orbitas de todos elles seriam paralelas, ou quasi; por esta parte bem vai á hypothese, desprezando os quatro planetas menores; mas se ramos por diante em tirar consequencias diremos, que um anel equatorial d'essa grande esphera liquida ou gazosa, mantido em separado pela força centrifuga, não podia desarranjar o eixo de rotação da esphera, seria por tanto fixo o plano do equador solar, e ainda hoje o veriamos paralelo, ou quasi, ao plano da ecliptica. Não é todavia o que acontece, que faz com ella um angulo de $7\frac{1}{2}^\circ$ os quaes não são para desprezar — Expomos estas reflexões não sem nos humilharmos ante a memoria de tão grande homem.

E o espirito do homem viu então, que o chaos se precipitava, pela vastidão do espaço, e deixava após si um vazio cada vez mais vasto e mais profundo, como se procurasse esconder-se de novo no seio do nada. E então os polos estenderam seus braços um para o outro, cruzaram-os diante do chaos, e elle parou para adorar o symbolo de sua futura gloria, repousou nessa cruz como em alavanca eterna, e começou a girar á roda de si mesmo, e a voar magestosamente no espaço, como na extensão dos mares o baixel soberbo, que domina as vagas.

As massas fundidas começaram a accumular-se, e logo depois a estender-se pela superficie d'este globo, como ondas enormes de fogo, que pouco a pouco se iam solidificando. Allí era uma montanha enorme, que depois de ter vogado lentamente sobre aquelle mar de fogo, successivamente empallidecia, mas brilhando sempre como o rosado carro da aurora; acolá uma vaga descommunal, que rugia, como leão raivoso sacudindo as crinas, cobria-se depois pouco a pouco de rubicundo manto, e escurecia-se por ultimo, como o sol do estio ao cair no horizonte. Do meio d'estes dous escarcêus immensos levantava-se o anjo das trevas, como espectro-medonho, e dizia ao espirito do homem: «adora-me; eis aqui o meu throno: o ouro, allí o tens; é o symbolo do meu poder: o ferro, aquí está, e sobre elle sentado o genio do crime; é o symbolo da minha força: dobra o joelho diante de mim, e eu te farei sentar á minha direita». E o espirito do homem apontou para a fé, e para a philosophia, o monstro bramin, e onde ainda ha pouco se alevantava o throno do inferno, só apparecêram nadando immensas moles de granito, e porphyro.

Os vapores arrefecêram, condensaram-se, e caíram em abundantes torrentes sobre aquellas massas meio solidificadas, que reduzidas a vasa informe, completaram a formação do chaos.

(Continuar-se-ha.)

G. de A.

Abaixo inserimos o extracto das primeiras prelecções sobre Physiologia experimental, que nesta Universidade fez o Sr. Doctor José Ferreira de Macedo Pinto, como lhe cumpria para se habilitar para o magisterio em conformidade com o art. 120 § 2 do Decreto de 20 de Setembro de 1844.

Em carta dirigida a esta redacção nos diz o auctor, que a instancias de amigos seus se propõe continuar-nos a enviar os extractos das seguintes prelecções, e pede a indulgencia do publico por lhe não permittirem os limites do nosso jornal publica-las na integra: esperamos, que lhe ha de ser feita toda a justiça. Unimos nossa voz á sua para felicitar a Faculdade de Medicina pela acertada escolha de objecto, e para fazer appellação aos homens da sciencia, que coadjuvem o nosso joven experimentador. Cremos entretanto, que sua rara modestia, companheira inseparavel do merecimento, é quem lhe não permite que reconheça as forças, que lhe sobejam para levar dignamente ao cabo a empresa, em que se empenhou.

RESUMO DE PRELECÇÕES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

I.

Do Methodo Experimental.

No ensino da Physiologia experimental segui a distribuição das materias do compendio de Physiologia, adoptado pela Faculdade de Medicina d'esta Universidade (1); porque querendo dar ás minhas prelecções um character verdadeiramente escholar, era forçoso buscar uma norma que dirigisse o seu ensino. Foram por tanto as propriedades physicas, chimicas, e vitaes do sangue, e sua composição que serviram de assumpto ás primeiras prelecções, mas antes de expormos algumas idéas acerca

(1) Primeiras linhas de Physiologia pelo Sr. Dr. J. J. de Mello.

d'este objecto; cumpre-me fazer breves reflexões sobre as vantagens do methodo experimental.

O conhecimento historico de qualquer sciencia é de subido interesse para os que se dedicam ao seu estudo; porque a leitura de poucas paginas nos mostra as diversas mudanças por que a sciencia tem passado, os methodos que tem sido empregados, e quaes d'estes os mais proveitosos. É com este proposito que vamos epilogar a historia da Physiologia, e breve nos convenceremos que as doutrinas hypotheticas pouca ou nenhuma utilidade deram á sciencia. Os quatro elementos de Empedócles — a doutrina de Galeno e a theosophia de Paracelso que lhe succedeu — as theorias chemicas de Sylvius — as vitas de Van-Helmont, e Stahl, — as mechanicas de Borelli, e Boerhaave — o magnetismo de Mesmer — as polaridades de Prochaska, e outras, foram especies de romances, cuja duração mal passou além de seus auctores. Mui diverso tem sido o caracter impresso á Physiologia pelo *methodo experimental*; todas as vezes que este tem sido invocado, obtiveram-se uteis resultados, ou a sciencia da vida estivesse já emancipada, ou se achasse ainda debaixo da tutela das sciencias Philosophicas.

Entre os Physiologistas, e Philosophos antigos foi Aristoteles o primeiro que ensaiou o *methodo experimental*, e Haller o que mais o aperfeçoou; todavia no espaço de tempo que medeia entre estes dous grandes homens, e no que decorre desde Haller até nossos dias, tem sido a sciencia por varias vezes dominada por theorias hypotheticas. A obscuridade por ellas introduzida na Physiologia nunca foi tão profunda, que atravez d'ella não brillasse algum raio de luz; la apparecem as experiencias estaticas de Sauctorius sobre a transpiração — a descoberta da circulação por Harvey — os trabalhos microscopicos de Malpighi — e enfim os resultados experimentaes de Haller que ainda hoje são lidos com veneração, dis-

cutidos, e confirmados na maioria dos casos.

O *methodo experimental* occupa hoje muitas paginas nos tractados de Physiologia, cada dia mais dilata o seu dominio; e se alguma cousa temos de positivo nesta sciencia dimana d'esta fonte inesgotavel de conhecimentos. Sustentará alguém de boa fé que sem os trabalhos experimentaes de Gall, Bell, Muller, Magendie, Flourens poderíamos ter alguma cousa exacto sobre a acção especial das differentes repartições do systema nervoso? Não nos proveio unicamente da experiencia, quanto sabemos sobre a visão e audição? Não foi ella que discriminou na digestão tres actos — physico, chimico, e vital? E não foi por sua intervenção que imitando artificialmente o processo digestivo pelo que respeita ao primeiro e segundo acto se viu que a digestão não tinha lugar; mas que dada certa condição vital (1) o chimico podia obter no laboratorio um producto analogo ao natural? Não conhecemos hoje que as substancias chamadas alimentares nem todas gozam da faculdade de nutrir; e os seus principios proximos não passam todos illesos atravez dos orgãos digestivos, mas são decompostos, e de novo reconstituídos, levando impresso o caracter da animalidade e de uma dada individualidade? Sobre as outras funcções podiamos fazer reflexões analogas.

O *methodo experimental* não respeita os desvios da nossa razão; nelle só falla a natureza, e só por elle é que os nossos sentidos são vivamente impressionados, dando-nos imagens permanentes, e que mais facilmente se identificam com a nossa existencia.

Em uma palavra, no estado actual da sciencia é indispensavel o conhecimento da Physiologia experimental; porque só depois de muitas observações practicas é que podemos dar um justo valor, e ligar uma solida importancia ás deducções tiradas pelos auctores. Nos tra-

(1) Suco gastrico.

ctados de Physiologia acham-se transcriptas experiências que nos parecem de facil execução; mas estas mesmas apresentam grandes difficuldades, e só depois de muitas vezes reiteradas é que adquirimos a necessaria destreza para as praticar. Outras ha que carecem de ser verificadas, porque alguns escriptores sacrificam a sciencia á sua celebridade, e a *vistas* particulares.

Mas a par de tantas vantagens apparecem inconvenientes, e faremos especial menção de tres que em materia tão importante é mister ter constantemente em vista: — 1.º de poucos, e mal relacionados factos não deve deduzir-se uma lei geral; por que neste caso a deducção obtida não é uma lei mas uma exaggeração: 2.º quando as experiencias destroem certos viciaes, e nos apparecem desarranjos funcioaes de primeira ordem, e após estes outros secundarios, que se ligam sempre com os primeiros; o observador não pode discriminar, nem tão pouco obter um resultado positivo, e d'aqui vem talvez phenomenos variados das mesmas experiencias: 3.º sendo algumas vezes differentes as circumstancias que acompanham o operador, operado, e instrumentos, não se devem tirar inducções identicas quando algum dos factores variar.

(Continuar-se-ha.)

J. F. de Macedo Pinto.

O LIVRO DE ELYSA

Fragmentos.

Agora, Elysa, que já te paguei as primicias do livro, não só como senhora d'elle, mas como senhora da alma, que o dicta, e da mão, que o escreve; agora que já te deslini o meu amor, que mil vezes ainda será aqui deslinido, e que nunca o virá a ser ao cabo; agora que tu chegaste, de certo,

á janella do teu quarto, e te embeveceste nos encantos da noite a recordar-te dos meus versos, deixa que me volte para a minha lyra.

São os meus segundos amores: é ella tão minha, e tão formosa como tu; é a minha companheira e consoladora; é quem me ha-de ajudar neste trabalho, que te destino:—plantou-m'a Deus dentro da alma para saber amar-te, como te plantou a ti no mundo para que te amasse.

Quero muito á minha lyra.

O meu primeiro pensamento ao acordar é sempre teu, o segundo é sempre d'ella: nas minhas meditações e nos meus sonhos, nos meus risos e nas minhas lagrimas, viudes sempre ambas tão casadas, tão unidas, tão irmãs que eu não sei se és tu, que me trazes a lyra, se é a lyra, que te conduz a ti.

Quero muito á minha lyra.

Vou conversar com ella, e preludiar-lhe ao acaso uns sons desleixados, que lhe são queridos, um vagar delicioso por veigas da phantasia, um esquecer a delirar por saudosa noite, á margem do mondego, sob a rama de um salgueiro.

E que mimoso luar de primavera ahi se refrange, e espalha uma poeira de prata na superficie das aguas!

É por uma d'estas noites suavissimas de luar que a natureza tem toda a lindeza de mulher.



Canta, vento do sul, tens doces cantos
Por concavos do val adormecido,
Tange n'harpa de Deus, nessas folhagens,
Da noite as harmonias.

Farta agora, mondego, com teus beijos
As boninas, que tremulas desmaiam,
Que se morrem por ti na sêde louca
De lubricos prazeres.

Banha-me a accessa fronte, meu salgueiro,
De meiga fresquidão, que ha-de inspirar-me
Desassombros do sol, da luz, do dia,
Que se afogou nos mares.

E tu, filha d'amor, candida lyra,
Um abraço dos teus cinge ao teu bardo,
Outro mais . . . este só. . . agora folga,
Folga por céus e terra.



Amo o tibio clarão do argenteo disco
Porque a luz do luar não cega os olhos,
Como faz a do sol, porque me deixa
Nesse lago d'anil, que vai sulcando,
Namorar-lhe a belleza,

Amo a languida côr do ingente espelho,
Onde os olhos d'amantes vão casar-se;
Onde crêra talvez Grego engenhoso
Que o velho Jove, requintando as galas,
Ia mirar-se, rindo.

Eu amo, já pagão, na branca esfera
Da casta Delia envergonhado riso,
E já lá finjo negreando os bosques,
Onde c'o a turba caçadora exerce
Seu culto pudibundo.

Amo as rosas do céu, que se emmurcheem
Quando a lua vaidosa as vai pizando,
Amo as nuvens c'os seios bipartidos
De respeito alastrando eburnea senda
A' rainha dos astros.

Amo a grenha voando ao meteoro
Quando pallido foge ante os seus passos,
Amo tudo o que assim lhe paga um feudo,
Outro feudo melhor, que não meus versos
Engeitados da vida.



Noite! noite! que mão te ha desdobrado
Tão risonha e fagueira assim no mundo?
Do templo do senhor és vén, que os anjos
De infindos orbes d'oiro recamaram?
És lavrado padrão da omnipotencia,
Memoria erguida em campos do infinito?
Milhões de soes, que ostentas, serão tochas
Ardendo ante o teu Deus no altar immenso?
Serão lettras d'amor com que lhe escreves
Nessa pagina azul o ignoto nome?
Tuas nuvens que são? são do thuribulo,
Que agitam cherubins aos pés do Eterno,
Queimado incenso a desfazer-se em fumo?
Noite! noite! quem és? d'onde has tu vindo
A poisar-te na terra entre mysterios? . . .

Não sei que ternas meiguices
Falla a noite ao coração,
Minhas horas mais felices
As horas da noite são:
Com ella na solidão
Suspiro amor e saudades,
E com ella nas cidades
Não largo a lyra da mão;
Suspiro, canto d'amores
Entre os homens, entre as flores
De noite, de dia não;
Porque a noite tem meiguices,
Porque as horas mais felices
As horas da noite são.



Como é lindo este mondego
A brincar sobre esta arêa!
Como é lindo o bosque verde,
Que as verdes margens sombreia!

No seu cristal derrelido
Iá vem, á luz do luar,
Outro Narciso, um salgueiro,
Um salgueiro a namorar.

Outra Echo, a briza doída,
Que foi por elle engeitada,
Auda carpindo, e zelosa
Traz a limpha alborotada.

Cuida que mora lá dentro
Escondida uma rival,
E por dar-lhe invejas solta
Perfumes, que traz do val.

Raivosa tolda c'o as azas
O liso espelho brilhante,
Cospe c'o as azas, raivoza,
O mondego ao seu amante.

E o pobre, por si perdido,
Sacode a fronte singella
Murmura um ai, mas teimoso
Busca n'agoa a imagem bella.

Como é lindo este mondego
A brincar sobre esta arêa!
Como é lindo o bosque verde,
Que as verdes margens sombreia!



Como a fonte d'Ignez solta ao longe!
Parece inda chorar-lhe a morte escura,
Osculando na pedra eternas manchas

Do sangue espadanado! (*)

Como os cedros a coma baloiçando
Inda vergam de dôr, inda meditam
No caso triste de memoria digno,
Que desenterra os mortos!

Alli d'um terno amor ternos momentos
N'aza do tempo languidos fugiram,
Naquelle engano d'alma, que a fortuna
Não deixa durar muito!

Dos suspiros de Ignez na penedia
Inda os êchos vagando ás horas mortas
Murmuram brancos ais, e aos sons da lyra
Respondem gemebundos!...

Quero muito á voz solemne

Dos céhos da solidão,
São amigos invisíveis
Com quem falla o coração.

É tão doce nestas horas
Poder assim conversar,
Ouvir do nosso queixume
Novos queixumes brotar!

Chamar aquella, que é longe,
Chamar aquella, que se ama,
E o som d'amor e saudade
Não morrer na voz, que a chama!

Sentar-me ao pé d'esta fonte,
Que tão pura se desliza,
Clamando—Elysa!—e dos montes
Outra voz clamar—Elysa!—

Quero muito á voz solemne
Dos echos da solidão,
São amigos invisíveis
Com quem falla o coração.

Mas quem pôde formar taes sons no bosque?
Sera perdido amante a penar maguas,
Despresos da que amou, desdens de bella,

(*) É crença muito antiga que umas pedras vermelhas, que se encontram na fonte das amores devem a sua cor ao sangue de D. Ignez de Castro.

Injurias d'um rival? Ou será nympha
Que um ingrato engeitou, e alli chorosa
Inda, lonca d'amor, serve aos amores?
Oh! falla, quem és tu, filho da selva?...
Silencio... respondeu... maldito vento!
Que só pude escutar—filho da selva!

Embora! fique embora isso em segredo. (**)

Saiba-o sómente Deus!

Tambem segredos, que meu peito encerra
Só se dizem nos céus.

A turba ha-de escutar-me, e cada nota
Será nota d'amor!

Mas ouvidos da turba não entendem
Carnes do trovador.

Emmudece-te, ó lyra, e tu, ó noite,
Apaga o teu luar,

Das trevas no pallôr deixa-me um sonho,
Com Elysa sonhar.

E a lua já roça as cumiadas do
monte e pouco a pouco se enterra por
elle abaixo... ahí ficam agora na escu-
ridão as margens do mondego, tão sau-
dasas como amante feliz na hora de um
adeus, sellado com beijos... ahí se em-
poleiram as auras pelas hasteas do chou-
pal, cançados de abraçar a roxa fronte
das violetas... já não se lhe escuta o
frémto das azas nos seus brincos in-
nocentes... faz-se um silencio longo
em toda a natureza... e só as rans vela-
doras continuam na voz unisona e aguda
o hymno da creação!

Elysa, é tempo de pedir a Coimbra
uma casa, á casa um leito, ao leito um
sonho, ao sonho a tua imagem.

(Continuar-se-ha)

J. de Lemos.

(**) Não quero dizer que descreio nas leis da Acustica; sei que ella não só explica mas até consegue fazer echos:— a palavra *segredo* veio aqui para symbolisar que neste, como em muitos outros phenomenos naturaes, em se o homem remontando um pouco chega logo ás forças *centripetas* e *centrifugas*, ou áquelle celebre *opium facit dormire*, quia *labet virtutem dormiticam*.

A AGRICULTURA E A INSTRUÇÃO POPULAR EM PORTUGAL.

Sans instruction élémentaire ou primaire généralement répandue, la réforme de notre industrie agricole est une utopie hors d'état de lutter contre la routine.

Emile de Girardin.

O Mais alto feito de gloria, que um povo pôde offerecer á contemplação do mundo, é a conquista d'um nome illustre na historia, d'uma illustrada dignidade politica, e da mais completa prosperidade material. Portugal carece infelizmente d'este ultimo brazão.

A imprensa, este grande agente da civilização, vai progredindo em sua benéfica missão derramando por todos as classes algum desenvolvimento intellectual; os prelos trabalham com actividade; os *jornaes* multiplicam-se, e as sciencias e as artes cada dia são cultivadas com mais zelo e amor. Para aproveitar porém estes felizes symptomas de nossa regeneração social, devemos acudir aos échos d'esse grandioso grito do progresso, que desperta as sociedades, retumba no seio das nações cultas, e as evoca para uma vida toda laboriosa, sempre cheia d'actividade, d'intelligencia e felicidade, cumpre não esmorecer na *propaganda* de todos os conhecimentos uteis; e para de novo grangearmos o glorioso nome de nossos maiores, quebrar por uma vez os laços, que nos teem manilhados ao carro da negligencia e da apathia.

As sciencias teem-se por assim dizer, tornado entre nós aristocraticas: não teem descido a todas as classes da sociedade; e por isso a agricultura tem permanecido orphã e abandonada. É tempo por tanto de libertar o lavrador do circulo estreito, em que o máu regimen da sociedade o tem retido escravo; a natureza dos trabalhos, a que o povo dedica a sua vida, não o deve obrigar ao officio eterno d'uma machina; esta

condição miseravel e obscura do homem deve banir-se da sociedade, e nesta obra de moralidade e illustração se empenham hoje grandes e sublimes engenhos.

Cada classe deve possuir noções claras, ainda que elementares da parte scientifica da sua profissão, e guiar-se na sua practica pelos principios systematicos da theoria, pelos luminosos conselhos da experiencia; d'outro modo será o lavrador eternamente condemnado á condição d'um mero automato, será escravo d'uma servil e cega imitação, e já-mais melhorará a sua sorte social.

A classe agricola tem tantos ou mais direitos, que nenhuma outra, á instrucção e ao saber.

O lavrador é o primeiro defensor do estado, o homem que as leis mais sabias teem sempre protegido e honrado: emprega toda a vida em servir a sua patria, presta com seus braços e trabalhos elementos a todas as artes e officios, e assegura á sociedade, o primeiro dos bens — a conservação da existencia e da vida. A agricultura é uma arte muito nóbrega; deve-se-lhe o começo das sociedades, e a formação dos estados; e d'ella nascem os mais doces sentimentos da vida — o amor da patria, o amor de familia, e as mais brilhantes virtudes sociais.

A classe agricola porém carece entre nós da instrucção propria da sua profissão: os nossos camponozes, pela maior parte, nem ao menos sabem lêr, mas é d'esperar, que o estabelecimento d'escolas primarias, que as nossas administrações se vão empenhando em diffundir por todo o reino, e as medidas que ha pouco fôram promulgadas na *reforma da instrucção primaria*, acabem dentro em poucos annos com a ignorancia dos pequenos lavradores; e temos alem d'isto entre nós muitos proprietarios e lavradores instruidos, e os parochos, as autoridades e os litteratos para lhes servirem de mentores, dontrinando-os pela palavra e pelo exemplo, e cusinando-lhes

os preceitos mais uteis e as practicas mais vantajosas da agricultura.

Não faltarão talvez inimigos da vulgarisação dos conhecimentos, e sectarios de crenças erroneas, que julguem o lavrador, pela condição rude de seus trabalhos, incapaz de lêr e aprender a parte theorica da sua arte. Mui diversamente o entendemos nós: todo o lavrador, que souber lêr, é tão apto como nós para aprender a parte tecnica e scientifica da sua arte; se não está tão habilitado para descobrir verdades e deduzir consequencias, não é todavia privado dos meios intellectuaes para o alcançar. As doutrinas que intimidam a sua intelligencia, tambem já nos parecêram incomprehensíveis, quando pela primeira vez no-las ensinaram; e sem a carreira por que nos fizeram passar para chegar ás sciencias de demonstração, tivéramos como elle succumbido á ignorancia. As idéas caracteristicas do nosso seculo já não permitem, que se levantem taes barreiras na sociedade, concedendo privilegios, honras e saber só á classe aristocratica: o povo tem tambem direitos á sciencia e á nobreza do merito. É no povo, quo as corporações sabias vão encontrar seus grandes homens, é d'elle que nasceu quasi sempre os innovadores nas sciencias e nas artes; é do povo enfim que tudo se devêra esperar, se a sua educação fosse bem dirigida e suas luzes bem fomentadas.

É preciso por tanto diffundir a instrucção agricola, e propagar o gosto por tão nobre arte; que depois seremos plenamente indemnizados de nossos trabalhos e fadigas, quando nossas terras forem amanhadas, não segundo a fé que os lavradores prestam a prestigios e crenças populares, mas conforme com os dictames da theoria e da experiencia.

O estado da agricultura nos paizes mais civilizados offerece um brilhante quadro d'emulação para os nossos lavradores consultarem as practicas e os methodos mais vantajosos e mais adequados ás suas circumstancias.

Na Baviera ensinam-se os filhos dos camponeses nas escholas agrarias por cathecismos d'agricultura, como se lhes ensina a religião. E não poderia entre nós seguir-se um tão util e sancto exemplo? certamente. A religião e a agricultura velam ambas pelas necessidades dos homens; a religião quer que o homem seja feliz e virtuoso, e a vida campestre é um manancial de virtudes e felicidades.

O povo portuguez tem sempre mostrado a maior aptidão para as lettras, artes, e as mais arriscadas empresas; não é muito pois que se possa tornar uma nação essencialmente agricola.

Não despresemos os dons, que a natureza tão largamente nos prodigalisou: o nosso bello e variado clima, este sólo privilegiado e abençoado pelo cén só esperam por mãos habeis e intelligentes, para obrar prodigios, e temos por fé que estas mãos de rudes e grosseiras, hão-de pela luz da imprensa tornar-se sabias e laboriosas. Pela nossa parte concorreremos, quanto em nós couber, para levar a effeito o que aconselhamos, publicando no nosso jornal alguns preceitos theoreticos e practicos, que são hoje admittidos pelos Agronomos mais distinctos.

J. A. S.

— 121026 —

(J. D.)

O JUSTO E A SOCIEDADE.

Seu coração era puro como o dos anjos, e sua alma innocente e caudida só dava asylo á virtude.

Era rico e joven; e a sociedade monstro hypocrita e servil o afagou com o carinho de mãe para depois o repellir com o rigor de madrastra, e para o esmagar, em aperto doloroso e pungente lhe abriu com simulada franqueza seus braços de ferro.

E elle se lançou nelles com a con-

fiança do justo, porque acreditava, que na companhia dos homens ia gosar os arrobados prazeres dos archanjos, e ouvir de seus labios hymnos ao Creador, mais suaves do que os dos astros em seu girar harmonico, os dos bosques em seu ciciar cadente, e os das xâgas em seu quebrar em flor: mas to-pou desprazeres em vez de gôzos, e em vez de hymnos melodiosos, o estrondo confuso, monotono, e terrivel formado pela alegria e pelo pranto unidos em medonho hymnheu.

E seus cabellos se eriçaram como se lhe passâra diante dos olhos o genio da destruição seguido do seu habitual cortejo de crimes; e seu corpo estremeceu, como corda vibrada por mão possante.

Os vicios de todas as especies, escondendo sua asquerosidade real sob gallardas louçanias, o cercavam de seduccões. A impudicia, mascarada com as rosas do pudor, e arreada com enfeites da virgindade, lhe acenou dos prostibulos; e o crime lhe abriu com estudada jovialidade as portas d'aquellas catacumbas infernaes aonde se perde o ouro com a virtude e se aprende a falar a sêde das riquezas na fonte dos delictos; mas seu olhar alumiado pelo sol da intelligencia divina pôde lubrificar o hediondo através dos recamos de ouro, e o seu coração ficou puro como o dos anjos, e sua alma innocente e candida continuou a dar a-ylo a virtude.

Com a alma repassada d'esta religião de amor e de esperança, que na hora do passamento o filho de Deus legou aos homens no alto do Golgotha, e com os olhos fitos de continuo nos altamente sabios preceitos do evangelho, protegia o fraco da prepotencia do forte, levava o pão da caridade á cabana do indigente, consolava com palavras de amor os perseguidos da desgraça; e em troca de tantos beneficios que com mão larga semeava só colhia perfidias e ingratiões. E suas virtudes brilhavam d'entre a espessa nevoa de corrupção nascida do ha-

lito impuro do crime, como o pharol na escuridade da noite.

E elle era no meio dos homens como diamante engastado em negra chapa de ferro enferrujada pelo correr dos annos.

E a sociedade o aborrecia porque o via puro no meio do vicio, escarnecia-o porque era a censura vivente de sua corrompida moral, e o acompanhava com ridiculos motejos e pezados sarcasmos em cada passo que elle firme e ousado dava pela estrada da virtude.

E elle respondia aos insultos com afagos; e sentia o coração estalar-lhe de dôr por ver que o monstro das trevas ia reconquistando o imperio que lhe havia feito perder a vinda do Messias.

E alevantou os olhos ao Cêu para implorar o perdão para os homens, e ao descrava-los das moradas do Eterno encontrou o olhar malicioso do impio e o sorriso ironico do atheu.

E ergue a voz para fazer conhecer o caminho, que conduz á verdadeira felicidade, e suas palavras ondas de luz espiritual em vez de dissiparem as trévas do scepticismo, se perderam no tumultuar confuso do descreer por entro os risos e apupos.

E olhou em redôr de si, e viu os templos ora abandonados de crentes e silenciosos de preces, ora cheios dos gritos freneticos das differentes parcialidades politicas, que debatendo com irriligiosa raiva, mesquinhos interesses de poucos em que muitos são forçados a tomar parte, deixavam quietar a espaços o sussurro das paixões humanas, para fazerem depois echoar as abobadas costumadas aos mysticos cantares, com o rir insultador dos vencedores, e com o blasfemar desesperado dos vencidos. E viu o hypocrita encobrir as tenebrosidades da sua alma com um sorrir mentiroso como a luz do relampago, que alumia a superficie do oceano sem nos amostrar seu fundo.

E viu o rico á força de crimes ser acatado e respeitado; e o pobre virtuoso ser aviltado e desprezado; e o falso ami-

go ser reputado sincero em seu afagar traçoeiro; e o egoismo sordido trajar com desfarçamento indizível as vestes do amor da patria.

E chorou sobre a sorte de seus semelhantes, e seu chorar foi apellidado hypocrisia.

E conheceu, que se achava só no meio dos homens, e ouviu uma voz intima que lhe bradava — foga da sociedade se queres gosar da companhia de Deus —: e embrenhou-se pelas solidões do deserto, e allí dirigindo os olhos ao Céu e o pensamento ao Creador, estendia a mão resequida pela penitencia para abençoar aquelles, que o haviam repellido.

Morreu: e o seu jazigo é humilde como foi sua vida, e apenas para contrastar com os soberbós moimentos erigidos ao vicio pelas mãos da vaidade, se vê uma cruz tosca designando o lugar onde jaz a virtude.

P. de C.

NOVOS TRABALHOS
DE

M. Milne Edwards.

Na sessão da Academia real das Sciencias de Paris de 17 de março ultimo, leu este sabio naturalista uma memoria relativa ás descobertas, sobre o systema circulatorio dos molluscos a que fôra levado com M. Valenciennes. Ha poucos mezes que apresentára á Academia um relatorio com os resultados de uma expedição scientifica que elle acabava de executar pelas costas do Mediterraneo sob o patrocínio do infeliz Ministro da instrucção publica, M. Villemain; e as acquisições feitas nesta viagem foram de subido interesse para a sciencia:—estabelecer um novo systema de classificação zoologica, fundado nas analogias da vida embryonaria. *La zoologie*, disse M. Edwards nesse relatorio, *après être*

restée longtems essentiellement descriptive et avoir revêtu, au commencement de ce siècle, un caractère anatomique, a pris maintenant une direction plus physiologique. Os naturalistas modernos não esqueceram achar todos os elementos do methodo natural na confrontação dos animaes no seu estado adulto e definitivo, pois que a serie de metamorphoses por que todos passam, as evoluções e atrophias especiaes a cada um e cada época, fazem desaparecer o plano geral que domina nas organizações: recorrem aos primeiros momentos em que os caracteres das racas, familias, generos e especies começam a manifestar-se, e estas novas e fecundas vistas, auxiliadas poderosamente pelas investigações de M. Edwards, promettem um brilhante futuro ao estudo philosophico do reino animal.

Desde a época mysteriosa da vesicula primordial, da cellula germinativa, em que nos é impossivel discriminar as classes, até talvez o animal do vegetal, é cuidadosamente espreitado o momento de transição para a época das primeiras desenvolvções dos rudimentos organicos; mas tão varia é esta evolução para cada especie e cada organo, tanto diversifica em rapidez e complicação, são tão importantes os órgãos sujeitos a permanecer abortivos, rudimentares, ou á transformação, suppressão, evolução tardia, que impossivel fôra fixar para cada animal uma época de desenvolvimento completo e normal. Segundo as ideas de M. Edwards é possivel achar-se uma lei de dependencia entre as affinidades zoologicas e a duração de estados analogos da vida embryonaria. E é pelos grãos mais baixos e simplicies da escala que deve começar este estudo, onde a evolução offerece productos abundantes, phenomenos visiveis, onde as fecundações artificiaes são possiveis e independentes da vida intra-uterina.

Em novembro do anno passado, visitou M. Edwards diversos pontos das costas da França, Argel, Sicilia e Ita-

lia; desceu a todas as profundidades possíveis do mar, a quantas anfractuosidades pode encontrar nos rochedos submarinos, servindo-se do aparelho mergulhador de Paulin. Comparar os estudos feitos sobre os diversos typos dos invertebrados do oceano e mares do norte com os que são proprios das regiões quentes; examinar o mechanismo physiologico no seu mais completo e livre exercicio e sob a influencia de todos os agentes locais, tal era o fim das suas ousadas excursões. E questões d'alta importancia vem este sabio offerecer á contemplação dos zoologistas, especialmente as que devem constituir a parte positiva da nova theoria. Na sua memoria de 3 de dezembro indicou os seguintes pontos:—circulação dos molluscos, e dos crustaceos, sua embryologia e dos annelides, organização dos acalephos ciliogrados, mechanismo d'alguns movimentos dos molluscos, a impossibilidade de se fundar a divisão d'esta classe sobre o modo de geração ou natureza do sangue.

O primeiro d'estes pontos foi effectivamente assumpto da sua memoria de março. M. Edwards demonstra na Academia, por meio de exemplares injectados, que o aparelho circulatorio dos molluscos differe do dos vertebrados, em que depois do systema arterial e das malhas dos tecidos, que formam duas ordens de redes capillares, vai o sangue derramar-se na cavidade abdominal, e por especies canaes reverte aos orgãos respiratorios e ao coração. M. Quatrefages chama este systema *phlebenterismo*; quaesquer consequencias que se pertendesse tirar d'esta descoberta, seriam prematuras se as não reservassemos ao engenho do proprio auctor e ao desenvolvimento dos pontos ultteriores da sua memoria; nem nos demoraremos com as analogias que alquem quer achar d'esta organização com a das classes superiores.

I. E. B.

(I. D.)

O ANNIVERSARIO.

Meditação.

Vinte annos! — e eis um marco mais na estrada da vida; mais uma folha no livro da existencia; — e o que é esta? — uma balança fiel, que pende das mãos do Eterno; em uma das conchas está o passado, em outra o porvir; cada dia é um grão de mais para uma, de menos para outra.

Vinte annos! — e eis ali a esvaccerse, a precipitar-se nas profundezas do que foi o primeiro e o mais bello periodo da existencia; — eis ali a expirar a primeira e mais formosa de todas as idades, a quadra breve das illusões, a doce primavera da vida.

Vinte annos! eis mais um riachão para engrossar a torrente do passado, eis mais uma onda para o sorvedouro dos tempos, mais um annel para a cadeia de meus dias — e quem sabe se o ultimo?

Quem sabe? — mas porque me lembro da morte no vigor da existencia? porque penso no passado, quando me sobeja porvir? porque? . . .

E quem no dia que recorda o primeiro não pensará no ultimo? a quem esquecerá o tumulo quando o berço lhe lembra? —

A mão destruidora do tempo como a aza negra de procella, arranca á arvore da existencia as folhas melindrosas; — quem não cuidará na derradeira ao ver uma no turbilhão que a devora?

Primavera da vida, entristece-me o teu adeus; — chora o infante quando vê pedaços o brinco que o entrelinha; esmorece a rôla ao despedir-se do ultimo raio do sol, que lhe aquentava o ninho; — esmoreço e choro com teu adeus, primavera da vida.

Adeus! — uma lagrima ao passado, cemiterio d'illusões; — futuro pélagos

de trevas, para ti não tenho lagrimas nem sorrisos.

Passado e futuro! — eis os dous polos da existencia humana; — palavras mesquinhas das linguas mesquinhas da terra; — só Deus é grande, porque as não conhece.

Dezembro 21, 1843.

A. Lima.

GUSTAVO HUGO.

A Jurisprudencia acaba de perder um dos seus mais distinctos ornamentos pela morte de Gustavo Hugo falecido aos 15 de setembro do anno passado com mais de oitenta annos de idade na cidade de Goettinga, de cuja Universidade era Professor de Direito.

Nascêra este sabio Jurisconsulto aos 23 de novembro de 1764 no Grão Ducado de Baden. Depois de haver cursado as escolas elementares de Montbelliard e Carlsruhe passou á Universidade de Goettinga onde se graduou em Direito.

Discipulo de Heyne e de Spittler entrou em 1790 na grande lucta das duas escolas *historica* e *philosophica*, que ainda hoje dividem os Jurisconsultos allemães; abraçando o partido da primeira.

No anno, que dissemos, começou elle a publicação dos trabalhos litterarios, que com tanta gloria sua e proveito das sciencias e das letras continuou por mais de meio seculo.

Em 1791 foi feito Professor de Direito da Universidade de Goettinga, onde

teve logar para propagar por toda a Alemanha os principios da eschola historica, a qual lhe deve grande parte da sua voga associando o seu nome com os de Savigny e Haubold.

Um dos meios de que estes sabios se serviram para diffundir as suas idéas, e que maior impulso tem dado ao estudo da Jurisprudencia, foi a publicação de *Jornaes scientificos*, sendo Gustavo Hugo um dos collaboradores mais infatigaveis d'estas publicações.

Lermièr fez o elogio de Hugo, chamando-lhe: Jurisconsulto encyclopedico, que soube encarar a Jurisprudencia por todas as suas faces; consummado e profundo no Direito romano, os seus trabalhos historicos sobre esta parte da sciencia immortalisaram o seu nome.

Entre nós a sua — *Historia de Direito Romano* — é bastante conhecida e apreciada; mas além desta obra ha muitas outras do mesmo auctor, das principaes das quaes damos uma relação —

Curso completo de Jurisprudencia, contendo — 1.º uma Encyclopedia — 2.º Historia do Direito romano até Justiniano — 3.º Historia litteraria do Direito Romano desde Justiniano — 4.º Curso de Direito natural — 5.º Chrestomathia — 6.º Manual do Digesto — 7.º Manual do Direito romano moderno — 8.º *O Jornal* — *Civilistiches Magazin* — e 9.º dous volumes dos artigos publicados por elle no *Jornal de Goettinga* o — *Anzeigen*. —

S. B.

Resultado das observações meteorologicas de Marco

	Barometro		Thermometro		Hygrometro	
	(red. á temperatura 0.º)		(interno)		de Saussure	
					de Mason	
Maxima.	819 ^{mm}	42 (dia 23)	17º C.	(dia 31)	88 (dia 14)	6 (dia 15 e 16)
Media.	752	, 92.	11, 83		77, 95	2, 94
Minima.	704	, 89 (d. 10)	8.	(d. 9.)	70 (d. 21 e 22)	2 (freq.)
Ventos.	{ Var. nos 2 quadrantes O, entre N. e SSE { N a S = 1, 33 { Freq. relativa. { E a O = 0, 08				{ Cariz { Dias mais ou menos { chuvosos. 14 { Ennevoados. 6 { Limpos. 11	

(J. D.)

INSTITUTO DE LITTERATURA E ARTE
DRAMATICA.

Em virtude da reforma dos Estatutos da Associação, começou este Instituto a reorganisar-se, com o nome de *Instituto de Litteratura e Arte Dramatica*, nas sessões de 12 e 19 d'Abril; daremos mais tarde uma abreviada noticia d'este trabalho, quando estiver concluido.

Na sessão do dia 17 foi conferido ao Sr. João de Lemos Seixas Castello Branco o titulo de *Socio Honorario*, em testemunho do reconhecimento do Instituto pelo offerecimento do seu drama *Maria Paes Ribeiro*. O Instituto quiz junctar por este modo a sua corôa litteraria ás muitas com que foi corôado o seu digno socio nas duas representações do seu drama.

Na mesma sessão foi offerecido ao julgamento do Instituto um novo drama—*O Magnetismo em Salamanca*—no gosto do *Vaudeville* francez, por um socio que não quiz declarar o seu nome. Este drama foi lido ao Instituto, discutido e approvedo na sessão extraordinaria de 26 de abril. É o 4.º drama original offerecido á censura do Instituto por socios seus no anno corrente.

Deverá ter lugar em um dos primeiros dias de maio, o elogio historico do nosso antigo collega na Academia e no Instituto o Sr. João de Vasconcellós Pereira Coutinho Mendonça Falcão, que em 1841 vimos com tanta magoa nossa e tão prematuramente, quasi no fim da sua carreira escolastica, roubado ás letras e aos seus amigos. O Sr. Mancel Maria da Silva Bruschy que mais particularmente possuia este titulo, foi preferido, a pedido seu, para cumprir esta parte do nosso novo Estatuto; e o nosso jornal apresentará ao publico o seu discurso.

N.º 4.—4 de Maio de 1845.

Sobre proposta do Sr. Castro Freire, o Instituto deliberou promover em seu nome uma subscrição para concorrer ás despesas do monumento que em Lisboa vai erigir-se ao nosso immorttal lyrico Filinto Elysio. A sociedade editora da Revista Academica foi concedida a honra de fazer parte da commissão promotora d'esta subscrição que tem por fim assegnar na historia de Portugal uma das suas mais preciosas épochas de gloria litteraria (*).

(J. D.)

TRADUCCÃO DE UMA MEDITAÇÃO DE
MR. DE LAMARTINE.

AGLORIA

A Filinto Elysio no desterro.

Dous caminhos em frente se vos abrem,
O' das Musas mimosos, bem diversos.
Um conduz a ventura, á Gloria o outro:
 Cumpre escolher, ó Vates.
Teu destino seguio, ó gão Filinto.
A lei commum: — tu foste desde a infancia
Da gloria o martyr, filho do infortunio;
 E choras o teu fado?
Peja-te, ó vale, de invejar ao vulgo
Esse inglorio deseanço em que vegeta:
Se o céu o cumulo dos Deus da terra,
 A nós deu-nos a Lyra.
São teus os sec'los, tua patria o mundo;
Hão-de aos manes por fim erguer-se altares;
Justiçoso o futuro ha-de sagrar-te
 Triunfos immortaes.
No destemido vôo agnia suberba,
Na estancia dos trovões assim pairando,
Parece um grito alçar: nasci na terra,
 Mas eis-me em fim nos céus.
Tu da gloria serás; mas olha o preço
Por que te é dado o intrar seu templo augusto;
Não vês de guarda a porta o infortunio
 Sentado nos degraus?

(*) A Redacção d'este periodico acaba effectivamente de abrir no seu Escriptorio a subscrição para collaborar a um tão glorioso e patriotico emprehenho, e convidamos aos amadores das nossas glorias nacionaes a que venham reunir os seus aos nossos esforços para eternisar o nome do Heroico Lusitano, do regenerador das nossas letras, do pobre expatriado que ás margens do Sena se não deslembrou da mocidade portugueza.

Dentro não vês o velho, a quem a Grecia
Deixou de mar em mar curtir desgraças:
Ecego mendigar um pão de lagrimas

Em paga dos seus hymnos?

Olha allí tens o teu Camões dicino:

O sublime cantor das glorias patrias.

Morreu n'um hospital, e nem lhe destes

Ao menos a mortalha!!

Além ardendo em fogo expia em ferros

O Tasso a sua gloria, e os seus amores;

Prestes a receber laurel tardio,

Eil-o desce na campa.

Por toda a parte victimas, proscriptos.

Uns lutando co' algoz, outros co' a sorte;

Parece o céu que manda ás almas grandes

Dores tambem maiores.

Oh! cala-me na lyra esses lamentos:

Os fracos se lastimem; tu, Filinto,

Rei sem throno, sorri para a desgraça

Com generoso orgulho!

Os ferros dos tyrannos, nem o exilio,

Poderão algemar a tua gloria

Nestas margens do Sêna; — inda Lisboa

Reclamará teus ossos.

Ao receber da herança ha-de chorar-te;

Assim chorou Athenas seus proscriptos:

Coriolano expirou, de Roma os fillos

Seu nome reivindicam.

Quasi a descer para a mansão dos mortos,

Ergue supplices mãos aos céus Ovidio;

Ao Sarmata grosseiro as cinzas lega,

Sua gloria aos Romanos.

F.

HISTORIA DE PORTUGAL DURANTE A IDADE MEDIA.

Fragmento.

O fragmento que offerecemos pertence ao primeiro capitulo da Introducção á *Historia de Portugal Durante a Idade Media (Historia Política)*. A epigraphie do capitulo, uma de cujas proposições este trecho tem por objecto provar, é a seguinte:

«Considerações preliminares: distincção fundamental entre os escriptos historicos da Idade-Media, e os da epocha da restauração das lettras. As origens de Portugal lemitadas naquelles á sua verdadeira ou mais natural data, e nestes deduzidas de epochas estranhas, e até ante-historicas. Causas e consequencias d'este falso systema. Conveni-

encia de separar da Historia de Portugal, tudo o que rigorosamente é alheio d'ella. Nenhuma identidade nacional entre a sociedade portugueza e alguma das antigas tribus ou raças que habitaram a Peninsula antes da era christã. Caractères que podem estabelecer a identidade na successão dos tempos—o territorio—a raça—a lingua: falta d'esses caracteres entre os lusitanos e os portuguezes. Elementos constitutivos de Portugal relativamente ao territorio e á população: elemento leonez e elemento sarraceno. Necessidade de conhecer a historia politica dos estados mussulmanos e do reino de Leão como base para a historia politica da primeira epocha da monarchia portugueza.»

Apontamos acima entre os principaes vestigios da civilisação romana, os da lingua. Em logar competente examinaremos qual foi o modo porque se formou o nosso idioma, e por quaes transformações provaveis passou o latino até se converter na linguagem portugueza anterior ao renascimento, como por circumstancias analogas se convertia tambem nas outras do meio-dia da Europa. Apesar da rapidez com que devemos proseguir nesta introducção, mais larga necessariamente do que desejamos, importa estabelecer aqui o facto de que, nas considerações relativas a esse objecto, havemos de partir. Este facto é o predominio absoluto da linguagem dos romanos na epocha em que lhe succederam os visigodos. A opinião de que o cellico se tem conservado no essencial das linguas da Hespanha atravez de todos os successos politicos e sociaes, durante umas poucas de dezenas de seculos, começou a correr entre nós ha annos com algum applauso. Esta voga proveiu-lhe de certo apparatus de razões philosophicas em que se estribou. Disse-se que a filiação das linguas se não devia deduzir da semelhança dos vocabulos, mas sim da sua indole: pro-

curaram-se provas, e até certo ponto acharam-se, de diferenças e antinomias grammaticas entre os dous idiomas, e d'aqui se concluiu que a lingua portugueza conservava na intima essencia a sua origem primitiva ou celtica. O monstruoso d'este raciocinio apparece logo que se reduz á sua simplicidade; mas involvido n'um grande numero de considerações, e revestido da auctoridade de alguns factos, que concordam com uma outra das suas premissas, facil foi escapar a muitos que a conclusão não se continha nellas.—Admittindo o principio, alias falso, de que as filiações das linguagens humanas se devem exclusivamente buscar nas semelhanças de syntaxe, e concedido que na realidade se dão grandes diferenças de indole entre o portuguez e o latim, a consequencia legitima d'isso fôra unicamente que d'este não proviera aquelle. Para provar, porém, a sua origem celtica, era necessaria mais alguma cousa; devia-se expor a indole da antiga linguagem dos celtas d'Hespanha, e achar as analogias intimas entre essa linguagem e a nossa, e o contraste d'ambas com o latim. Eis o que se não fez, e que é impossivel fazer-se. A hypothese de que o portuguez procede do celtico tem a ruína na base. Essa lingua primitiva passou sem deixar monumentos: o que hoje subsiste é um certo numero de dialectos, cuja semelhança relativa com o idioma de que procedem ninguem ousaria determinar tanto mais que entre elles se dão gravissimas diferenças. É o ersa, o gaelico, o armorico, ou o welsh o representante mais proximo do antigo celtico? Era este uma lingua commum a todos os povos da mesma raça, ao menos dos que estancavam pela Peninsula? Questões são estas sobre que apenas se poderão fazer conjecturas mais ou menos arriscadas, e que tadavia fôra preciso resolver com clareza antes de converter a hypothese em these. Isso, porém, repetimo-lo—é impossivel, posto que uma passagem de

Strabão, passagem de que aliás os defensores das origens celticas creram tirar vantagem pareça decidir negativamente a segunda questão (1), e nesse caso importaria determinar de um modo positivo qual d'essas linguas diversas, de que elle falla, transfundiu para a da nossa a sua indole.

Neste logar só nos cabe fazer sentir que os resultados da conquista romana se estenderam até a transformação dos idiomas da Hespanha, fossem elles quacs fossem. O modo porque atravez do dominio wisigothico, da invasão arabe, e da reacção christã se foi alterando a linguagem hispano-romana no occidente da Peninsula até chegar a produzir dialectos diferentes, que se constituiram em diferentes linguas, havemos de averigua-lo em relação á portugueza onde nos cumpre fazê-lo. Aqui só importa saber se o idioma dos romanos tomou um ascendente decisivo sobre as linguagens mais ou menos barbaras e confusas que até então se fallavam, e que não podiam ser exclusivamente celticas, mas mescladas de iberico, celtico, phenicio, grego, e punico, bem como o eram no sangue os habitantes da Hespanha, e como ainda hoje o vemos nos vestigios d'essas linguas, bem apparentes nos dous principaes idiomas modernos, o portuguez e castelhaño.

Dissemos acima o—idioma dos romanos—e não a lingua latina: dissemo-lo mui de proposito. Quando se assevera que o latim se tornou a linguagem geral da Hespanha affiguramo-nos que os hespanhoes repetiam vulgarmente os periodos eloquentes de Cicero, ou usavam do estylo facil e harmonioso de Tito Livio; que guardavam as regras severas da grammatica latina com o mesmo escrupulo com que costumavam respeitá-las os bons escriptores do seculo de Augusto. Esta idéa errada basta

(1) Utuntur et reliqui hispani grammatica, non unius omnes generis: quippe nec eodem quidem sermone. Strabon. Geogr. L. III [p. 204 da edição d'Amsterd. 1707 notis variis.]

por si a levar alguns espiritos a inclinarem-se para os sonhos do celticismo persuadidos, e com razão, da impossibilidade de admitir semelliante idéa. O facto é, porém, outro. Em Roma o vulgo fallava sem duvida de um modo diverso d'aquelle que os escriptores seguiam. Essa linguagem que Suetonio chamava *quotiniana* e Aulo-Gellio *rustica* (1) é denominada por outros auctores *pedestre*, *vulgar*, *simples* (2). Misturada de vocabulos desconhecidos nos livros, imperfeita no mechanismo dos verbos, e nas desinencias dos casos seguia-se-lhe d'ahi a necessidade de empregar as preposições mais frequentemente para distinguir estes, e uma ordem natural e sem inversões na successão das palavras (3); precisava em fim de alterar a indole da lingua culta, e de approximar-se, quanto a essa indole, das formas mais simples que depois adoptaram os idiomas modernos do meiodia da Europa.

Esta linguagem popular era por ventura em parte um certo resto da antiga lingua do Lacio conservada tenazmente pela plebe, e alimentada pela accessão successiva dos povos da Italia á socie-

(1) *Quotidiano sermone, quaedam... usurpasse cum (sc. Octavium) litterae ipsius autographae ostentant... baccolum... pulciaceum... Ferrerosum... vapidose habere... betizare... lachanizare.* Item, *simus pro sumus A. domus genitivo casu.* Octav. c. 87 (ediç. de Ernesto 1775) D'aqui se vê que o povo não só usava de vocabulos estranhos á lingua litteraria, mas alterava a declinação dos nomes e a conjugação dos verbos. E advirta-se que Augusto não escrevia na linguagem popular, mas apenas usava de algumas palavras d'ella, *quaedam*.—*Quod nunc autem barbarè quem loqui dicemus, id vitium sermonis non barbarum esse sed rusticum.* Gelli Noct. Att. L. 43 c. 6.

(2) Ducange Glossar. Praefat. c. 28.

(3) Era por isso que Augusto, que aborrecia os discursos obscuros, não poupava fallando ou escrevendo as preposições e conjunções, segundo diz Suetonio (c. 86): *neque praepositionibus verbis addere, neque conjunctioes saepius iterare dubitavit.* Ernesto com Grevio, e Gronovio, leu *arbitus* por *verbis* o que nos parece não ter sentido. Suetonio alludia sem duvida aos discursos de Augusto, e aos escriptos para o povo, nos quaes elle provavelmente fallava a linguagem vulgar seguindo a sua judiciosa doutrina de se fazer entender por todos, em vez de buscar phrases e palavras exquistas,

dade romana; em parte um resultado das conquistas. Nas longinquas e duradoras guerras da republica, as legioes romanas vagueando por diversas partes, residindo por dilatados periodos no meio de estranhos, recrutando cohortes inteiras entre estes, eram, saindo de Roma e voltando a ella continuamente, um vehiculo de palavras e phrases barbaras que tendiam a conservar a linguagem popular, indomada pelo idioma litterario, e talvez a afastar cada vez mais um do outro. E na verdade já Cicero se queixava de que os estrangeiros, principalmente celtas, (*braccatae nationes*) affluindo á Roma houvessem alterado a pureza da dicção (4).

Por outra parte a notavel differença da lingua plebea á lingua culta, se descobre nos monumentos mais antigos, e nas palavras e locuções d'aquelle, que voluntaria ou involuntariamente introduziram nos seus escriptos ainda os mais celebres auctores Romanos (2).

Continuar-se-ha.

A. Herculano.

INFLUENCIA DO CHRISTIANISMO SOBRE A LEGISLAÇÃO.

(Continuado do N.º 2. pag. 21.)

II.

Fili, obedite parentibus vestris in Domino: hoc enim justum est.

Honora patrem et matrem tuam... Ut bene sit tibi...

Et vos patres, nolite ad iracundiam provocare filios vestros: sed educate illos in disciplina et correptione Domini.

S. Paul. ad Ephes. cap. 6.

O Homem no verdor dos annos, cheio de vida, volteando na voragem das pai-

(1) De Orat. c. 5 n. 24.

(2) Quintilianus Institut. Orat. L. 1. c. 9.— Quem quizer estudar mais largamente a materia consulte Hallam *Europe in the Middle Ages*. c. 9.— Tiraboschi *Storia della Letteratura Italiana* T. 3 P. I Praefaz. (edição de Florença 1806) Ducange *Glossar. Praef.* e sobre tudo *Memoires de l'Académie des Inscriptions*. T. 24 p. 582 e segg.

xões pode julgar-se feliz por não ter prizaes que o liguem á sociedade e lhe roubem momentos de prazer, « embora seja a vida um sonho, é um sonho agradável, mais agradável que o despertar » — dirá elle — Porém, mal que lhe pese, virá a mão tremula e enregelada da velhice e despertando-o lhe apontará para o mundo, e elle não encontrará senão um deserto triste e desabrido apesar do seu tumultuar e folguédos: abandonado de todos, incommodo para todos, roído de pezaes, saudades, e remorsos, aneará pelo tumulto como seu unico refugio.

O sonho era prasenteiro mas foi curto, e o despertar foi terrivel... E porque?

Porque esse homem não tinha um filho, que na velhice indemnissasse cento por um os cuidados que d'elle recebêra.

Faltava-lhe um amigo, e elle não havia querido ser Pae para ter amigos.

As caricias da infancia, os risos e os folguédos da juventude, os cuidados da virilidade não lhe podem suavisar os males da velhice: e prestes a entrar o limiar da eternidade não verá um raio da immortalidade vendo-se reproduzido na existencia de seus filhos.

A creação do homem á *imagem do creador* (*) em cousa nenhuma é por certo mais sublime do que na reproducção da sua especie — Não é effeito da simples e *necessaria* lei da conservação da mesma especie, por que então satisfêto o fim cessariam todos os vinculos da paternidade. É a felicidade de rever-se nas suas obras. Os brutos ainda os mais superiores na escala da animalidade e mais carinhosos na protecção da prole, esquecem que são paes, e arrojam do seu ninho seus filhos, quando teem de dedicar-se á creação de uma nova prole; outros devoram seus filhinhos, ou os deixam morrer a míngua quando a lei do instincto lhes próva que são de mais.

(*) Et creavit Deus hominem ad imaginem suam — Genes. Cap. 1. v. 27.

E no entanto as legislações dos povos *ainda os mais civilizados*, quando nellas não dominam os principios do Christianismo, abatem o homem á triste condição dos brutos!... o apice da civilisação como synonyma de aperfeiçoamento moral do homem está na diffusão das idéas christãs.

Não são gratuitas as asserções, que levamos dicto. Vejamos os Chins arrojando ás ruas das suas cidades os filhos, que elles não podem ou não querem alimentar, para que os animaes carniceiros os devorem, ou os carros que acarretam as immundices os vão lançar ao mar!... os Lacedemonios matando os que nasciam com algum defeito, e os Romanos escrevendo com sangue a sua legislação sobre o patrio poder.

Restringindo-nos ao exame rapido da legislação d'estes ultimos, e comparando o que ella fôra antes e depois do Christianismo, veremos que a este devemos a destruição de taes horrores.

Coevo com a origem de Roma o patrio poder foi sancionado solemnemente peloCodigo fundamental de todo o Direito romano com a terrivel facultade de matar os filhos (*)

Este poder durou incontroverso até que a lei do amor e humanidade começou a ser conhecida. Nos tempos da Republica osexemplos de Bruto, Cassio, e Fulvio são bem *conhecidos*.

A apparição do Christianismo veio domar os corações de bronze dos dominadores do universo; e os costumes e as leis tenderam a modificar-se, e um cidadão romano começou a poder ser Pae sem abdicar a qualidade de homem para se tornar um algoz.

Nós já notámos que o Christianismo ganhára a victoria nos corações e nas convicções muito antes que as LL. sancionassem o seu reinado.

No tempo de Seneca o povo romano apredeja um Pae que matára seu filho. Trajano manumitte um outro cruelmen-

(*) Endo liberis justis, jus vite et necis venundauitque potestas patri — XII Tabl.

te tractado pelo Pae. Hadriano desterra um Pae que matára um filho na caça (*).

A força invisível das idéas Christãs já se amostra nestes exemplos: mas a legislação ainda não era christã, por que um Jurisconsulto contemporaneo de Alexandre Severo estabelece — *que é licito ao Pae o matar seu filho* (**).

No entanto Alexandre havia bebido leite christão: e este leite transformado em sangue imperial não podia deixar de attenuar tal legislação; e é d'elle a primeira lei que tira aos Paes faculdade tão barbara; despe-lhes a natureza de tigres para os tornar homens; em cada familia se estabelece um Tribunal (**).

Havia soado a hora marcada na mente do Eterno, e a cruz, sobre a qual o HOMEM-DEUS expirara por sentença de um magistrado romano, e em um patibulo romano, coberto de oprobrios e vilipendios, ia fechar a corôa dos Cesares e rematar a haste do Labaro; e o nome de Christo substituiu o dos imperadores nos estandartes dos exercitos, e o imperio dos Cesares passou a ser o de Christo, a sua extensão, civilização e LL. foram meios providenciaes da propagação do Christianismo.

E o imperador que alçara a Cruz como estandarte da victoria, assignava com ella a primeira lei que condemna como parricida o Pae que mata seu filho (****).

Constantino symbolisando as novas idéas christãs vencêra Maxencio. E a Cruz alçada com o rotulo — *in hoc signo vinces* — tornára os imperadores iguaes aos homens, e a igualdade religiosa não podia tardar a ser politica. E os filhos foram olhados pela lei como homens, e não como cousas sujeitas ao homem.

Baqueou o imperio romano, mas as suas leis secundadas pelos principios christãos passaram para as legislações modernas. Hoje nenhum povo christão

concebe a possibilidade de um patrio poder com o direito de vida e morte, o filho não é *cousa*, não é *escravo*, é um irmão do Pae em Christo. Pae de todos, é a benção do Senhor, é a promessa realisada de Jehovah. É o arrimo e consolação da velhice. O patrio poder é um jugo suave e religioso, os Paes são a imagem de Deus, e a obediencia filial um dever grato e sancto, e de tal natureza, que a linguagem dos povos christãos para denotar o que pôde haver de mais carinhoso no poder e de mais humano no castigo, tem o epitheto — *paternal* —.

Comparemos o sentido d'esta palavra pronunciada por um Jc.^{to} anterior ao Christianismo e por outro posterior, e a sua differença marcará um triumpho glorioso do Christianismo — um dos effeitos da sua influencia nas legislações modernas.

(Continuar-se-ha.)

S. B.

ABBADONA E ADRAMELEC,

ou

O DEMONIO ARREPENDIDO E O DEMONIO

CONTINUAZ.

(Continuado da pag. 22)

Entretanto Satan e Adramelec
Da terra pouco e pouco se avizinham,
Um perto de outro; mas cada um sósinho
Adramelec a viu, distante ainda,
Por entre as trevas da cerrada noite;
E — ei-la! — de gozo transportado, disse:
(Apoz ideas vinham-lhe as ideas,
Como as vagas do mar, como o oceano
Se encapelou, America longinqua,
Quando de mundos tres te separava)
» A terra é sim, e eu regerei a terra
» Qual origem do mal, d'ella o tyranno,
» Logo que Satanaz expulso, e o Níme
» Vencido, eu imperar. Ella sómente?
» E ao meu dominio escaparão os astros
» Que nos céus volvem sobre mim ha tanto,
» Tranquillamente? — Lá tambem a morte
» Destrua um apoz outro, até o extremo
» Do firmamento — e que isto veja o Eterno! —
» Intelligentes seres destruidos
» Não serão um por um, como ante a furia
» Vil, impotente, de Satan furecem —
» Raças inteiras cairão extinctas,
» Jazerão a meus pés em pó immersas

(*) Senec. de clem. lib. 1. cap. 14. L. 5. ff. de leg. Pom. de parricid. L. un. C. de his, qui par. vel lib. occid.

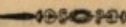
(**) Paulo na L. 11. ff. de lib. et post.

(***) L. 3. C. de patr. potest.

(****) L. un. C.

• E desmaiadas voltearão morrendo :
 • Eutão aqui—alli—ou lá—triumphante
 • Sosinho sentar-me-hei , olhando em roda : —
 • Então , ó natureza , para o immenso ,
 • Profundo sepulchral das obras tuas ,
 • Que eu conduzi ao tumulo , meus olhos
 • Abaixarei—e os teus corruptos restos
 • Observando rizei ! E queira Eterno
 • Do cadaver do mundo novos séres
 • Tirar , para eu arruinar de novo !
 • Com o mesmo ardimento , as mesmas artes ,
 • I-lós-hei outra vez , de um astro em outro ,
 • Desviar , destruir . — Adramelec
 • O teu poder tal é : — achar te resta
 • De exterminar espiritos o modo .
 • Para que às tuas mãos Satan preça
 • E destruido , se esvaeça em nada .
 • Debaxo de seu mando , acção nenhuma
 • Digna de ti executar te é dado
 • Tu poderoso espirito , que animas
 • Adramelec , inventa—faz : —acabem
 • Os espiritos mesmo : —eu te maldigo !
 • Ou destroe-os , ou morre ! —Ah , sim fenece !
 • Viver e não reinar ! —Prefiro a morte .
 • Eu irei—eu irei os pensamentos
 • Mens , quaes nubes , junctar e háo-de então elles
 • Inventar—destruir ! —Eis chega o tempo
 • Do que penso lá desde a eternidade
 • Executar : —agora , sim , que surge
 • Deus contra nós em seu furor baldado
 • E se não erra Satanaz , invia
 • Um Redemptor dos homens para o imperio
 • Nosso nos arrancar . Satan embora
 • Não se engane : —que importa embora esse homem
 • Seja o maior entre os maiores vates
 • Desde Adão para cá : —seja o Messias .
 • O vencimento seu do infernal throno ,
 • Ante os junctos espiritos , mais digno
 • Da posse me fará , ou antes — e isto
 • Talvez mais compra á divindade tua—
 • O mesmo Satanaz , primeiro que elle ,
 • Eterno Adramelec , destruir deves !
 • Terminará o feito portentoso
 • A minha escravidão : —seja a primicia
 • Ella do meu triumpho : —eutão supremo
 • Dos nubes regedor brilhar eu hei-de !
 • Quão difficil te sai , Satan , o corpo
 • Do Messias pungir ! —Oh , tu lhe opprime
 • O corpo tão sómente ! —Eu te concedo
 • Antes de te sumir tão vil proeza .
 • Affadigado o pó mortal lhe esparge ,
 • Que as almas sou eu só quem anniquila .
 Assim devaneava a mente sua
 Do desejoso coração levada ,
 Na damnada tenção . Deus , que os futuros
 Prevê , ouviu—callou . Adramelec ,
 Involto em roedores pensamentos
 Invisível ficou sobre uma nuvem
 Encastellada em torno d'elle : —a fronte
 Affogueada finha , os olhos fitos ,
 E em rugas de furor sulcado o rosto .

A. Herculano.



O MEDICO.

(Continuado da pag. 28)

IV.

Que l'impie assistant à ton heure suprême
 Ne dise pas: Voyez, il tremble comme moi.

—Lamartine—

Os cuidados em que a gravidade da molestia, que o medico acabava de destruir, o trouxera constantemente envolvido, e a felicidade que elle vira espalhada por uma familia inteira, não o deixaram sentir que uma enfermidade terrível lhe ia pouco a pouco consumindo as forças e a vida—a elle tão prompto a correr em soccorro dos outros.

Recolheu-se dos seus trabalhos de todos os dias e ao cruzar os umbraes da sua porta as forças fraquearam-lhe quasi a ponto de o não deixarem sustentar-se: foi então que elle caiu em si do alto dos seus pensamentos sempre dedicados aos outros e que se achou diante de toda a gravidade do seu mal; então conheceu elle que aquelle dobrar dos joelhos sob o peso do corpo lhe dizia que por alli elle já não havia de sair senão para a sepultura.

Parou então um momento no limiar da porta e lançou pela ultima vez os olhos para o mundo—para aquelle mundo que lhe tinha consumido a vida, a quem elle já de nada podia servir e que o deixava agora só diante da sua dor.

Neste volver de olhos tão sentido as lagrimas caíam-lhe em fio pelas faces: lagrimas de homem que se não derramam senão com profundo sentimento.

Com passos mal seguros foi elle depois caminhando para o leito, e ahi estendido procurava fugir do seu pensamento que lhe revolvía a idéa da morte e lla apresentava por todas as faces.

A hora extrema do medico chegára em fim; essa hora em que a consciencia se ergue diante do homem e lhe desenrola toda a vida passada, hora por hora, momento por momento, para lho pedir conta dos seus actos.

Desgraçado do homem que neste mo-

mento da vida não tem o apoio de uma crença que o conduza tranquillo para a sepultura; desgraçado do que crê só no mundo e vê esse mundo desfeito para elle; desgraçado do que não tem, a par das lagrimas que chora sobre um passado que lhe fugiu para sempre, uma esperança na eternidade que lhe acene ao longe por entre as incertezas do tumulo!

O tumulo!—idêa que sorri ao desgraçado que devora na soledade as lagrimas da sua dôr quando já nem o chorar lhe pode ser alivio, mas que se alevanta pavorosa diante do homem para quem ainda resta no mundo uma esperança!

MORRER! — sentir-se arrebatado do mundo, além do qual está para uns, o nada; para outros, a ETERNIDADE; para a maior parte, a *davida!*

Como o morrer do marinheiro que sente o seu navio afundar-se com a agua que lhe jorra lá dentro e vem subindo palmo a palmo, a estender o corpo para a victima que a espera lá em cima e que a cada movimento das ondas responde com um grito de dor: como o morrer d'este homem que foge espavorido diante da agua que procura cerca-lo por toda a parte, e sente abraçado ao topo do mastro, o navio oscillar na sua ultima agonia—assim é o morrer do medico.

Mas para o marinheiro que assim vê abrir-se-lhe o tumulo, e que, neste transe terrivel, contempla as aguas balouçarem-se allivas no seu leito insondavel por toda a vastidão dos mares, e enxuga as lagrimas que lhe correm fio a fio para correr com os olhos todo o horizonte, ha ainda uma esperança—o alvejar de uma vela ao longe por entre as ondas do oceano que possa correr a elle e salva-lo.

Para o *medico* estendido no seu leito de morte nenhuma esperança lhe resta, por que elle pôde penetrar dentro em si mesmo e sentir-se morrer, ver a morte correr-lhe de envolta com o sangue e contar os momentos da vida pelas pulsações do coração.

De que lhe serve a sciencia neste momento extremo?—para lhe fazer conhecer todo o incuravel do seu mal, todo o desesperado da sua posição; para lhe dizer que o viver é impossivel, para lhe destruir todas as illusões que neste momento vendam os olhos de todos os outros homens e lhes encobrem o sepulchro.

Oh que para este homem a ultima hora da vida deve de ser bem solemne e bem terrivel! Elle que nunca se chegou ao leito de um enfermo que lhe não deixasse uma esperança, muitas vezes mentida, mas animadora sempre, que tinha elle agora para si quando a enfermidade ali estava diante d'elle em toda a sua intensidade? só a resignação—aquella virtude que faz com que o christão que se sente mui fraco para os seus males se atire ao seio da Providencia confiada na justiça e na omnipotencia divina.

Passou a mão pela fronte escaldada com a febre e ergueu o seu pensamento para Deus.

«Eis-me no ultimo transe da vida—pensou elle para consigo—. . . mas a minha vida não foi como a dos outros homens. . . foi o viver do medico que se deixou morrer a si em quanto curava os outros.

Que fizeste no teu peregrinar por este mundo, tu que te votastes ao cumprimento de uma missão sagrada? me pergunta a consciencia.

Que fiz eu?! . . por toda esta minha vida não me correram placidos e risinhos senão os dias da mocidade. . . tudo o mais foi um continuo lidar entre enfermos e agonisantes, entre cadaveres mil vezes.

Vi as lagrimas de gratidão do pobre a quem eu tinha restituído á saude e ao trabalho, e vi os seus filhinhos, a quem a orphandade houvera precipitado na miseria, sorrirem-se para mim e brincarem alegres na casa de seus paes.

Não encontro momentos mais felizes por toda a minha vida. . . é uma recorda-

ção esta que vem lançar bastante alívio nas minhas dores presentes. . . quero descer abraçado com ella para a sepultura.

Restitui muitas vezes o filho ao pae, a esposa ao marido, o irmão ao irmão. . . e este pae, este marido e este irmão por ventura se esqueceram de mim. . . nenhum d'elles virá derramar uma lagrima sobre a memoria do medico. . . nenhum d'elles virá curvar o joelho sobre a lagem da minha campa para erguer aos Céus uma oração pelo seu amigo extincto.

Que fazem esses homens que eu tantas vezes livre das garras da morte e a cujos leitos eu fui tantas vezes levar a vida? — Folgam alegres por esse mundo e nem ao menos evitam ao seu amigo o morrer ao desamparo.

Embora! Que me importa a mim a ingratição dos homens na hora extrema da vida. . . foi com o pensamento em Deus que andei sempre por este mundo. . . a justiça de Deus me julgará.

Feliz do homem que na hora em que se sente morrer vê luzir-lhe o pharol da esperança, acendido pelos seus sentimentos de Christão e pela consciencia de ter cumprido na terra aquillo para que o destinára o Céu!

Um dia depois caminhava pela porta do *medico* um sahimento, sem ostentação e sem grandeza: a pedra da campa fechou-se sobre o seu cadaver; uma pedra singela e sem inscrições — esquecida de todos!

A. da S.

RESUMO DE PRELECCOES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

(Continuado da pag. 40.)

II.

Transfusão.

1.^a Experiencia. — Posta a descoberto uma das jugulares externas de um cão de talhe ordinario, constituição robusta, e beu nutrido, fizemos-lhe uma

incisão, e recebemos o sangue na pequena bacia de uma seringa de gomma elastica que tinhamos comprimido, e só dilatavamos á medida que elle a enchia. Depois de termos recebido tres onças de sangue adaptámos á seringa um pipo, e por seu intermedio injectámos-lo na jugular de outro cão que em tudo orçava pelo primeiro. Durante a injeção observamos os seguintes phenomenos — gritos — tremuras — e evidentes signaes de dôr, passados poucos momentos depois da injeção — abatimento geral — pulso molle, cheio, e tardo; — comia, mas passada uma hora já não tomava alimento algum; tres horas depois continuava o mesmo estado, só a respiração era mais pequena, e vagarosa, e o abatimento geral mais pronunciado: jazia deitado, e quando o obrigavamos a levantar procurava a mesma posição. Dez horas depois da operação o animal estava menos abatido, e as tremuras tinham sensivelmente diminuido; comia com pouca avidéz — levantava-se espontaneamente, mas pouco tempo se conservava nesta posição; ate que finalmente completos seis dias os symptomas tinham successivamente desaparecido, e o animal parecia restabelecido.

2.^a Experiencia. — Tentámos fazer a transfusão extrahindo o sangue, da veia com uma seringa de metal, e por meio d'aspiração, mas o estado do instrumento não o permittiu, e então tirámos o embolo, e recebemos no corpo da seringa tres onças de sangue que logo injectámos na jugular de um cão ao qual haviamos anteriormente extrahido uma quantidade igual. Durante a injeção notámos um som particular, e poucos instantes depois o animal morreu. Passadas quatro horas procedemos a uma autopsia, e encontramos o seguinte: — veias cavas, e arterias pulmonares muito injectadas de sangue venoso — pulmões côr natural — o coração percutido dava-nos no lado direito um som tympanitico, e as cavidades do mesmo lado estavam distendidas por um sangue

escuro, e espumoso, apresentando bolhas de ar de diversas grandezas — as cavidades esquerdas, fígado, e as veias mezaraicas tinham algum sangue venoso; mas a aorta ascendente, e descendente apresentavam-no em menor quantidade, e de côr mais escura.

3.^a Experiencia. — Da jugular de um cão muito corpulento extrahimos com uma seringa de metal, e por meio de aspiração tres onças de sangue, e injectamo-lo na jugular de outro de talhe mediano ao qual havíamos anteceden-temente tirado a mesma quantidade. O animal parecia não ter soffrido grande incommodo mas passados poucos minutos tornou-se triste e notámos os mesmos phenomenos da 1.^a experiencia, que se desvaneceram com mais promptidão, e no quinto dia já estava quasi restabelecido.

4.^a Experiencia. — Em dous cães muito semelhantes em grandeza, constituição, robustez &c. pozemos a descoberto em um a jugular, e n'outro a carotida. Deixámos a jugular aberta até que o animal estivesse quasi exangue e depois fizemos communicar a carotida com a jugular por meio d'um tubo de gomma elastica. Marcámos os minutos que o sangue correu de um para o outro vaso, e calculámos que foram dez a doze onças a quantidade que o animal recebeu. No fim da operação pareceu-nos que elle tinha recuperado parte do vigor perdido; mas pouco tempo depois appareceram vomitos precedidos de grandes movimentos antiperistalticos mas que foram de pequena duração porque passados poucos minutos já tinham cessado. O tremor geral continuou — pulso pequeno, e com frequencia irregular. Decorreram tres horas, e o animal jazia ainda deitado com muita prostração que augmentou no dia seguinte no qual com muita difficuldade se conservava em pé, — o branco dos olhos estava muito injectado. Desde este dia por diante os symptomas foram pouco e pouco minorando e no fim de seis dias estava restabelecido.

Devemos advertir que neste, bem como em alguns outros animaes se observávam, pouco tempo depois da operação, movimentos de masticação e deglutição; mas não demos importancia a estes phenomenos porque os notámos em animaes sujeitos a outras experiencias, e em alguns mesmo antes de serem operados mas logo que estavam prezos.

Escolhemos estes animaes pela facilidade que havia em os obter, porém não deixamos de reconhecer que não são os mais proprios para este genero de experiencias; porque o seu sangue coagula entre $\frac{1}{2}$ a 3 minutos em quanto que o do cavallo gasta de 5 a 13, e o do Boi 2 a 10. Todavia a brevidade com que foram feitas não permittiu que o sangue coagulasse, e sempre verificámos no fim de cada experiencia se já se achava em principio de coagulação. Além d'isto fizemos sempre largas incisões para obtermos o sangue com promptidão e para difficultarmos mais a coagulação elevámos a temperatura das seringas mui proximo á do sangue.

A transfusão foi practificada com muita frequencia, e grande enthusiasmo por meado do seculo XVII, com tudo este agente therapeutico foi na generalidade dos casos seguido de funestos resultados; mas apezar d'isto continuaram a practica-la com tal pertinacia que em França, e Italia foi ella expressamente prohibida por lei. Os posteriores trabalhos de Hematologia fizeram conhecer a diversidade de grandeza, e fórmas nos globulos sanguineos em animaes de diferentes classes, e d'aqui se deduziu que os funestos resultados de que era seguida a transfusão eram devidos ao encolho dos globulos sanguineos nos vasos aonde circulava sangue de globulos de menor diametro. Muller, Dumas e outros tem demonstrado que a transfusão em animaes de classes diferentes sempre é seguida de tristes effeitos, embora o diametro dos globulos do sangue seja maior ou menor do que os do animal que o recebeu, e que mesmo nos animaes da

mesma especie em que a transfusão se tem praticado, os phenomenos eram constantes, só diminuiam alguma cousa em gravidade.

A idea que o sangue se alterava em contacto com os vasos inertes levou Dissenbach a transfundir sangue desfibrinado, evitando por esta forma o effeito que os pequenos coagulos de fibrina podiam occasionar. Os trabalhos de Bischof, e ultimamente os de Magendie e Andral vieram mostrar que o sangue desfibrinado fica privado de um dos seus mais nobres principios, incapaz de nutrir e por tal maneira alterado que pôde dar logar a graves molestias.

Não foi nosso proposito estudar a transfusão como agente therapeutico, por que no estado actual da Hematologia não estamos ainda habilitados para tirar partido da transfusão, supposto modernamente se tenha practicado com felizes resultados como publicou Pritchard, e outros; todavia estes casos são raros, e não dão ainda sufficientes garantias.

Está demonstrado que os effeitos da transfusão são tanto menos graves quanto os animaes estão mais proximos na escala, e toem entresí mais analogias; e isto evidentemente nos inculca que o sangue tem uma dada individualidade em relação aos vasos em que circula, e que o sangue de um animal não estimula da mesma fórma o systema vascular de outro. É este modo de obrar do sangue que tivemos mais especialmente em vista estudar.

Variámos o processo operatorio nestas experiencias para nos instruirmos nesta parte, e por nos parecer que taes variações não influíam nos resultados d'ellas; o mesmo fizemos a respeito do systema vascular por desejarmos verificar se os effeitos da transfusão eram simplesmente devidos á quantidade, ou natureza do sangue.

A 1.^a experiencia mostra que elle obrou deprimindo o vigor das principaes funcções vitaes em tudo semelhante aos effeitos de um narcotico. A 3.^a experien-

cia confirma os resultados da 1.^a e mostra que não foram devidos ao augmento de sangue circulante, por quanto este ficou sendo o mesmo em quantidade, e só differia em qualidade. Neste caso o sangue que estimulava o systema vascular de uma dada maneira foi sensivelmente alterado pelo sangue de outro animal, e esta modificação imprimiu no estímulo — sangue — uma variante de acção sobre os orgãos. Todas as alterações que observamos nos animaes sujeitos a estas experiencias foram produzidas pelo diverso estado do sangue depois da injeção, e d'aqui podemos afortadamente deduzir que as propriedades vitaes do sangue variam entre individuos da mesma especie, embora os nossos conhecimentos physicos e chimicos provem sua identidade. Cada animal possui uma dada individualidade nos liquidos circulantes assim como a tem nas fórmas exteriores, propenções &c.

Estes principios parecem confirmar as ideas dos Physiologistas e Chimicos modernos que dizem que alimentando um animal com o sangue de outro embora este liquido seja o mais analogo ao fluido nutritivo não passa elle illeso através dos orgãos elaboradores para os vasos circulantes; mas é decomposto, e de novo reconstituído, e depois é que entra na torrente circulatoria.

Os resultados da 4.^a experiencia são muito analogos aos das antecedentes ainda que as circumstancias que a acompanham foram um pouco mais especiaes. O vigor que o animal mostrou ter recebido com o sangue injectado durou poucos momentos e foi logo seguido de um quadro de symptomas analogos aos da 1.^a e 3.^a experiencia. Resta sabermos se esse vigor que o sangue transfundido deu ao animal foi devido á sua qualidade de arterial, ou ao estado quasi exangue em que o animal se achava. As experiencias de Magendie nos fazem excluir a primeira explicação e é por tanto necessario recorreremos á segunda.

Estamos constantemente vendo em

Pathologia que pela mesma causa se altera em sentidos muitas vezes oppostos uma função, sempre que o estado do órgão não for constante. Parece que neste caso os effeitos de sedação que produziu o sangue transfundido deviam ser mais pronunciados por que a quantidade do sangue foi maior do que n'outras experiencias, e além d'isso o animal estava privado de grande quantidade de proprio sangue; porém não só a sedação não foi tão grande mas foi precedida de uma leve excitação, e isto sufficientemente nos mostra quanto a experiencia desmente as nossas deducções.

Com quanto a 2.^a experiencia se haja frustrado, e por esta razão não poderemos estudar as propriedades physicas do sangue não devemos por isso deixar de fazer menção d'ella. O som particular que ouvimos durante a injeção era uma especie de murmurio devido á entrada nos grossos vasos e coração de uma porção de ar que não havia sido completamente expulso da seringa. Já por outra occasião havíamos observado este phenomeno em outras experiencias, e por isso notámos logo aos nossos ouvintes que a morte do animal seria rapida, e que era unicamente devida áquelle accidente.

Na autopsia a que procedemos encontramos as cavidades direitas do coração muito distendidas e reconhecemos que o ar tinha levado aquelle órgão além da sua esphera de distensão, obrigando-o a perder por esta fórma a propriedade de se contrahir. Este phenomeno é geral em todos os musculos ôcos, que uma vez excessivamente dilatados adquirem um estado permanente de distensão. Faltaando as contrações d'este grande agente da circulação (o coração) esta devia cessar e com ella a vida do animal. A congestão das veias cavas, e arterias pulmonares confirma o que fica dito; aquellas se congestionaram por que o sangue não era aspirado pelas cavidades direitas, e estas se distenderam com o sangue por que lhes faltou a *vis a tergo* que o impellia.

Magendie em suas numerosas experiencias explica os phenomenos d'esta ordem recorrendo ao embaraço na circulação capillar devido ao estado espumoso do sangue, por isso que as bolhas de ar não podem atravessar os pequenos vasos; mas no presente caso as cousas se passaram d'outra maneira por que nos pequenos vasos não encontramos sangue espumoso, e no systema aortico havia sangue escuro mas em pequena quantidade o que não podia ter logar segundo a explicação de Magendie. Concluiremos que o ar quando for introduzido nas veias em grande quantidade pôde por sua acção mecanica matar o animal.

(Continuar-se-ha.)

J. F. de Macedo Pinto.

(I. D.)

O DRAMA

FREI LUIZ DE SOUSA.

O Theatro portuguez foi enriquecido com um novo drama em trez actos do Sr. Almeida Garrett; com um drama modelo que desde já pôde considerar-se como um monumento de gloria nacional, e venerar-se como fructo de profundas lucubrações nos escritos classicos, aos quaes em geral, e com razão devemos consagrar toda a estima. — O drama a que alludo é o de *Frei Luiz de Sousa*.

A biographia tão lida e conhecida d'este desgraçado varão portuguez, deu campo ao nosso poeta para traçar uma obra a que applicou aquella sabia theoria da arte, que, filha do perfeito estudo das paixões humanas, é desde muito a base fundamental do verdadeiro drama, que hoje ha-de reinar na nossa scena, para com a sua persuasão e natureza corrigir os terriveis effeitos que a eschola franceza produziu entre nós. O sonho da simplicidade do theatro antigo, as paixões como realmente germinam no coração do homem pertencente a todas as

epochas; a linguagem do amor maternal, despida de todos os atavios da poesia; o triumpho da moral e da religião; a séria contextura de uma acção sobre que reflecte de continuo a luz da verdade; e tudo quanto mais ha de grandioso em Shakspeare, de suave em Chateaubriand, de apaixonado em Schiller, de meditado em Alfieri, de bello em Niccolini, e de sentido em Silvio Pellico, tudo se acha reunido nesta composição que nos faz rever no fiel espelho dos verdadeiros costumes da vida.

Os caracteres d'este drama não estão fóra do nosso mundo, nem são modificados por uma educação particular conhecida tão somente d'um povo, ou d'uma nação. Manoel de Sousa, Dona Magdalena, e Telmo-Paes possuem um coração agitado pelos mesmos affectos, que são proprios a quem vive em qualquer canto da terra, onde o instincto da natureza, e a força das paixões luctam de continuo com a razão, e com a moral.

Considerando bem estes tres personagens, veremos que o auctor possui uma vasta erudição para ver, exactidão para verificar, sagacidade para escolher, methodo para dispor, imaginação para pintar, justiça para pronunciar, firmeza para não se deixar vencer, e fé n'um futuro mais bello para a arte dramatica.

O Sr. Garrett sabe muito bem, que Deus nos fez um misto de bom e mau; e por isso evitando o ideal de todas as perfeições, e de todas as deformidades, pintou-nos os tres mencionados personagens com as suas verdadeiras côres sem perder nunca de vista o triplice effeito da scena.

Reflectindo nos dous principaes affectos de esposo e de pae, que reverberam na alma de D. Manoel de Sousa, deveriamos convencer-nos que não ha na terra ente mais feliz, e bem aventurado.

O sorriso de um marido, as palavras sanctas de um pae, são como raios de sol que rompem por entre nuvens; são como as melodias do céu, escutadas pelos anjos e por Deus. — Porém, ai! d'a-

quelle que, como o Sr. Garrett onsasse escarnar o coração do nosso protagonista, e lhe surprehendesse o segredo das suas magoas!! No seu olhar acharia um remorso; no seu gesto uma ameaça; nas suas faces um verme roedor; no sorrir o inferno; e nas palavras uma blasfemia contra Deus e contra a natureza. O coração de Manoel de Sousa é como o oceano; nas horas de calmaria reflecte em suas agoas até o rapido vôo da innocente avesinha que vem d'além dos mares fazer seu ninho sobre os nossos tectos; nas que se agita, embravece e espanta se as suas vagas são do repente movidas pelo mais ligeiro noroeste.

D. Manoel de Sousa levado á existencia conjugal pelo amor, sentiu ao principio uma especie de tranquillidade, que lhe refrigerava a alma; porem quando este amor começou a criar raizes em seu peito requeimado pelo fogo da razão, quando se viu renascer na filha que adorava, e em cuja fronte se lhe antolhava estampado o ferrete da ignominia... oh! então se lhe avivaram as cruéis penas do desengano; e prompto a converter em espinhos as rosas e boninas de uma sonhada felicidade, lançou-se no mar das tempestades politicas para obedecer á cruel necessidade de flagellar-se a si mesmo, e occular a causa da sua verdadeira desdita á sua tão querida esposa. — Quantos homens da epocha passada e da presente tem apparecido entre nós com iguaes pensamentos! e quantos ainda no porvir deverão cubrir o rosto com a mascara de um nobre sentimento tendo n'alma o remorso, e a podridão!!

Este character duplice, digamo-lo assim, este pretextado amor patrio para encobrir a tremenda pecha que lhe acende n'alma a desesperada e funesta idéa da sua bigamia, é o que torna mais dramatico o personagem Sousa, e faz com que se deva elogiar o Sr. Garrett pela sua invenção, principalmente quando, applicando ás chagas de tanta

desdita o balsamo precioso que mana da religião, conduz ao pé da Cruz de Christo o infeliz que tanto padece, para abrandar-lhe as dôres e suavizar-lhe o resto da sua peregrinação na morada dos homens.

Se novo, e dramatico é este character, não menos bello, é o de Magdalena sua esposa. A malfadada guerra d'Alcacer-Kebir arrancou dos seus braços um homem, que muito respeitava, e . . . amava!! — Imaginou depois que a descarnada mão da morte o havia riscado do numero dos vivos; . . . e mal podendo resistir aos impulsos naturaes do seu coração, afastou dos olhos a triste nuvem que os encobria, reanimou as suas forças, e deslembando o passado que chora, havendo-lhe um novo amor queimado as antigas chagas para ellas cicatrizarem, extendeu a dextra a D. Manoel de Sousa, e assim de novo prendeu a cadêa da sua vida á felicidade, porque um virtuoso consorcio é o intermedio entre a alegria da terra e os prazeres do céu. — Mas se isto assim é, não foi dado a Magdalena julga-lo pelos factos presentimentos que, passado o primeiro impeto começaram a surgir-lhe n'alma. Os olhos amortecidos, as faces pallidas, a hôca muda, e os membros quebrados evidentemente provam que lá por dentro anda um verme roedor, ou que a ferrea mão do destino lhe ha escripto na consciencia esta fatal verdade—*ainda vive o teu primeiro marido*— O poeta, como a justiça de Deus, quiz castigar um erro para exemplo dos outros homens, quiz, como a justiça de Deus converter em lucto o que até alli eram deleites de voluptuosidade, quiz, como a infinita justiça de Deus converter em cinza os prazeres do mundo. . . quiz salvar a alma da desgraçada Magdalena, collocando-a ao pé da Cruz amparada pelo anjo do perdão. — Bello e sublime é este character, inimitavel, novissimo na scena; porém poucas actrizes o poderão comprehender como o tem concebido o seu auctor, e poucos ou ne-

nhuns ensaiadores, ou directores de scena lhe poderão fazer resaltar as infinitas bellezas, que elle contém, acostumados como estão a exagerar sempre a intensidade das paixões, com falsas intoações, repetidos gritos, e furiosos arrebatamentos, que só podem seduzir os ignorantes, mas nunca exprimir com verdade o pensamento do poeta.

Teimo-Paes, quanto a mim julgo que é o verdugo das almas! Ame, ou desame a D. Magdalena de Vilhena; respeite ou não a D. Manoel de Sousa; abraçe ou enjeite o innocente fructo de um malfadado amor, ha no seu sorrir, amargura; em seus labios, veneno — nas palavras, predições fataes; em cada imagem feliz, pensamentos tetricos, indomaveis, continuos. Onde apparece este pobre velho o sol se obscurece; a aragem da tarde converte-se em nordeste; murcham as flores, e secca-se a verdura dos prados. Teimo-Paes é o Bertrand, a sombra infernal de Roberto, intenso e atroz é o seu modo de atormentar, e de atormentar-se! Que mal lhe fizeram seus amos para apagar-lhes a luz brilhante do affeições e esperanças em que poderiam viver, e que lhes encheria de felicidade o coração? — Não sei; será elle o que nós chamamos *consciencia*? É muito facil; o mais das vezes julga-se crime o que a sociedade condemna e castiga severamente.

Depois de haver brevemente esboçado os tres caracteres principaes do drama, deveriamos fazer menção da innocente filha de D. Magdalena de Vilhena: porém falta-nos força e intelligencia para expressar com o frio instrumento da palavra o que sentimos no intimo d'alma. As melodias do amor, e as angustias da anciedade de um pobre anjo caído sobre a terra, mal podem pintarse com o sentir de homem e de escriptor.

Na contextura do drama, qualquer outro auctor alterando a verdade historica teria tecido uma fabula com que podesse formar uma mais vehemente peripecia, ou dramatizar os seus per-

sonagens, cançando-os com a violencia dos affectos, despedaçando-os com punhaes e vinganças, e entregando finalmente a sua alma ás mais horribes paixões de odio e de raiva. O Sr. Garrett não è quiz assim, por que assentou, que para não violar a verosimilhança da acção, depravar a linguagem dos homens, e desfigurar a historia era mister dar a esta acção um desenvolvimento harmonico a tudo quanto tinha colhido na historia; trata-lo com a simplicidade do Theatro antigo, e pintar ao vivo ou desenhar do nu os seus caracteres; — com este methodo infinitamente vantajoso fez-nos apreciar todos os milagres da arte, e todos os prodigios da meditação, e da razão humana.

A constante resolução do Sr. Garrett em querer sustentar esta nova especie de dramas, dramas da vida, tem-lhe grangado alguns criticos; — a estes pois perguntarei — lestes o drama? — chorastes? — Leitores, este livro não é para vós! —

Lisboa 4 de Abril de 1845.

Perini.

O HISTORIADOR LOUIS BLANC.

Existe sempre uma causa profunda de tantos acontecimentos, os quaes, quando apparecem, julgamos fillos da occasião, e da sorte.
Louis Blanc.

Sain ha menos de um anno dos prelos de Paris, e Bruxellas um livro novo, um livro, que se distingue no meio de milhares de volumes, que todos os dias estão saindo das imprensas da Europa: um livro de historia mas não um repertorio de datas e de acontecimentos, accumulados sem ordem, nem systema: um livro de historia contemporanea, mas não um libello, um sermão politico, uma obra de partido, como tantas outras nas quaes os factos são desfigurados, nas quaes o auctor obriga forçosamente esses factos a demonstrarem a

sua opinião, nas quaes recêm sobre uns todas as culpas e toda a gloria sobre os outros, nas quaes se nos apresenta um partido, practicando maldades só por capricho e fanatismo, ao passo que nas acções de outro não se nos mostra senão lealdade e boa fé. Não foi d'esta maneira que praticou Louis Blanc na sua *historia dos dez annos 1830-1840*. Sem affeições interessadas, nem odios implacaveis, como elle diz no prologo da sua obra, vai procurar nos factos a philosophia delles; philosophia, que se comprehende, que se sente, porque ella é um corollario d'esses factos, imparcial e mindamente examinados; philosophia profunda, logica e palpavel, cheia de grandes pensamentos e de maximas verdadeiras, onde se revela um modo de encarar a historia do nosso seculo inteiramente novo, onde se determinam aos seus acontecimentos causas naturaes, e verosimeis.

Nos livros, nos jornaes e nos parlamentos, nas sciencias e na litteratura se agitam hoje grandes e gravissimas questões sociaes. A soberania das nações, a felicidade dos povos são palavras, que retumbam por toda a Europa. Questões e questões se discutem acaloradamente, sobre quem deve exercer a primeira, sobre a maneira de proporcionar aos povos a segunda. Diferentes opiniões se chocam, e se disputam, nascem theorias sobre theorias, mais ou menos divergentes, mais ou menos plausiveis, misturam-se verdades com chimeras, raciocinios com sophismas, absurdos impraticaveis fillos da imaginação com solidos resultados fillos da experiencia. Mas todos lançam mão dos factos uniformes e immudaveis, para corroborar cada um as suas theorias e opiniões, todas variaveis todas diversas umas das outras. Porem atravez d'essas novas ideas, guerreando-se vigorosamente no meio das ruinas das antigas, algumas verdades parece descobrir Louis Blanc. Ninguem pôde negar que os espiritos philosophicos tem hoje uma tendencia

declarada, para querer que o systema governativo seja compativel com os direitos de todas as ordens de individuos, que a esphera dos direitos sociaes se engrandeça para as classes atéqui mais opprimidas. Nos meios porem de chegar a este fim é que ha a grande divergencia. Pelo que respeita á historia, resta saber qual destas theorias ella coadjuva mais, qual d'ellas serve, para determinar de uma maneira mais clara e precisa as causas dos acontecimentos. Elles parecem muitas vezes contradizer-se, e diversas questões occorrem ao examina los.

É indubitavel que a constituição dos estados da Europa apresenta hoje um aspecto muito differente d'aquelle, que apresentava, ha um seculo: é indubitavel que muitos dos primeiros elementos das theorias sociaes da philosophia moderna foram postos em practica, que as sociedades se reformaram, e reconstruíram debaixo de novas bases. Mas quem foi, que impelliu as sociedades modernas para o caminho das innovações? Em virtude de que necessidade se agitaram os povos, e se agitam ainda com uma efervescencia espantosa! Que classe de individuos foi a que se lançou na guerra do morte contra as velhas instituições, e qual o motivo que os obrigou a isso? Foi a virtude da Philanthropia, a compaixão pelas classes miseraveis e oppressas, o odio da tyrannia, as luzes do seculo, que mostravam os erros do antigo systema governativo? Ou seria a inveja dos privilegios accumulados sobre um pequeno numero de homens, seria o egoismo de certas classes, que queroriam tambem participar d'esses, ou de outros privilegios? E qual foi das classes da sociedade a que mais aproveitou na nova repartição de direitos e regalias? Será o povo, cujos interesses se diz disputados, ha mais de meio seculo, será elle mais feliz agora do que no tempo das velhas monarchias? — Muitas nações hoje vemos florescentes, as quaes antigamente

foram ignoradas, muitas vemos hoje, que outrora prosperavam, no derradeiro estado de decadencia e oppressão, que podem supportar os povos da humanidade. Classes vemos hoje em muitas nações, as quaes nos antigos tempos foram vexadas e miseraveis, e em cujas mãos se acha agora collocada uma grande parte da riqueza dos paizes. Mas outras classes vemos presentemente em certas nações mais desgraçadas do que nos tempos chamados da oppressão e da tyrannia: e isto nesses mesmos paizes, onde se diz fôra conquistada a liberdade á custa do sangue de milhares de familias. Não seriam por ventura mais felizes os individuos, que constituem a classe operaria na Inglaterra, no tempo dos dous Stuarts Jaques I. e Carlos I, não seriam elles mais felizes do que os seus actuaes descendentes, que apresentam hoje aos olhos do mundo a mais asquerosa miseria, fazendo um contraste terrivel com a desmedida riqueza da classe aristocratica e mercantil da opulenta Gran-Bertanha? seria tanto sangue derramado em vão? Será necessario, para que uma nação floresça, que uma parte do seus filhos seja escrava, e se revolva no pó da miséria? Será a liberdade uma palavra sem significação, que não sirva, para fazer a felicidade dos povos? Serão as theorias modernas impotentes contra os vicios eternamente annexos á organização de todos os systemas sociaes? Eis ali novas e intrincadas questões, as quaes Louis Blanc pertende de algum modo resolver á vista dos factos: que tões, das quaes até hoje tem proximo a duvida, a perplexidade dos espiritos, o scepticismo.

(Continuar-se-ha)

Antonio de Serpa Pimentel.

ERRATA

Pag.	Col.	Li.h.	Erros	Emendas
20	1	49	fazia	faziam
42	1	15	brancos	brandos
45	1	8	xagas	vagas
46	2	44	evolução	orulação

HISTORIA DE PORTUGAL DURANTE
A IDADE MEDIA.

Fragmento.

(Continuado da pag. 52)

Se o tracto com as nações barbaras teve poderosa influencia no idioma latino, qual não devia ser a d'este nos dos povos conquistados, quando um dos meios que a politica romana considerava como mais efficazes para consolidar o seu dominio, era a introducção da propria linguagem? « Trabalharam diz — S. Agostinho — para que a activa Roma não só impozesse o seu jugo aos povos vencidos, mas até a sua lingua, depois de associados pela paz » (1). A organisação administrativa das provincias novamente adquiridas era de feito a mais conveniente para obter esse fim. Vimos anteriormente qual foi em geral na Hespanha essa organisação; mas para bem comprehender quanto ella era appropriada para romanisar, digamos assim, as gentes domadas pelas armas ou pelas alliaças, fazendo-lhes esquecer até a linguagem nativa, não será fóra de proposito acrescentar aqui algumas observações ao que acima apontamos. A razão é o testemunho dos historiadores conspiram em persuadir-nos de quanto foi radical aquella mudança.

O systema de povoação dos romanos, como já ponderou um dos mais profundos historiadores modernos (2), era até certo ponto o inver-so do nosso. Em todas as provincias sujeitas a Roma reflectia-se a vida social d'esta. O municipio que era a forma de sociedade com que a republica nascera, vigorara, e crescerá, e que as revoluções interiores, a tyrannia dos cesares, e até a invasão dos barbaros não puderam extinguir, reproduziu-se por todas as partes onde che-

gou o dominio romano. A historia dos primeiros tempos da Europa mostra-nos que apenas as tribus vindas da Asia, a principio vagabundas, se fixavam definitivamente em qualquer região, edificavam as suas rudes moradas do mesmo modo que provavelmente costumavam estabelecer os seus acampamentos nocturnos no processo das migrações: apinhavam-nas dentro de um ou dous vallos que cingindo-as em common lhes servissem de defensão contra as outras tribus, não menos cruéis que estas. Atribuir-lhes, porem, como caracter peculiar uma indole erradia parece-nos inexacto. Em regra geral a existencia ou não-existencia d'essa circumstancia nos habitos de qualquer povo é determinada não pelas suas propensões ingenuas, mas pelo seu grau de civilisação. Por outra parte as narrativas dos antigos historiadores no-los representam como vivendo em povoações, a que, na falta de uma denominação mais exacta, elles applicam a de cidades. É assim, pelo menos, que as memorias mais remotas nos indicam viverem as tribus celticas da Hespanha no tempo dos phenicios e carthagineses, e quando o dominio d'estes começava a dar campo ao dos romanos. A terminação celtica *brig* commum a muitas cidades da Lusitania e das outras provincias onde os celtas haviam feito assento nos dizem que o nucleo d'ellas tinham sido esses grupos de choupanas circulares construidas de pedras toscas, que lhes serviam de morada, e de que as chamadas ruínas de Cilania ou Cinania entre Guimarães e Braga, são por ventura um monumento. (3)

Reunidos já por este modo os celtas hespanhoes naquella especie de villas,

(1) De Civitate Dei L. 19 c. 7 citado per Bonamy Mem. de l'Acad. des Inscript. T. 24. p. 587.

(2) Guizot — *Histoire Générale de la Civilisation en Europe* 2.^a Leçon.

(3) Póde-se ver a descripção d'essas ruínas, que tem todos os caracteres de construcção celtica em Argote *Antiquitates Conventus Brachar.* p. Posto que muito mais deterioradas ellas conservam ainda os vestigios da sua origem. Argote dominado pelas velhas e falsas ideas sobre a barbaria dos sarracenos inclina-se a crer que esses restos sejam de construcção arabe.

rodeados de colonias gregas e phénicias, ligando-se a ellas pelos laços do commercio, da industria, e logo necessariamente do sangue, habitados em fim ao jugo estranho dos cartaginenses, o systema de organização romana devia achar neste paiz menos resistencias que n'outros onde os elementos sociaes fossem mais simples, primitivos, e por consequencia radicados. Repare-se bem que fallamos da conquista da civilização, que na lucta de dous povos nem sempre é regulada pela conquista politica, e em que até muitas vezes o vencido é o verdadeiro conquistador. Como já advertimos, as particularidades da guerra tenaz que os hespanhoes sustentaram contra os romanos mostram que ella foi ainda mais um resultado da influencia punica do que do sentimento de nacionalidade da raça celtica.

As populações mixtas que habitavam a Peninsula haviam, pois, desde largo tempo abandonado a vida errante para conviverem junctas em povoados. Assim a politica romana não teve pé de as constranger a darem esse passo, o mais difficil para os selvagens, ao qual se pôde chamar o baptismo da civilização, e que no orbe romano era a primeira condição d'ella. As aldeolas, as granjas, as habitações isoladas por meio dos campos suppõe já um extremo aperfeiçoamento da vida civil. Este grande facto social pertence exclusivamente ás eras modernas. Os romanos desconheceram-no. Ouçamos o que a este respeito diz o profundo e eloquente escriptor a que acima alludimos— «Limitando-nos a fallar do occidente, por toda a parte nos apparece o facto que apontei. Nas Gallias, na Hespanha não encontrais se não cidades. Os territorios desviados d'ellas estão cubertos de selvas e alagadiços. Averiguae qual seja o caracter dos monumentos, das vias romanas. Achareis estradas reaes que vão de cidade a cidade: porém, essa multidão de caminhos encruzilhados que hoje sulcam todo o territorio, eram então incognitos. Na

da havia que se parecesse com a indizivel quantidade de monumentosinhos, d'aldeias, de castellos, d'igrejas dispersos pelo paiz desde a idade media. Roma só nos herdou vastissimos monumentos alligoados pela indole municipal, e destinados para uma população numerosa, agglomerada n'um ponto unico. Examinae a que luz vos appronver o mundo romano, que sempre achareis essa preponderancia quasi exclusiva das cidades, e a não-existencia social dos campos» — O mesmo escriptor já tinha notado que: «Nesta epocha não havia o campo; isto é o campo não se parecia com o que é hoje. As terras cultivavam-se na verdade, porque isso não podia deixar de ser; porém não estavam povoadas. Os proprietarios d'ellas eram os habitantes das cidades, os quaes saiam a inspecionar as suas granjas, onde conservavam frequentemente certo numero d'escravos. Mas aquillo a que chamamos hoje o campo, esta população solta, ora em habitações isoladas, ora em aldeias, e que cobre por toda a parte o solo, era um facto quasi desconhecido na antiga Italia:» (1)

E este facto fundamental que distingue a civilização antiga da moderna é o que nos dá perfeitamente a razão porque os romanos convertiam com certa rapidez as outras nacionalidades na sua, e alcançavam até substituir a propria linguagem á dos povos subjugados. Essa assimilação devia ser tanto mais facil quanto os vencidos fossem ou mais barbaros, ou de raças mais misturadas. Nas Gallias realisava-se principalmente, a primeira hypothese; na Hespanha principalmente a segunda. Imaginemos a gente nativa encerrada nos muros das cidades ou reconstruidas ou edificadas de novo pelos romanos, sujeita com o correr dos tempos á organização administrativa, judicial, e militar dos conquistadores, frequentada pelos seus magistrados, funcionarios e exactores, aquartelando as

(1) Guisot. *Hist. Génér. de la Civilis. en Europe* 2.º Leçon.

suas tropas, tractando os pleitos nos seus tribunaes, recebendo dos romanos os commodos da vida, e os objectos de luxo, correndo aos theatros que se levantavam por toda a parte, e aonde os attrahiam as graças e as pompas do drama latino, e recolhendo nos proprios muros um grande numero de individuos que depois de militareem nos exercitos de Roma vinham transformados em romanos, e orgulhosos da illustração adquirida no meio d'elles converter, com o desdem da superioridade, á vida e á liguagem da Italia os membros mais grosseiros das suas familias. Depois quando estas e mil outras causas de assimilação actuando por seculos produziram todo o seu effeito, as differenças que distinguiam os vencidos dos vencedores desapareceram inteiramente. Caracalla attribuindo o character de cidadãos romanos a todos os homens livres do imperio, não fazia nua revolução nas instituições; mas declarava simplesmente que um grande factio social se achava consummado.

Todavia, como escaparam atravez de tão completa transformação, vocabulos e usanças que ainda hoje attestam a existencia independente dos povos da Hespanha antes que a civilisação romana os devorasse? — A explicação d'esse phenomeno é obvia. Paiz domado pelas armas a Peninsula devia ter visto cair muitos de seus filhos na servidão. Era por meio dos escravos e os romanos cultivavam as terras e é sabido a que ponto de tyrannia a escravidão chegou entre elles (1). Os servos agricultores foram os mais opprimidos pela deshumanidade e capricho dos senhores do mundo. Longe da conversação civil; tractados ainda peior que os animaes; tendo communmente por murada os carcerees subterraneos das granjas, cha-

(1) As passagens dos escriptores latinos relativas aos escravos, e especialmente aos que eram destinados para os trabalhos ruraes acham-se compiladas em Beaufort — *Republique Romaine* L. 6. c. 4. Ali se podem ver os testemunhos contemporaneos em que se estriba o que dizemos neste §.

mados *ergastulos*; sem protecção nas leis e tribunaes, porque a morte ou a vida dependia para elles unicamente da vontade do senhor; estes homens, maldictos do mundo, e cuja sorte seria ainda horrivel comparada com a dos negros d'uma roça da America, alheios á civilisação que se esquecera d'elles, cheios de terror e de odio para com os habitantes das cidades, deviam conservar tenazmente os costumes e a liguagem mixta de celtico, phenicio, grego e punico, em tudo aquillo que por seus donos lhes fosse consentido. Quando, porém, as leis dos imperadores e a influencia do christianismo foram tornando mais suave a sorte d'estes desgraçados; quando a decadencia do imperio, e as invasões germanicas confundiram tudo, essa raça espuria, atirada ao meio de uma sociedade moribunda cujos usos e liguagem se corrompiam rapidamente, devia, confundindo-se com ella, trazer-lhe tambem a sua parte de corrupção. É a esta causa que nós attribuímos principalmente os vestigios de tradições celticas, phenicias, gregas e punicas que ainda subsistem.

(Continuar-se-ha.)
A. Herculano.

A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I. O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuando da pag. 58.)

IV.

Dixit vero Deus: congregentur aquae, quae sub caelo sunt in locum unum et appareat arida; et factum est ita.

Et vocavit Deus aridam congregationes, quae aquarum appellavit maria. Et vidit Deus quod esset bonum.

E aquella voz, que fizera pegar o fogo instantaneamente no universo, e a cujo som nuvens de materia abriram os

seios diante do primogenito da natureza para fazerem campo ao firmamento, ouvia-se agora pela terceira vez. E ella mandava aos mares e ás terras, que apparecessem do seio do chaos, porque uma terceira época ia a ser marcada na serie dos seculos.

As aguas e o fogo, como duas potencias rivaes que combatiam pela posse da terra, começavam com novo furor a sua lucta terrivel. Em vão sustentára o fogo com braço nervoso as aguas suspensas na vastidão do firmamento; exauridas suas forças neste luctar continuo, o manto da pallidez cobrindo pouco e pouco o rubor de sua face, e uma noite de morte que succedera aos clarões do segundo dia do universo, annunciavam ás aguas que era chegada a sua vez de reinar sobre a face da terra. Como o gigante das serpentes, que precipitando-se sobre touro incauto, se lhe enrosca todo á roda do corpo, e sem piedade para os abafados gemidos da victima, comprime-lhe as carnes, esmaga-lhe os ossos até lhe fazer exhalar o derradeiro alento nesta tortura infernal, assim as aguas caíram sobre os ultimos restos de seu rival caçado e abatido, que apenas ousára oppor-lhe grossas murallas de granito cravadas de protogina, serpentina, e porphyro.

Mas agora á voz do Eterno o fogo rugia debaixo d'aquellas abobadas immensas, como leão encarcerado, e as abobadas desabavam sobre elle comprimidas pelo proprio peso e pela força das aguas. E as aguas se precipitavam com cego furor pela brecha angular, insofridas por não alcançarem o inimigo na sua primeira guarida: mas lá no fundo da brecha encontravam vedada a entrada, e resaltavam, mas já de balde, sobre o declive por onde imprudentes desceram. Já de balde, que o fogo como guerreiro attento, o qual cosido com a terra espia a passagem de seus adversarios atravez das gargantas de valle profundo para as occupar de improviso, subia agora denodado pela opposta es-

carpa até o angulo proeminente da porção desabada, impellia-o com violencia enorme; e do meio da impetuosa ressaca, o espirito do homem viu, que se levantavam as cristas das primeiras montanhas, como linha de baluartes em cujo cimo aqui, e acolá hasteava o fogo seu victorioso pendão de fumo e chamas (1)

Alli se abria boqueirão enorme, como porta do inferno, por onde saíam em desesperado esquadrão as lavas ardentes, que descendo pela esplanada se arrojavam em massa sobre o imperio das aguas, e as aguas fugiam á sua furia, ou dispersas de novo em vapores, voavam ligeiras sobre as azas dos ventos.

Longa tregoa succedea a este tumultuar do combate; o sceptro do chaos caira-lhe das mãos despedaçado pela tormenta. Da confusão ia nascer a ordem: a terra se preparava para receber em seu seio o germen da vida.

V

Et ait (Dominus) Germinet terra herbam virentem, et facientem semen et lignum pomiferum faciens fructum juxta genus suum, cujus semen in semet ipso sit super terram. Et factum est ita.

Et protulit terra herbam virentem et facientem semen juxta genus suum, lignum que faciens fructum, et habens unum quodque sementem secundum speciem suam. Et vidit Deus quod esset bonum.

Ea paz dos elementos precursora da appareção da vida sobre a face da terra era o emblema da paz entre os homens, que devia ser nos tempos futuros a precursora da appareção do Verbo da vida eterna.

(1) Ainda que a theoria do calor central esteja sujeita a bastantes objecções, é todavia a que melhor explica os phenomenos geológicos, e entre estes a existencia dos vulcões, e elevações das montanhas. A bella theoria de E. Beaumont parece, como nota Cantu, um brillante reflexo da luz da revelação. *Ascendunt montes, et descendunt campi in locum quem fundasti eis* dizia o Psalmista mais de 23 seculos antes de Elias Beaumont.

E as aguas ao baloiçarem-se sobre a taça de rocha massiça, mansamente lhe iam cavando o fundo, e era d'esta rocha desfeita, e dos gazes condensados caídos da atmosphera, que se formavam os primeiros terrenos *estratificados* (1) sobre a base granítica.

E a materia inflammada do seio da qual tinha saído o globo, que depois se chamou terra, continuava a condensar-se em multiplicadas porções, e cada uma d'estas espalhava um resplendor cada vez mais suave.

E então de novo souu a palavra do Senhor, e o espirito do homem viu as sementes da vida, que com aquella palavra saíam dos arcanos da sabedoria infinita. Safaros desertos, tremedões melancolicos desde logo appareceram cubertos com verdejante alcatifa de relva mimosa. Aqui descobria-se o ave-ludado *lycopodio* com suas urnas douradas, acolá o *aspidio*; e a *asterophyllite* folhosa, e a *osmunda* humilde se acoitavam medrosas á sombra dos leques da mão das palmeiras. A *cyathea* verde-mar, inveja de nossos fetos mesquinhos, erguia para o céu a sua cupula frondosa, e se debruçava depois sobre a corrente de cristal, enamorada de sua propria belleza: e a verde-negra *avacarta* estendia para os ares os seus ra-

mos esguios, que na porfia dos notos ensinavam á terra com seu monotono gemer as primeiras cadencias das musas. Mas o poder da vida parecia, que depois de tantos esforços começava a ex-haurir-se, e os vegetaes reclinavam magestosamente suas frentes como quem pedia repouso.

E densas nuvens de vapores surgiram então da terra, e espalhadas sobre a cúpula dos vegetaes toldavam os ares com espesso negrume. E o clarão perenne da materia candente, que occupava os céus, batia de chapa, mas em vão, nestes castellos de nuvens: e no meio da negra cerração, que cobria a face da terra, dormiam as plantas o seu somno da noite, até que os vapores desfeitos em chuva lhes annunciavam o despertar para uma nova aurora de vida (2).

E o espirito do homem contemplava absorto o theatro de tantas maravilhas; corria desde o equador até os polos, e via por toda a parte sobranceiros ás aguas os vergeis da natureza, mimosos leitões de verdura, em que se embalavam as brizas d'uma primavera continua. Mas no meio d'este espectáculo tão bello debalde procurou elle um ser, em quem se reflectisse ao menos, debil raio d'essa força de vontade, que sentia dentro em si (3) Ouviu que uma

(1) Sabemos a difficuldade, que os Geologos encontram em explicar a formação d'estes terrenos; aqui só emitimos uma opinião, que nada tem com o fim especial do nosso artigo.

(2) A'quem supporta, que admittimos esta noite artificial, não pol-a julgarmos provável; mas por entendermos, que sem ella ficavam as vegetaes privados das circumstancias favoraveis ao seu desenvolvimento; declaramos que não, e damos a razão.— Já houve quem se risse de Moyses, porque no Genesis elle antepunha a criação dos vegetaes á do sol: era vontade de rir; e Deus nos perdoe, se hoje nos rirmos de criticos tão treitos a taes vontades. O sol, e os astros ainda não eram na 3.ª epocha esses globos admiraveis, que na 4.ª foram completamente formados; mas a sua materia já estava ardendo desde o 1.º dia. *Vid. Lincep. Ag. de la Nat. Vers.*, supponhamos com *Herschell*, a nebulosa *via lactea*; e movia-se de occidente para oriente, mas com a equidade, na direcção da constellação *Hercules*: condensou-se já em consequencia da erradicação do calorivo, já em virtude de outras cau-

sas; mas não se agglomerou n'um só globo; fraccionou-se ou porque não sendo homogeneos os elementos a força attractiva não era igual em todos os pontos, ou porque tambem obrava a influencia d'outros universos, outras nebulosas immensas, que Deus creou. elle sabe quando, na immensidade do espaço. Das fracções a que mais propria fosse para erradiar calorico, e resistir á força repulsiva em virtude da mutua attracção de suas moleculas, seria a primeira a solidificar-se. Ah! temos a terra; mas as outras fracções não ficaram ociosas, seguiram, e seguem algumas ainda hoje, a mesma lei, foram-se condensando. A que ficasse mais proxima da terra, bem que muito rarefeita, havia de dar-lhe calor e luz suave; não era ainda sol, mas suppria-o bem, e a terra em consequencia de seu movimento de rotação já gosava da sua noite—respectiva—

(3) Alguns Geologos por verem que os animaes fosséis apparecem a par dos vegetaes, e em mais abundancia, sustentam que a sua creação foi pelo menos contemporanea, se não precedeu a dos

lyra celeste desferia as primeiras notas do hymno da criação, e esse hymno lhe parecia monotonico, e triste. E tão triste, que o suspirar das auras, perturbando a magestade do silencio, o precipitar da torrente acordando manso e manso os échos adormecidos á sombra dos bosques, eram como o gemer de vestal, que trocára pelo fogo dos altares as sagradas tochas do hymineu. Nem sequer o piar d'ave nocturna esvoaçando nos ares o coaxar da rã no charco escuro, o bramir do tigre no meio da selva, o revolver do corcodilo á borda do lago vinham casar-se em mysteriosa harmonia com as primeiras notas do hymno da criação!

Mas o omnisciente a quem só era dado comprehender as harmonias do seu plano immenso, inclinou os ouvidos para aquelle hymno tão innocente, e bendisse as suas obras da tarde e manhã d'este dilatado dia.

(Continuar-se-ha)

G. de A.

vegetaes; nós cremos o contrario, porque 1.º os fundamentos d'aquella opinião parecem-nos pouco graves, 2.º os da contraria são de muito peso.

Não nos parecem graves os fundamentos da primeira, porque 1.º ainda não estão tão explorados os terrenos talcosos, que desesperemos de lhe vir a encontrar fosseis vegetaes; 2.º não está absolutamente demonstrado, que a formação do terreno carbonifero não precedeu a da *anthracite*; 3.º independentemente d'estas considerações, não é força, que os fosseis vegetaes fossem depositos na mesma época da sua criação: as circumstancias geologicas, que por uma parte favoreciam então a conservação da vida dos vegetaes, tendiam pela outra a accelerar-lhe a decomposição depois da morte. Vid. *Athén* n. 898 — 1845. *D'Omal D'Hal. Geol.*

Os fundamentos da opinião contraria são de muito peso, porque 1.º devendo naquella época estar a atmosfera mui carregada d'acido carbonico era impropria para a vida dos animaes, á qual devia preceder a existencia dos *apparellhos reductores*, como muito bem chama Mr. Dumas aos vegetaes; 2.º é hoje doutrina corrente entre todos os *Physiologistas*, que os animaes não podem produzir materia organica, mas que tem de nutrir-se da já organizada; nos vegetaes da-se exactamente o contrario; devia portanto o reino dos productores preceder o dos consumidores.

Os Philosophos, que seguem a lei do successivo aperfeiçoamento da organização hão de por força estar com nosco tambem.

Publicamos hoje o extracto da prelecção sobre magnetismo animal feita no dia 26 do mez passado pelo Sr. Macedo Pinto.

O interesse do objecto que tão popular se tornou em Coimbra, e sobre que não quizemos aventurar um juizo prematuro, obriga-nos a inverter a ordem das prelecções do nosso collaborador: esperamos que o publico nos não culpará por isso.

MAGNETISMO ANIMAL.

A Doutrina do *Magnetismo animal* era ha muito tempo conhecida nesta Universidade: durante o nosso curso medico um distincto Professor despertou a nossa attenção sobre este objecto; mas apesar do que lhe ouvimos, lêmos e analysámos nos differentes auctores que sobre o assumpto consultámos nunca podémos d'ella convencer-nos inteiramente. Julgavamos que os phenomenos não passavam d'um somnambulismo promovido no magnetisado pela mimica do magnetisador, e tudo o mais que além d'isto nos contavam reputavamo-lo uma exaggeração. Todavia um incidente nos deu occasião de vermos practicar o processo de magnetisar, e este por tal forma se vulgarizou nesta cidade que poucas pessoas haverá que não tenham presenciado seus resultados. Instado pelos nossos ouvintes reservámos a ultima prelecção para lhes falarmos sobre este objecto, e tivemos em vista satisfazer á sua curiosidade e despertar a attenção dos nossos collegas sobre esta ordem do phenomenos.

O processo para magnetisar tem sido successivamente simplificado desde Mesmer até nossos dias. Temos magnetisado pelo de Delenze, e pelo moderno, (*) e especialmente a este temos dado a preferencia porque o somno magnetico se obtém por elle mais facilmente. Temos

(*) Repertoire General des sciences med. Tom. 48. pag. 260.

notado ser mais vantajoso substituir um leve movimento de tremor ás pressões com os pollegares do magnetizador nos do magnetizado, bem como na região frontal sobre o nervo supra-orbitario. A experiencia nos tem mostrado que é escusado empregar força ou contracção quando se applicam as extremidades dos dedos em frente dos olhos; basta só conservar os braços elevados por forma que as ultimas phalanges fiquem no mesmo plano.

Temos magnetizado no espaço de 6 minutos e havemos gastado 2 horas na occasião em que mais nos demoramos. Nalguns casos não pudémos obter os phenomenos magneticos ainda que para isso fizemos todas as diligencias.

Não julgamos como alguns pensam que para a magnetisação seja condição indispensavel a vontade do magnetizado mas sómente é necessario tenha os olhos fixos, e não esteja destrahido. Não diremos o mesmo do magnetizador: deve este ter firme tenção de magnetisar porque a sua vontade muito influirá na transmissão do fluido; assim como acontece em alguns peixes (*) que pelo imperio d'ella nos transmittem descargas electricas.

A constancia que notamos em alguns phenomenos nos obrigou a julga-los *positivos*, e a outros *duvidosos* porque sobre estes ainda não temos sufficientes observações; alguns são por nós denominados *não realisados* porque por muito que insistissemos nada pudemos conseguir, todavia não os negamos porque ignoramos os limites dos phenomenos da vida, e em objectos d'esta ordem é temeridade julgar da impossibilidade dos factos em quanto os não levamos á pedra de toque da experiencia.

PHENOMENOS POSITIVOS: — O individuo magnetizado está em um estado particular — a vida de relação suspensa, e as funcções organicas menos activas que no estado normal — os olhos volta-

dos para cima, e olhando para a abobada orbitaria — os eixos opticos tão convergentes que parece tocarem-se juncto ao nariz — as palpebras cerradas como no somno ordinario — a região frontal em temperatura superior á natural — as mãos frias e os dedos em flexão sobre a palma — as extremidades inferiores tambem em baixa temperatura; — uma absoluta obediencia á vontade do magnetizador ainda mesmo que esteja pouco magnetizado — responde exclusivamente ás perguntas que por aquelle lhe são dirigidas, conta com exactidão o que lhe diz respeito, e revela segredos que no estado normal occultaria — executa movimentos de progressão, mas sua marcha é typica, e não pôde ser imitada — conserva a attitude, e posição do tronco e membros em que estava antes de mover-se — não accusa sensação ás picadas de alfinetes por mui sensiveis que sejam as regiões onde se pratiquem.

Se o mesmo individuo tem sido magnetizado por dous magnetizadores que se tenham alternado, fica-lhes subordinado; é preciso que ambos concorram para a desmagnetisação: esta apresenta o seguinte — o magnetizado pestaneja, e faz esforços para affastar as palpebras levando as mãos aos olhos para os esfregar — fica risonho, e com a physionomia muito semelhante á de um idiota.

PHENOMENOS DUVIDOSOS: — O magnetizado não responde aos circumstantes ainda que lhe gritem aos ouvidos; mas em alguns casos responde logo que lhe fallem pela altura da região epigastrica — vendados os olhos conhece as pessoas que o tocam, ou que d'elle se approximam ainda que tenham chegado depois de elle ter os olhos vendados — applicado um relógio á região frontal, ou occipital muitas vezes nos disseram as horas que o ponteiro marcava. Devemos notar que algumas vezes se enganavam e outras respondiam que não sabiam.

PHENOMENOS NÃO REALISADOS: — A faculdade de advinhar mencionada pe-

(*) Torpedo, gymnotus, sylurus electricus, e outros.

los auctores, não foi por nós observada em nenhum magnetisado; o mesmo nos succedeu quando lhe fallavamos em lingua que não entendiam, pois jámais obtivemos resposta. Também nunca executaram as deliberações do nosso pensamento senão quando estas lhes eram communicadas vocalmente.

Todos os magnetisados me informaram que passados alguns minutos depois de começar o processo sentiam tal peso sobre as palpebras que não as podiam levantar, que pouco a pouco perdiam o conhecimento do que se passava juncto d'elles; do somno magnetico não tinham lembrança alguma, só diziam ser aquelle estado mui aprasivel.

O magnetisador, se durante o dia tinha magnetisado tres ou quatro vezes, de noite era accommettido de vigilia e prostração insolita com sensação dolorosa e algum peso na região epigastrica; mas todos estes phenomenos se desvaneciam com muita brevidade.

Os factos que acabamos de referir foram vistos por muitos espectadores, e grande parte eram juizes competentes; não queremos porem com auctoridades para nós tão respeitaveis forçar o publico a acreditar o que deixamos escripto. Aos que duvidarem pedimos-lhes que practiquem o processo do magnetismo sobre differentes individuos, e se apesar d'isto se não convencerem voltem-se pela passiva — deixem-se magnetisar — e então não lhes restará duvida alguma. Mas antes de se magnetisarem será bom dizerem ao magnetisador que lhes pergunte, durante o somno, algum segredo que lhes diga respeito, alguma coisa que só elles saibam, e verão se o magnetisador a não relata depois da desmagnetisação.

Se é mister theorisar esta ordem de phenomenos, forcoso é dizer que lhe não encontramos analogia com o somno nem com o somnambulismo; naquelle ha sómente suspensão da vida de relação, e neste ainda existe alguma espontaneidade, mas no magnetismo ha uma ab-

soluta subordinação á vontade do magnetisador. O estado physico do magnetisado tem alguma analogia com a catalepsia, mas nesta os membros do doente conservam as posições que mechanicamente lhe são dadas, e o magnetisado toma-as á vontade do magnetisador.

Alguns pertendem explicar estes phenomenos pela força de imaginação; julgamos que não tem fundamentos. Reconhecemos seu poder, mas não acreditamos que a imaginação do magnetisador possa influir sobre a do magnetisado. Individuos que ignoravam a existencia do magnetismo, e outros que não tinham vontade de serem magnetisados, e em uma palavra a rapidez com que accordam quando são desmagnetisados sem o saberem, são factos que não se compadecem com tal explicação.

Os Fluidistas admittem tres hypotheses: uns — o fluido universal; outros — o magnetico; e outros em fim — o nervoso. Rejeitamos a primeira por falta de provas, e a segunda porque os magnetisados em contacto com a bussola não determinam desvio na direcção da agulha; finalmente a terceira não a damos como verdadeira porque seria grave temeridade emitirmos tal opinião; mas parece-nos que admittindo para a explicação dos phenomenos da vida um imponderavel especial (o fluido nervoso) não seria grave erro attribuir estes phenomenos, que são da esphera vital, á mesma causa.

Vamos portanto tentar a explicação do magnetismo admittindo aquelle agente. No acto da magnetisação parece que segundo os trabalhos de Reil, o magnetisador transmite directa, ou indirectamente parte do seu fluido nervoso; e todos os passos do processo tendem a este fim. Quando magnetisamos sentimos certa excitação geral que pouco a pouco se desvanece, e nas extremidades dos dedos um sentimento semelhante ao que um individuo carregado de electricidade experimenta quando um outro lhe tira chispas electricas; e este phenomeno

nos tem sido confirmado por outros magnetisadores. O principio nervoso accumulado nos centros nervosos do magnetisado deve reagir sobre a sua vitalidade, subordinando-a, e d'aqui talvez provenha a obediencia do magnetisado ao magnetisador. Tambem nos parece que a concentração d'acção no cerebro e espinal medulla produzirá sem duvida a suspensão da vida exterior; todavia o magnetisado forçado pelo magnetisador a relacionar-se com o mundo exterior procura vias insolitas para o fazer: e com quanto a natureza destinasse nervos espezias para cada um dos sentidos, se analysarmos o seu modo de obrar, tudo se reduz a sentir. Mas os casos Pathologicos muito auxiliam a illação que desejamos tirar do que acabamos de dizer; porque em Pathologia se manifestam sensações inteiramente estranhas á Physiologia, e por tanto no somno magnetico certos órgãos podem sentir impressões a que eram surdos no estado ordinario.

Alguns pertendem explicar os phenomenos que attribuímos á deslocação dos sentidos (e que por em quanto os julgamos duvidosos) pela relação em que está o magnetisado com o magnetisador, e dizem que aquelle pensa da mesma maneira que este — conhece as pessoas com olhos vendados porque o magnetisador as conhece — mas em abono da verdade devemos affirmar que na maioria dos casos os magnetisados nos fallavam de pessoas e cousas de que não tinhamos o menor conhecimento.

Em Medicina tem o magnetismo sido ensaiado ou como meio therapeutico, ou com o fim de conhecer as molestias, e applicar-lhe o tratamento mais adequado. Quanto ao primeiro julgamos que d'elle se pôde tirar algum partido nas molestias dynamicas; porque se o magnetisador pode no estado physiologico subtrahir um cumulo de poder nervoso de um para outro organ, tambem o poderá fazer no estado pathologico. Do segundo pouco julgamos poder espe-

rar, porque apesar de ter sido muitas vezes ensaiado não encontramos nos annaes da sciencia descripções exactas das alterações morbificas descobertas por este processo.

Na cirurgia pôde o magnetismo substituir com vantagem os narcoticos, cujo uso está hoje abandonado por justos motivos. Parece-nos que o magnetismo é preferivel ao narcotismo por não ter os inconvenientes d'este, e os individuos que correm mais risco nas operações são os mais nervosos, e estes os que mais facilmente se magnetizam; além da perda dos sentidos exteriores podemos conservar o doente pelo tempo que nos parecer na posição a mais adequada ao nosso fim.

O magnetismo pôde affectar physica e moralmente o magnetisado, e por isso o magnetisador deve ter certo grau de instrucção medica: o cumulo excessivo de fluido nervoso no cerebro pôde dar logar a desarranjos de alguma gravidade — em uma mulher que magnetisamos durante a menstruação, esta funcção suspendeu-se — notamos muitas vezes durante o processo a respiração curta, difficil, e com anciedade, e ás vezes convulsões; mas estes phenomenos desappareciam logo que faziamos alguns passos magneticos dirigindo as correntes da cabeça para as extremidades.

O magnetisado fica sujeito ao magnetisador, é portanto evidente que este pôde abusar da sua posição para descobrir segredos, rouba-lo, e outros fins. Aos que negam estes inconvenientes respondemos com o que nos diz Rostan — *Je serais de son avis si tous ceux qui pratiquent le magnetisme etaient des Deleuzes*; julgamos por conseguinte que o magnetisador deve reunir á instrucção moralidade — condições a que ligamos muita importancia; e util seria que o nosso governo vedasse a practica do magnetismo ás pessoas que não estivessem habilitadas para d'elle fazerem uso, imitando assim o que se tem feito em algumas nações cultas da Europa.

J. F. de Macedo Pinto.

O LIVRO DE ELYSA

Fragmentos.

(Continuado da Pag. 40.)

Como o teu livro, Elysa, é fructo das horas roubadas ao remanso, e talvez ao estudo, nesta bemaventurada Coimbra, quero fallar-te de Coimbra!

Cada povo tem a cidade da sua poesia, da sua imaginação, dos seus amores; cada povo aponta para uma terra, que a tradição vestiu de galas, e diz — lá, lá! oh! que não ha nada mais bello!

O portuguez aponta para Coimbra.

É das recordações d'esta cidade que o velho se nutre, e nutre os filhos ao serão do seu lar:—quando eu estava em Coimbra! eis-aqui o exordio de todas as aventuras de um pai: e a saudade tingindo de roxas e mimosas côres todo o discurso, engrandecendo tudo, louvando tudo, e chorando por tudo leva o ancião á peroração de rigor—não ha já tempo, como o meu tempo de Coimbra!

Para o amor maternal é a terra dos seus sustos, porque é a terra dos rapazes; mas nesses mesmos sustos, no longo esperar do abraço filial encarnou-se não sei que doce sympathia para aquella cidade, que faz chorar e rir toda a casa; é o gosto amargo da saudade, é o

Delicioso pungir d'acerbo espinho (1)

Dizei a um aldeão que lhe ides contar uma historia de Coimbra, e logo o tereis quedo, pendente de vossos labios, já certo do maravilhoso, ou do travesso do vosso conto.

Perguntae ás amantes por Coimbra? haveis de ve-las córar, como tu agora córaste, Elysa, e depois responder com um suspiro envergonhado—oh! Coimbra!... e o resto, que lá fica em seu

pensamento será uma inveja, mas não é desamor para a terra, que anda sempre casada ao amanhecer, e annoitecer de seu coração.

Perguntae ao mancebo, que só ouviu o que vai pelas margens do Mondego, sem nunca ter pisado as suas areás de oiro, perguntai-lhe por seus desejos, e elle vos dirá simplesmente—se eu pudesse ir a Coimbra! e ali deixa resumido o scismar de longas horas.

Até a sciencia e as lettras olham sempre para Coimbra como para a terra da promessa;—a nossa esperança, dizem ellas, cada dia, cada anno, cada seculo, a nossa esperança está lá!

Se aqui vierdes ouvireis, é certo, a muitos dos que se assentam ao cair da tarde no *penedo da saudade* a curtir magoas d'ausente, ouvir-lhe-heis maldições contra Coimbra; não os acrediteis, não; é aquelle absurdo do coração humano, é aquella saciedade na posse, é o nunca-satisfazer dos desejos do homem, o desprezo do que já tem, trocado pelo anhelar do que ainda espera, mas se fordes inquirir esses mesmos, uma hora antes de deixarem Coimbra para sempre, ou elles não tem alma afinada para as melodias da terra, ou elles vos dirão com as lagrimas nos olhos—podéra eu nunca deixar Coimbra! É que lhes ficam aqui as horas mais descuidosas, mais doces, mais felizes da mocidade; é que lhes ficam aqui as amizades, que não morrem mais, a liberdade, que mais não volta, e estes ares purissimos, este céu purissimo, estas aguas purissimas, esta Coimbra unica!

Ah! como lhes ha-de apparecer em sonhos este archanjo de pedra assentado no seu tapete de flores! Coimbra!... hão-de descobri-la de longe, vestida de branco, morbida, formosa, voluptuosa, modesta, a metter seus pés de marmore na prata do Mondego; a devassar o seio das nuvens com o capacete da sua torre, como se fôra estatua de Minerva; com seus braços estendidos a afogarem-se em açafate de esmeraldas;

(1) Garrett.

com a sua ponte orlada de vultos negros, que se debruçam na corrente como os salgueiros da margem; com a cintura azul de mil outeiros, que ao longe fecham o seu largo orizonte; com toda esta belleza, este encantamento, esta femineidade de donzella, esquecida na relva d'um prado a tanger um hymno d'amor com os olhos no céu!

Ali tendes então os blasphemos arrependidos: Coimbra não é só a tortuosidade e estreiteza de suas ruas, não é o som lugubre do seu sino fatal, não é o suspirar por quem vive longe, não é nada d'isto; é a terra das suas sandades, é a saudade da sua poesia, é a poesia da sua vida!

Se um d'esses homens for poeta... e quem ha que o não seja depois do baptismo da sombra d'estes salgueirões, do perfume d'estes campos, do crystallino d'este ambiente, da doçura d'estas aguas, da verdura d'estes montes, da fresquidão d'estas brizas? aqui a poesia bebe-se pelos olhos, pela boca, pelos ouvidos, sem o querer, sem o cuidar, sem o sentir: cada pedra, cada tronco leva inspirações ao amago do seio, que desatina a cantar como a zagala ao desabrochar do dia, ou como a avesinha, que saúda a primavera: aqui murmura melodias o ciciár da aragem nas flores da colina; o scintillar da lua quando n'um tecto de saphira pende acesa como lampada de sanctuario; o ardor do sol, quando se alastra em diamantes por cima do estendal da areia; o écho a responder sonoro ás palmas d'um folgado; a vara do barqueiro a resvalar nos seixinhos do rio; o lavadouro da *tricana*, que geme debaixo dos seus golpes, menos duros porque os acompanha uma cantiga d'amores! — até os nemes dos sitios tem aqui uma suave harmonia, como prelude de canção, que deixa advinhar-lhe toda a lindeza!... Mas não vês, Flysa, como eu vou longe do que ia dizendo? era Coimbra, que me arcebatava nas ondas da sua poesia; foi uma nova prova do seu poder; — voltemos porém ao primeiro proposito.

Se um d'esses homens fôr poeta irá assentar-se no limiar da sua porta, quando a tarde vai caíndo nos braços da noite, e alli o vereis a cantar; segui-lhe o canto... não ouvis? aqui fallou d'aquella fonte.

Que lagrimas são a agua e o nome amores; (1) alli gemeu com a desditosa *Castro* a sombra dos cedros seculares; agora um som festival lhe escapa ao recordar-se da *Lapa dos Esteios*, aonde se lhe escaparam deliciosos momentos por sobre a calçada de violetas e boninas; logo suspira nas cordas da harpa aquella *Maria Telles* tão sem ventura, a quem a mão do esposo ceifa a rosa da vida no descuido da noite; lá se lhe accende o estro na labareda do enthusiasmo porque se recordou d'aquelle cavalleiro d'antes quebrar que torcer, (2) que fecha as portas da cidade ao rei cheio de vida e de poder, e leva as chaves d'ellas ao rei sem vida e sem nada; ei-lo depois encostado ao tumulo de D. Sisenando a misturar nos seus versos o saudoso da religião, inspirado pela fronte carcomida da cathedral veneranda que viu nascer a patria, e que tem visto morrer tantos seculos!

Olhae como vos diz que Coimbra é

Cidade rica do sancto
Corpo do seu rei primeiro,
Qu'inda vimos com espanto
Ha tão pouco tempo inteiro
Dos annos que podem tanto. (3)

Silencio... não vedes como lhe resumbram no seu cantico uns nomes tão fei-ticeiros...

Da saudade o penedo! que amores
A' minh'alma, aos meus olhos não é!
Lindo cesto de graça e verdores,
Verde ramo do monte ao sopé.

Dos suspiros a gruta mais longe
Recollida se foi meditar.
Só poeta, só ave, só monge
Póde á gruta os segredos vulgar!

(1) Camões.

(2) Martim de Freitas.

(3) Sá de Miranda.

E aqui lhe escapa depois no fundo arrebatado do pensamento grave um nome grave como elle — o *penedo da meditação!* mas de volta para a cidade pára diante da gradaria suberba de suberbo jardim erecto pelas mãos sagradas d'um Bispo (1) e exclama

Salve, terra mimosa! a ti meu canto

A ti meu coração, minhas saudades!

E o écho ou de cortex, ou de agredido responde-lhe de dentro do arvoredo o derradeiro verso

A ti meu coração, minhas saudades! (2)

Que é tudo isto, Elysa? que é todo esse cantar d'aquelle homem já longe de Coimbra? Não é, não pôde sêr, não ha-de sêr nunca outra cousa senão o transumpto das perolas, que a patria de *Sã de Miranda* lhe engastou na alma, e que a memoria ha-de vasar sempre do seu thesouro todas as vezes que o poeta pegar da lyra.

Elysa, eu amo muito esta formosa terra!

É o coração de Portugal, aonde á vontade se revolve o seu sangue mais ardente. Que viver este do mancebo com o mancebo!

Crença nas palavras e nos sentimentos; sentimentos e palavras cheias de verdade e de força; amor, e enthusiasmo por tudo o que é nobre e grande; confiança nas idéas e nos homens; communhão quasi-primitiva de bens e de tudo; homogenidade de tendencias; existir nos outros, pelos outros, e para os outros: toda a virtude de quem entra na vida com muita fé no futuro: eis-ahi o viver do mancebo com o mancebo debaixo d'este céu de Coimbra!

Elysa, eu amo muito esta formosa terra!

Depois de ti, da minha lyra. . . não, não quero que Coimbra seja o terceiro affecto do meu coração, mas quero querer-lhe bem porque é um querer, que ella merece.

(1) D. Francisco de Lemos — Bispo de Coimbra.

(2) E te écho do jardim botânico de Coimbra repete um verso he oigo intencio.

Oh! se te eu vira um dia, Elysa, assentada comigo nas ruinas do mosteiro da *Rainha sancta* (3), e d'alli, depois de haveres passado teu alvo braço á roda do meu pescoço te esquecesses a contemplar Coimbra, como Coimbra se esquecera, tambem com seu braço lançado ao pescoço do monte, a pasmar na tua face d'anjo; se a viras tão linda a retratar-se no mondego e a sorrir-se para o céu, oh! que tambem tu havias de amar muito Coimbra!

Elysa, eu bem comprehendo que tu antes quizeras que o teu amante ausente praguejasse a terra, que lhe rouba a sua Elysa; erês que a delicadeza do sentimento pedia antes isso, seja assim; mas consente aos portos mais uma liberdade, deixa-os dizer o que os outros callam por traçoceiros; não valle mais esta franqueza? O coração foge para o bello como a mariposa para a luz; que culpa tem elle? que pôde elle se ha-de per força amar o bello: — é um amor fatal. Mas se te queres vingar d'esta fatalidade, Elysa, vem, vem comigo assentar-te, nas ruinas do velho mosteiro, que tu olharás para Coimbra, e eu olharéi para ti.



(Continuar-se-ha.)

J. de Lemos.

(J. D.)

CRITICA LITTERARIA.

Le Portugal à la hauteur du siècle.

Veiu-nos á mão um pequeno folheto intitulado — *Le Portugal à la hauteur du siècle*, ecripto em verso francez pelo Sr. J. A. M. T. e impresso no Funchal — 1845. —

É uma bella epistola satirica dedicada ao Sr. A. F. de Castilho.

Folgamos com estas mostras de pericia na versificação franceza, e d'habili-

(3) A rainha sancta Isabel, mulher d'El-Rei D. Diniz.

dade nada vulgar para o genero satirico, que entre nós está tão abandonado depois que o Hyssope nos teiu estabelecer um modelo; abandonado não sabemos com que razão, por isso que nem este ramo de litteratura é menos bello do que os outros, nem o nome de Antonio Dinis é o ultimo entre os dos nossos grandes homens, assim como o de Boileau o não é entre os Francezes.

Bom seria que quem taes estreias nos dá não despresse o talento que revela nesta sua composição joco-seria, e nos desse mais algumas das suas cousas.

A versificação do Sr. J. A. M. T. é rica, vernacula, espirituosa, cheia de força e de graça — Já um escriptor francez disse fallando de Barthélemy et Mery — que a sua *Villegiade* tinha alguma cousa de Rabelais, de Moliere, de Juvenal e d'Ariosto, e nós dizemos que a poesia do Sr. J. A. M. T. por mais d'um lado semelhante á de Barthélemy, nos faz lembrar a do poeta francez; a mesma riqueza de rima, a mesma força de verso, a mesma graça nos conceitos, o mesmo sal nas imagens, o mesmo castigo na dicção; ter todos estes dotes n'uma lingua que não é a patria, é a maior prova que o auctor nos póde dar do seu merecimento.

Não aconselhamos ao auctor uma lingua de preferencia: persuadimo-nos que não escreveu em francez por ter em pouca a sua lingua portugueza, como tiveram alguns bastardos do seculo XVII, que escreveram as suas obras na lingua dos dominadores Castelhanos, estamos certos que lhe é tão facil escrever em portuguez como lhe foi n'uma lingua estrangeira — dê-nos as suas joias, qual quer que seja a lingua em que no-las offereça serão bem vindas, e não diminuirão no merecimento.

Para darmos nma prova do que acabamos de dizer transcrevemos alguns versos da sua epistola; não os apresentamos por que estes sejam os mais bellos no genero satirico, mas sim por que nelles o auctor depois de fazer um

paralello entre o que fomos e o que somos hoje, rende nelles uma homenagem aos nossos maiores talentos.

Aujourd'hui le bourgeois, le lion à moustache,
A cultiver l'esprit avidement s'attache.

La sieste qui, le jour, nous retenait au lit,
Ne ferme plus notre œil: on ouvre un livre, on lit.
Les journaux, des écrits les doses mensuelles,
Encombrent les cafés, les salons, les ruelles.

Par le plus court chemin de Londres et de Paris,
L'on veut du plus nouveau, n'importe pour quel prix.
Le public, chez Langlet, plonge, jusqu'aux aisselles,
Dans les éditions des pillards de Bruxelles.

L'on vote ici, là-bas d'un ton judicieux
De Lemos, ou Serpa, lequel écrit le mieux.
Aux marchés, sur les quais, la veste, la bottine,
Tout commente Byron, ou cite Lamartine.

La dévote Lisbonne a, libéralement,
Du Pinde, sur ses mon's, permis l'avènement:
Nous y voyons régner, et sans que cela choque,
Les Muses et la vierge, Apollon et São Roque.

Ainsi, les bons écrits, applaudis, recherchés,
Ont produit au grand jour bien des talents cachés.
Sans eau les dahlias pâlissent sur leurs tiges:
Stimulez le génie, il fera des prodiges!

Castilho, Silva, Leal, Herculeano, Garrett,
Vous qui de l'Hélicon possédez le secret,
Que de fois vous avez, sacrifiant vos veilles,
Pour l'honneur du pays enfanté des merveilles!
Aussi; pas un Zoile, aux sourcils impudents,
N'a mis dans vos écrits de venimeuses dents.

Les beaux-arts, pleins d'attraits et de charnants
mystères.

Ont su trouver aussi de glorieux sectaires
Et Sendim, dont la verve inspire le crayon,
Aujourd'hui lui, l'orgueil de l'illustration,
Hardiment de son art franchissant la barrière,
Comme Deucalion donne une âme à la pierre.

Sentimos não concordar com o Sr. J. A. M. T. nos seguintes versos da sua epistola.

Fiers de tenir du Pinde et la plume et la lyre,
D'un progrès illusoire, ah! craignons le délire!
Anathématisons tous ces livres pervers,
Dont aujourd'hui la France inonde l'univers.
Évitons les Balzac, les Paul de Kock, les Sue:
Leur plume est trop souvent une lourde massue,
Dont les coups, assés par leur bras déloyal,
Sapent les saines mœurs de l'état social.

Nem Balsac nem Eugenio Sue nos parecem dignos d'esta censura — o 1.º é um escriptor que conhece profundamente o coração humano, e que com tacto fino de medico nos descreve com penna ora jocosa, ora critica, ora melancolica as suas paixões e tendencias sem em nada offender a moral nem os bons costumes: pinta no *Pere Goriot*, o amor sublime de pae, na *Recherche de l'Absolu* o amor extraordinario da sciencia, no *Israelita* o amor mais puro que o homem pôde votar á mulher, — em tudo isto nos encanta, nos faz rir, ou chorar sem nos perverter, — em nenhuma das suas obras encontrámos ainda o venenó que ressumbram as de Paulo de Kock e de George Sand; — o mesmo, ou ainda mais, dizemos de Eugenio Sue, todas, ou a maior parte das obras d'este grande escriptor socialista tem por fim uma reforma bem entendida. Os seus romances não toem só por fim o recrear-nos, se nos havia de dar uma dissertação, que o povo não lia, sobre as desvantagens do scepticismo, sobre a pena de morte, sobre o systema penitenciario, sobre os interesses das classes laboriosas, ou sobre o Jesuitismo deu-nos o *Arthur*, os *Mysterios* e o *Judeo*, veste tudo isto de ficções poeticas, com que interessa as turbas, vai-as imbuindo nestas doutrinas altamente sociaes, vai-as preparando para a reforma, que é o progresso nos costumes, e na civilisação.

Parece-nos que não ha fundamento para julgar Eugenio Sue d'outra maneira.

Recordamos ao auctor que não queremos com esta opinião desmentir pela nossa parte o

... pas un Zoile, aux sourcils impudents,
Na mis dans vos écrits de veuimeuses dents.

Ha cá zoilos de dentes venenosos, prouvera a Deus que os não houvesse, que mordem ás vezes com critica austera de mais, e por ventura parcial, quando assim nos declaramos contra o auctor não é por queremos entrar neste numero, mas fazemo-lo por que assim o

entendemos, e com a urbanidade que demanda a critica, que entre nós é ainda uma planta exotica.

A. X. R. Cordeiro.

(J. D.)

THEATRO ACADEMICO.

2.ª REPRESENTAÇÃO DO DRAMA

MARIA PAES RIBEIRA.

No dia 9 d' abril teve logar a 2ª representação do drama do Sr. João de Lemos — *Maria Paes Ribeira*. A peça foi applaudida, e seu Auctor victoriado e chamado fóra como da 1.ª vez. Este applauso uniforme do mesmo publico, já despreoccupado das impressões da novidade, é o maior elogio que podemos fazer ao drama.

1.ª REPRESENTAÇÃO DO DRAMA

UMA JUDIA NA CORTE DE D. JOÃO III.

Pelo Presidente Honorario d'este Instituto

O Sr. José Freire de Serpa.

Na noite do 30 d'Abril a platêa e os camarotes do theatro de S. Paulo brilhavam com o que havia de mais escolhido em Coimbra: representava-se um Drama do auctor de *D. Sismando*, do *Almansor*, da *Actriz* e de tantas outras perolas da litteratura portugueza: — o poeta do mondego disse—eu von fallar; e a cidade das lettras correu anciosa a escuta-lo.

A confiança que todos já tinham, saiu alli completa, e transbordando de admiração, porque o novo Drama era uma nova victoria do Sr. José Freire de Serpa.

Daremos uma breve idéa d'esta composição, sem todavia descermos á intriga minuciosamente por demasiado longa e complicada: — a eschola, que seguiu o Sr. José Freire (se por ven-

tura o talento segue escholae) foi a franchezza; o seu Drama é vasado nos moldes, em que os tem vasado *Alexandre Dumas*, o *Victor Hugo*; grandes paixões e crimes tomados pela mão da arte para fazer estremecer o vicio e acautellar a virtude. O pensamento á roda do qual giram, como satellites, todos os outros pensamentos da peça é—o crime punido pelo crime: a paixão que forma, para assim nos exprimirmos, a tela onde se borda todas as outras paixões d'esta concepção Dramatica, é—a ambição d'uma mulher.

Para o grande pensamento tomou o auctor o Conde d'Alvôr, o Fronteiro mór d'Évora, e o pagem Paulo; o conde mancebo dissoluto, inicia no crime a joven aldeã do Alemtejo, atraiçoa a amizade do Fronteiro, envenena-o, e não conhece barreira a seu affecto brutal, nem na senda dos delictos; mas ao cabo, a adaga dos escondeiros de Violante lhe vai direita ao coração:—o Fronteiro, velho apaixonado, rouba uma filha a seu pae, rouba Violante do oratorio do pobre aldeão, que debalde a procura e chama, que debalde quer perseguir o roubador que vai longe, que tem tudo, e elle nada tem, nem sequer força, porque não pôde dar dons passos no seu oratorio em busca da filha sem tropeçar e cair! mas o veneno do conde castiga o rapto do Fronteiro. O pagem Paulo serve os damnados feitos do conde, e as maldades de Violante; é o braço que executa as idéas de sangue d'aquellas duas cabeças, mas lá o espera no fim a justiça de D. João III. Para a grande paixão tomou o Sr. José Freire uma joven bella de sangue Israelita e leva-a desde um casal do Alemtejo por cima de crimes e infamias até os primeiros degraus do throno, porque o Infante D. Luiz a viu e amou, porque EL-Rei cedeu aos desejos do Infante, e a Israelita vai ser esposa do herdeiro da corôa, mas quando Violante vai a vestir a purpura real, veste a purpura do seu proprio sangue, que lhe

vai buscar ao fundo do peito o punhal do Conde d'Alvôr agonisante; e aqui a paixão e o pensamento do Drama se reúnem para o acabar; o crime é punido pelo crime, a ambição desregrada cái victima de si mesma ante o alvo de todos os seus desejos.

Para o claro-escuro do quadro tomou o Sr. José Freire duas grandes virtudes:—o amor paternal, symbolisado no pae de Violante, e o amor puro de um homem, symbolisado em Fernando d'Attaide:—aquelle arrasta-se de cidade em cidade, de terra em terra, estende a mão á borda dos caminhos, errante e peregrino em busca da filha que lhe roubaram; vai a encontral-a no meio dos folguedos d'um saráu, mas lá o espera uma nova dor; o envenenamento do Fronteiro d'Évora lhe é attribuido, porque Paulo ali o introduziu para lhe lançar ás cans esse crime; ei-lo no carcere a padecer innocente pelos delictos da filha, que dança sobre os tectos da sua morada lugubre; e elle sempre pae, sempre anhelando a liberdade só para abraçar sua filha, que elle crê boa e sem mancha. Fernando amou a companheira de sua infancia com toda a crença de uma alma pura e nobre, com todo o enthusiasmo de uma primeira sympathia: vai á India ganhar nome e riqueza para tudo lançar aos pés de Violante, com a sua espada victoriosa, porque elle não quer mais nada, que quando EL-Rei lhe dá licença para pedir—só pede Violante, só pede os seus antigos amores na paz da sua aldêa:—mas Fernando encontra a sua amante, não só viuva, não só adultera, não só envenenadora, mas noiva de outro homem, mas quasi nos braços d'elle a ouvir-lhe sens requebros, e a embriagar-se de seus beijos; o amor de Fernando desafoga em maldições porque era homem, mas quando o conde d'Alvôr o quer alliar á sua vingança, Fernando lhe brada—para longe, não me ligo com traidores, nem me vingo de mulheres; e, suprimo o defeito da

natureza, salva dos ferros e da infamia o seu pae adoptivo, o pae da infiel Violante, porque Fernando era um anjo. O drama do Sr. José Freire era d'imaginação, mas tomou para moldura a época de D. João III. e com todo o bom gosto soube, aonde era possível, adorna-lo das côres proprias d'aquelle tempo; não lhe esqueceu o crime de Judaismo na sua protagonista, a inquisição, os autos e comédias da corte, a tragedia d'Antonio Ferreira, representada em Coimbra, e muito provavelmente no mesmo lugar (segundo se collige d'um antigo escripto) em que o Sr. José Freire fazia representar o seu drama.

Diremos duas palavras do desempenho.

Em geral a peça foi bem representada; mas os nomes que devem ficar mais lembrados são os do Sr. Palla, que soube casar as maneiras singelas da aldeã, ao simulado da ambiciosa; a gravidade da viuva á graciosidade da noiva; os modos simples de donzella humilde aos ademans de Princesa; — do Sr. Bentes, que por tal arte copiou a rica figura do pae de Violante, que nos deixou encantados pela nobreza do seu porte e belleza de sua declamação: aquelle papel é o seu triumpho; — do Sr. Bessa, que se ainda carcereira de loiros te-los-lhia bem formosos e mercidos na delicadeza perversa (permittase-nos a phrase) com que comprehendeu e executou as maldades do Conde d'Alvôr; — do Sr. O'Neill, que realison a formosa ficção de Fernando, não deixando nada a desejar, nem na concepção d'aquelle typo de virtude, nem na encarnação d'aquelle honra quasi fabulosa.

O Auctor viu em todos os actores a melhor vontade, e o desempenho devia deixa-lo satisfeito, assim como de certo o deixaram as corôas, os ramos, os versos, os bravos e as palmas de seus numerosos admiradores, com que repetidas vezes o saudaram: — rematamos copiando a poesia que se espallára naquella noite de regosijo.

AO AUCTOR DA JUDIA.

De Sisnando o cantor, já no palco
Vin de palmas a fronte c'roada,
Vin estrella o futuro apontando,
De mais louros sorrir-lhe adornada.

Eis mais palmas ás palmas unidas;
Eis mais c'roas na scena a cair.
Rei da scena, cantor, vai colhê-las
Vai com ellas a fronte cingir —

Tua estrella não mente, hoje surge
Mil torrentes de luz a verter,
Olha ávante, não cances que o genio,
Inda te ha-de mais c'roas tecer —

Olha ávante, que lês no futuro?
Ha-de a gloria mais vezes mostrar-se,
Nossas almas a gloria rendidas,
Hão-de ao genio mais vezes curvar-se.

50 d'Abril de 1845.

BRAZIA PARDA.

É No theatro que hoje se collie a derradeira corôa litteraria; os talentos fogem para lá porque é só lá que a gloria se lhe revela ataviada das galas de princeza; mas esta caprixosa amante não vai receber o poeta ao bastidor para o corôar se não quando elle nasceu exclusiva, ou especialmente para o theatro.

O auctor da *Brazia Parda* nasceu especialmente para o theatro; eminente em todas as boas letras, é todavia no Drama que elle se amostra verdadeiramente grande; — em natureza para este genero tem poucos rivacs na nossa terra. O publico já o conhece pelas *Duas Filhas*, estrêa de seus trabalhos theatraes, mas a *Brazia Parda* é de certo a joia do seu diadema: — agora que este drama se vai imprimir, podem e devem os que se dão a taes leituras concorrer a avaliar na *Brazia Parda* todo o merecimento do Sr. *Pereira da Cunha*.

(J. D.)

INSTITUTO DE LITTERATURA E ARTE
DRAMATICA.

Na sessão de 14 de maio determinouse que no dia 17 do mesmo mez tivesse logar uma recita em testemunho de agradecimento ao Sr. Luiz de Bessa Corrêa, que terminando no corrente anno a sua carreira universitaria, vai retirar-se de Coimbra, deixando o theatro academico privado do seu mais bello ornamento: abaixo apresentamos uma circunstanciada noticia d'esta recita pelo Sr. Pereira da Cunha.

No dia 18 do mesmo teve logar a sessão extraordinaria para a leitura do elogio historico do Sr. João de Vasconcellos Pereira Coutinho Mendonça Falcão pelo Sr. Manoel Maria da Silva Bruschy. Estiveram presentes quasi todos os membros d'este Instituto residentes em Coimbra: e foi numerosissimo o concurso dos espectadores, que vieram presenciar a solemnidade da sessão, 1.^a d'este genero em o nosso Instituto. O abalizado merito do orador e da oração correspondeu plenamente á magnitude da perda, que choravamos. Foram d'uma e outra claro testemunho a grave seriedade, e profundissima tristeza dos concorrentes.

ELOGIO HISTORICO

do Socio

JOÃO DE VASCONCELLOS PEREIRA COUTINHO
DE MENDONÇA FALCÃO

pelo Socio

MANOEL MARIA DA SILVA BRUSCHY.

Invocar a memoria dos mortos, para pronunciar o seu nome com saudade, relatar os seus meritos, é provar que a morte não corta todos os laços; é testemunhar que a loisa do sepulchro não occulta senão o que havia de terrestre em um ser que bemmereceu dos seus se-

N.º 6. — 1 de Junho de 1845.

melhantes; é lavar a humanidade do labéu da ingratição; é um dever sagrado de toda a corporação, cujo fim tór a cultura das letras. D'este modo a vida intellectual não acaba, porque o nome e feitos de um finado podem servir de exemplo para os vivos. D'este modo ligamos o passado com o presente, unimos com laços fraternaes os que foram com os que ainda são obreiros da obra mais pura e mais util que possa dar-se — a cultura das letras e da virtude cimentada na amizade.

O Instituto cumpre hoje esta missão, e, a exemplo de todos os corpos litterarios, destina esta sessão para memorar a perda do primeiro dos seus socios que provou não bastarem mocidade, virtudes, talentos, e uma auro-ra esperançosa de fertil e brillante carreira litteraria para eximir-se da lei fatal da morte; porque se estes titulos bastassem, Senhores, não teriamos hoje de lamentar a eterna ausencia do nosso socio e meu amigo, o Sr. João de Vasconcellos Pereira Coutinho de Mendonça Falcão!

Este nome, Senhores, de que a minha bôca não pôde separar o epitheto de amigo, porque este affecto não se extingue, porque o coração palpita mais apressado ao pronuncia-lo, porque a dôr da sua perda é cada vez mais pungente, porque metade da minha alma, metade da minha vida me foi roubada, este nome de amigo, cuja pronunciação é uma blasphemia na bôca do egoista, é a desculpa do meu arrojio. A nenhum outro elle teria concedido o logar que eu hoje occupo, e porisso não foi a vaidade que me levou a solicitar o privilegio de fallar d'elle perante o Instituto, invoquei os direitos da amizade, e o Instituto concedendo me essa honra, cedeu a uma nobre inspiração, escutou a voz do seu finado socio bradando do fundo do sepulchro — concedei ao meu maior amigo o privilegio de derramar em vossa presença as lagrimas da saudade —

Não esperéis de mim senão sentidos gemidos por tal perda. Possuíis todos corações mui nobres, e as cordas harmoniosas das vossas almas tem de certo vibrado com o sentimento da amizade, para que eu não espere que os meus pobres pensamentos deixem de ser desculpados.

Ligados pelo amor das letras não formamos um oceano agitado pelas violentas tempestades das paixões humanas, esta nossa sociedade assemelha-se a um lago placido e puro alimentado por torrentes impetuosas de imaginações poeticas, socegadas e crystalinas fontes de saber, a que se mistura um humilde riacho a cuja corrente concedestes o favor de ser escutado porque murmura as lembranças de um arroio, que estancado a poucos passos da sua nascente, tanto promettia.

Em nome d'amizade espero a vossa indulgencia.

Nascêra o nosso lamentado socio aos 8 de março de 1815 nas abas da serra da Estrella proximo ás margens d'este nosso Mondego.

Foi seu pae o nosso socio o Sr. Agostinho de Mendonça Falcão, nome querido das Musas, e bem conhecido pelo seu saber: mas não só possui saber, porque é um d'esses homens sempre raros, mas talvez nunca tanto como em nossos dias, que reúnem a nobreza do sangue e virtudes, raros talentos e conhecimentos alliados com uma modestia digna de citar-se, e uma rigidez de principios de eras, que hoje por incriveis, reputamos fabulosas.

Lembro-vos, Senhores, estas circumstancias, porque é minha convicção (e a vida do nosso consocio prôva) que poucas cousas decidem tanto dos destinos futuros do homem, como as primeiras impressões physicas e moraes recebidas na infancia.

Invoco o testemunho dos que conhecestes e tractastes o nosso finado socio, é que conheceis as bellezas severas das asperas serranias do paiz dos Herminios,

as suas férteis quebradas, a singeleza de costumes patriarchaes, as poeticas e melancholicas prospectivas das alcantiladas margens do Mondego, para que me digaes se não concordaes comigo em que uma infancia passada em tal paiz, sob um tal pae, e entre taes gentes devêra ter um influxo mui poderoso nas idéas e sentimentos do resto da vida do nosso socio?

Nas montanhas o homem faz de continuo o paralelo da sua pequenez com as alturas que o rodeam, tem de continuo ante os olhos um quadro vivo da peregrinação terrestre, variedade das vistas, precipicios tremendos abrindo-se inopinadamente sob os passos, e prestes a sorver o caminhante incauto; sendas fragosas, e resvaladissas, nas quaes o menor descuido pôde arrojear o caminhante mais robusto, em fim a morte e a vida luctando de continuo.

Mas ao mesmo tempo o sol surge mais cedo, e vem doirar os seus pincares em quanto que nos planos tudo jaz ainda em trevas; o horizonte é mais extenso, e o montanhez sobrepujando as nuvens annovelladas, vê impavido um oceano de fogo agitar-se sob seus pés, e arrojear ás planices o incendio e ruinas de envolta com o bramido do raio, cujo estrondo apenas elle apercebe.

Nestas alturas o homem está desprezado da terra, e proximo do céu. As suas meditações devem ser graves e sollemnes como os objectos que o rodeam, elevadas sublimes e puras como as regiões, em que está pairando o pensamento.

Emfim as montanhas abrigam o ninho da aguia, são o throno do raio, e a origem dos rios, isto é, rennem o quo em toda a natureza creada se conhece de mais elevado, mais terrivel, e mais proveitoso.

O nosso socio era digno de uma tal patria. Singeleza, e brios de filho das montanhas foram os dotes com que a natureza bafejou a sua infancia, e que aperfeiçoados pela educação e preceitos

de seu pae o tornaram tão digno das sympathias de quantos o conheceram e tractaram.

Infelizmente a natureza fôra mesquinha em repartir-lhe os dotes do corpo, e desde a sua mais tenra juventude começaram de apparecer os symptomas da enfermidade que pouco e pouco lhe minou a existencia, e que lhe ceifára mãe e irmão, e que pelo haver arrebatado lhe poupou a dôr de ver murchar-se no viço dos annos a sua tão querida irmã.

Este progresso constante da morte tornára grave o nosso socio ainda entre os folguedos e passatempos da juventude. Permitti-me; Senhores, que vos guie ao intimo d'aquella alma, e que com a chave da amizade vós patenteie os soffrimentos que por mais de metade da sua existencia lhe ralaram o viver.

A braços com a morte, seguro de que ella não tardava, medindo os seus progressos passo a passo, minuto por minuto, aquella alma tão sensível, aquella imaginação tão vivaz, aquelle coração tão feito para a amizade não tiveram illusões. Encarou por largo tempo o inimigo que se adiantava, conheceu-o e sem o desprezar loucamente soube avaliá-lo. A vida não foi para o nosso socio um engano, nem a morte inesperada.

Já lá vão quinze annos que elle me escrevia—não posso viver muito, esvae-se-me a vida mais depressa do que eu mesmo posso imaginar:—e nas ultimas letras que traçou com mão moribunda escrevia-me ainda—D'esta vez realisa-se o que ha muito espero, e morro—Viver morrendo foi a terrível agonia physica e moral dos annos que para o commum dos homens vão de saúde, vigor, e illusões!... Quadro tremendo, que para ser encarado sem sossobra se requer alma mui grande. Quão poucos haveriam deixado de succumbir ao desespero ou abatimento! Mas d'esses poucos era elle...

Em meio de taes soffrimentos era o seu cuidado a cultura das letras e da amizade.

Hoje que a sua bôca gollada me não

póde impôr silencio, como por tantas vezes me impoz para que callasse as suas boas obras... hoje que seria uma ingratitude se eu como amigo e socio não alcantasse a minha voz, hoje que devo rasgar o véo, com que a sua modestia se queria cobrir, invocarei o testemunho de quantos me escutam para que me apontem uma só acção que o deslustrasse como amigo, como parente, ou como collega. E como podia fazer tal, quem me escrevia—leio porque os livros me não são ingratos—... façam os homens o que quizerem, eu só lhes pagarei com o bem que poder...—quem escreve isto no momento em que um amigo falso o trahira? É esta a expressão da sua vingança e da sua colera! Senhores quem professa taes principios tem o seu elogio feito.

Cortado de dores e angustias nunca deixou os seus queridos livros, e na escolha do genero de leitura a que muito em especial se dedicou mais e mais se manifestam os dotes do seu talento. Severo no seu gosto, laborioso nas suas investigações, profundo no seu meditar, era o estudo da nossa litteratura classica, historia, e antiguidades o que mais o delectava.

Se a modestia e timidez, inseparaveis do verdadeiro talento, o não houvessem levado a rasgar e queimar o fructo de largas horas roubadas ao cuidado da sua debil saúde, nós possuiriamos hoje abundantes provas do que levo dicto.

No entanto alguma coisa escapou, o seu romance do Figueiredo das Donas inserto no N.º 2. da Chronica Litteraria mostra o que poderia dar de si aquelle arbusto tão esperançoso se tão prestes o não derribára o tufão da morte.

Não devo esquecer, que elle, publicando aquelle seu pequeno trabalho, cedeu ao unico sentimento capaz de vencer a sua modestia, era esse sentimento o cumprir um dever como socio d'este Instituto.

Não era o nosso socio homem que pensasse poder pertencer a uma corpo-

ração sem que auxiliasse o seu andamento com contingentes ainda além das suas forças. Julgava elle que entre nós escasseassem trabalhos reflectidos ácerca dos nossos antigos romances tão cheios de riquezas historicas, e poeticas, e que de nenhuma parte devia partir o impulso de semelhantes investigações senão do centro d'esta nossa Universidade.

Uma outra circumstancia julgo dever lembrar a este Instituto, e é que ferido com o ultimo golpe mortal, quiz vir a este nosso theatro applaudir um triumpho litterario de auctor e actores todos socios nossos. Representava-se o drama os *Dous Renegados* do nosso socio o Sr. Mendes Leal, e era executado pelos nossos socios, Fonseca, Costa Pereira, Gama Lobo, e Guimarães. Veiu moribundo mas poude transpando o limiar da eternidade sandar a aurora gloriosa da existencia d'este theatro, e o seu adeus ás letras foi animando a litteratura dramatica da nossa patria

Tres dias depois escrevia duas cartas, uma para a familia, e outra para o amigo, e passados outros tres dias descansava no seio da eternidade! Os seus ultimos actos foram dedicados a este Instituto, á familia, e ao amigo, e hoje o Instituto e o amigo provam que a memoria do homem que como elle viveu, e cumpriu a sua missão, não morre, mas existe gravada no coração de quantos tiveram a dita de conhece-lo

HISTORIA DE PORTUGAL DURANTE A IDADE MEDIA.

Fragmento.

(Continuado da pag. 67)

Temos procurado fazer sentir a completa revolução operada na Península pela civilização romana, e por consequencia a necessidade de admittirmos que a lingua latina chegou a obter inteiro dominio nestas partes, cumprindo

todavia não esquecer que essa lingua devia ser a quotidiana, rustica, ou *simples*, alterada desde logo por phrases e vocabulos indigenas, e cujas differenças do latim litterario só podemos até certo ponto suspeitar, sendo as mais provaveis entre ellas, como dissemos, a confusão ou falta dos casos nos nomes, e das variações verbaes, donde era forçoso nascesse a ordem natural no discurso, o uso frequente das preposições e a introdução dos auxiliares. Agora vejamos se o testemunho dos escriptores d'esse tempo confirma o que havemos unicamente deduzido dos factos sociaes.

Strabão, o mais miudo e exacto dos geographos antigos, que tractaram da Hespanha, e cuja auctoridade tem sido invocada em prova da permanencia do idioma celtico como lingua geral debaixo do dominio romano, diz-nos, fallando dos turdetanos: « Accresce á bondade do clima que disfructam os turdetanos a brandura e a civilisação, o que segundo Polybio é tambem commum aos celticos pela vizinhança e parentesco, posto que em gráu menor por habitarem d'ordinario em logarejos. Os turdetanos, porém, principalmente os das margens da Betis, tomaram de todo os costumes romanos, esquecendo até a propria lingua, e muitos tornados latinos, receberam no seu seio colonos de Roma, faltando pouco para inteiramente serem romanos. As cidades ultimamente edificadas, Beja entre os celticos, Merida entre os turdulos, Saragoça entre os celtiberos, e varias outras colonias provam essas mudanças d'aspecto da sociedade. Os hespanhóes que seguem este modo de viver chamam-lhes *stolados*, ou *togados*, entrando neste numero os celtiberos, tidos n'outro tempo pelos mais feros e desconversaveis de todos » (1). D'esta passagem vemos quanto já nos primeiros annos do governo de Tiberio (2)

(1) Strab. L. 3. p. 225 e 226.

(2) Strabão escrevia a sua grande obra geographica no 15.º anno da era christã, 4.º do imperador Tiberio. Consulte-se Vossio — *De Historicis graecis* L. 11. c. 6.

a transformação romana tinha lançado profundas raizes na Peninsula estendendo-se pelo meio-dia e centro da Hespanha. Não sómente os costumes, trajos, e linguagem, mas tambem os celticos, posto que menos completamente, e do mesmo modo os celtiberos apesar de serem os *maix tenazes* na barbaria. Os celtas do occidente, ou lusitanos, affeitos, segundo o mesmo escriptor, a passar o Tejo e a infestar os povos limitrophes, quando se não guerream uns aos outros, foram cohibidos pelos romanos que poseram fim ao mal, convertendo em logares abertos muitas das suas povoações, e reconstruindo outras com melhor traça (1). No proprio norte da Hespanha nunca inteiramente subjogado, a civilização romana se espalhou largamente. Aquelles mesmos que d'antes destruíam os territorios das tribus sujeitas á republica, combatiam já nas fileiras das legiões imperiaes. Tiberio acantonando naquellas partes tres cohortes, como Augusto deixava determinado, não só alcançou pacificar o paiz, mas chegou a reduzir muitos dos seus habitantes á vida civil (2). As tropas romanas continuavam a guarnecer os districtos dos Callascos, dos Asturos, dos Cantabros, até os Pyrenés. A Hespanha central e oriental, cuja população era, todavia, tranquillã, e havia tomado o modo de viver italico nos offerece uma circumstancia que descobre qual era o estado de transformação a que já tinha chegado a Lusitania. Posto que dependente do imperador em quanto a Betica pertencia ao povo, esta provincia era regida por um legado pretorio, sem guarnição militar, em quanto a celtiberia, apesar de tão romana nos costumes, ainda continuava a ser governada por um legado consular (3).

Desde esta epocha todos os monumentos historicos conspiram em nos mostrar os habitantes da Peninsula inteiramente identificados com os romanos. Entre os muitos factos que fóra facil amontoar em prova d'isso, um dos mais notaveis é, em nosso entender, o usarem de nomes puramente latinos todos os individuos hespanhóes do tempo dos imperadores, de modo que os nomes barbaros desaparecem inteiramente, circumstancia que se não repeliu durante o dominio dos wisigodos, quando aliás cremos indubitavel o haverem estes abandonado a lingua gothica pelo romano-rustico, sem que por isso deixassem de figurar na historia os Theodorikos, os Eurikos, os Heermangild's. E o mesmo se pôde dizer do dominio arabe, durante o qual, segundo o testemunho tantas vezes citado de Alvaro de Cordova, os mozarabes esqueceram a sua lingua romana para só fallarem o arabe, conservando todavia os nomes proprios de origem grega, latina, e gothica, como se vê da historia e dos documentos d'esse periodo.

Aulo-Gellio, n'uma das muitas anedotas litterarias de que abunda o seu livro das Noites Atticas, nos faz bem conhecer quanto, pouco mais de um seculo depois de Strabão, os hispano-romanos consideravam como sua a lingua latina. N'um sarão em Roma, onde se haviam cantado varias poesias gregas houve quem, transportado de admiração pela doçura dos cantos hellenos, começasse a motejar a rudeza dos poetas latinos. Dirigiam-se os motejos a um hespanhol professor de eloquencia, e homem de variada instrucção, que se achava presente. Gracejavam com elle accusando-o de agreste, barbaro, simples declamador dotado de uma facundia rabida e bulhenta, e mestre de uma

(1) Strab. L. 3. p. 231.

(2) Id. Ibid. p. 234 e 235.

(3) Id. Ibid. p. 253 e 254. Os que conhecem o sistema administrativo dos romanos sabem que os legados pretorios se enviavam para as provincias interiormente pacificas, em quanto para as que

não eram de todo sujeitas, ou estavam na frente de povos inimigos se mandavam os consulares. Sobre as diversas formas d'administração na Hespanha por esta epocha vejam-se as fontes citadas pelo erudito Amaral. Mem. de Litter. da Acad. T. 2. p. 313 e segg.

lingua sem doçura nem amabilidade. Iron-se o rhetorico, diz Gellio, e começou a combater pela sua lingua patria (1) como se alli se tractasse de defender a propria religião e os proprios lares. Em um livro philologico, Gellio chamando ao latim lingua patria de um hespanhol, não nos deixa a menor duvida de que no tempo de Hadriano elle não era para um filho da Hespanha um idioma estudado nas escholas mas o proprio do seu paiz.

É por esta causa que não nos resta em toda a Peninsula da época do completo dominio romano, isto é, do tempo do imperio, um unico monumento, um unico testemunho preciso e indubitavel (como é o de Gellio sobre o uso vulgar da lingua latina) que nos prove a duração do idioma celtico entre os hespanhóes, ao passo que o iberico, euskoara, ou vasconço não só atravessou essa época, mas chegou até nós, porque as tribus que o fallavam nunca entraram no gremio da civilização romana. Este facto constringe os que se persuadem de que o celtico resistiu á lingua latina a explicarem-nos qual foi a civilização que posteriormente o annulou, deixando apenas no portuguez, no castelhano e no catalão, uma ou outra rarissima particula ou palavra, cuja origem pareça verdadeiramente celtica.

Aos philologos que procuram sustentar o celticismo como base das modernas linguagens das Hespanhas, importava sobre tudo destruir o facto de completo dominio do latim, quer vulgar quer litterario, durante a época em que esta região esteve sujeita aos romanos. Para isto buscaram-se as passagens de Strabão, e dos outros escriptores que pareceu servirem ao intento, ao passo que se esqueciam as que temos apontado. Todavia estas são positivas; e todas as em contrario sujeitas a diversas interpretações, ou duvidosas quanto á sua genuinidade, ou finalmente de uma épo-

(1) *Pro lingua patria*—Aul. Gell. Noct. Attice L. 19, c. 9.

cha em que nada se oppõe a que ainda existisse em algumas povoações a lingua celtica, phenicia, grega, punica ou, o que é mais provavel, uma lingua franca, digamos assim, composta de todas ellas. A esta ultima categoria pertencem duas allusões de Cicero (1), allusões que aliás se podem referir á lingua hespanhola das montanhas septemtrionaes onde o euskoara ou vasconço resistia ao predomínio do latim como até hoje tem resistido ás linguas derivadas d'este.

Uma cousa, porém, em que não advertiram os defensores das origens celticas, é que a palavra lingua não tinha para os auctores antigos a significação mais precisa que hoje lhe damos, nem importava necessariamente uma distincção profunda de indole e vocabulos entre ellas, podendo por isso equivaler muitas vezes a *dialecto* (2). Assim entendidas as passagens de Strabão, de Plinio e d'outros escriptores que tem sido allegados, só poderão provar a existencia de variedades de pronuncia e ainda de expressões locaes, sem que d'ahi se haja de concluir que o latim não era a base da lingua. Os diversos elementos de população espalhados desigualmente por esta região deviam produzir essa consequencia, consequencia que de certo modo chegou até nós influido provavelmente, em parte, na variedade das linguas e dialectos da moderna Peninsula.

A. Herculano.

REVISTA SCIENTIFICA

DE 1855.

Sociedade Geographica de Londres.—(Jan. 13)—O tenente Cruttenden communica da Arabia meridional os indicios que elle acaba de descobrir em Hadramaut de haver existido antigamente nesse sitio uma grande e poderosa nação: algumas

(1) De Divinatione L. 2. c. 64 — De Natura Deor. L. 1. c. 30. Mem. da Acad. T. 12. P. 1. pag. 38.

(2) Forcellini Lexicon T. 3. v. *Lingua* Damm N. Lexicon Graec. Etymo.og. col. 1219. v. Γλωσσά.

inscrições no idioma Himyari quasi apagadas pelo tempo, ruínas dispersas, raras, cujo cimento tem voltado ao estado original de calcareo, os tumulos existentes no monte Hisa Gherab, a natureza geologica dos montes de redor que são outros tantos vulcões extinctos, tudo o leva a julgar da devastação por que deve ter passado um territorio fertil e um poderoso imperio até hoje desconhecido; uma serie de castellos do Himyari defendia a fronteira meridional da cidade de Kattaba que o auctor do descobrimento indica ser a sede mais apropriada para novas explorações. (Fev. 10) James Bird participa de Bombaim que tendo entrado no estudo d'estas inscrições, a sua analogia com a lingua Glúz e com os caracteres ethiopicos posteriores á modificação introduzida pelos syriacos, lhe fazem presumir que a data da destruição d'aquelle povo deve ser posterior á era christã.

O consul Carrew Hunt remette uma descripção physica da nossa ilha de S.^{ta} Maria, mostrando que a sua estrutura geologica é semelhante á da Sicilia e differenteiramente da das outras ilhas dos Açores. — Continuam todos os dias a vir noticias de novas explorações no interior da Australia e na America do Norte, e C. Anderson remette uma memoria sobre as fontes geladas d'este paiz. É um assumpto de summo interesse em geographia physica, interessando a grande questão do calor central, a causa da temperatura das fontes: os phenomenos apresentam algumas anomalias que ainda não estão explicadas satisfactoriamente; entre outros a formação de *ground gruc*, especie de congelação que começa pelo fundo dos rios, ao contrario dos casos ordinarios, e que não só é frequente na Siberia e America do norte mas conhecida no Rhodano e em algumas fontes d'Inglaterra, tem dado origem a varias e encontradas opiniões.

Sociedade Geologica de Londres.— (Jan. 8)—A. G. Bain dá uma noticia geologica da extremidade S. E. da Africa,

de que manda tres fosseis do genero desconhecido *Dicynodon*, caracterisado por duas grandes presas semelhantes ás d'alguns mammaes, mas que pela estrutura ossea se conhece ser um reptil, e d'habito maritimo, sem signal da successão de dentes que em todos os reptis apparece, grande força nos osses da face como nos lagartos, e a maxilla coberta de capa cornea como a das tartarugas. As rochas d'esses terrenos são stratificadas e o gres rubro com fragmentos de plantas carboniferas, o conglomerado e o schisto argilloso coberto de areias fossiliferas desintegradas e argilla em nodulos septarios. — (Jan. 22) Das rochas metamorphicas descobertas nos arredores do Tanro do periodo cretaceo, foram remetidos por W. Smyth mineraes de cobre e de chumbo e prata, que podem vir a ser grande ramo de exploração. — As formações carboniferas da nova Escocia, as impressões de aves achadas no gres por Dawson, a junção de rochas carboniferas com as silurianas, a praia de continua emersão (Fev. 5) com fosseis maritimos e fluviaes no Essex, o gres verde da ilha de Wight contemporaneo ao da Inglaterra, são preciosos exemplos na sciencia.

Sociedade Linneana.— (Jan. 20) Macnochie remette a historia natural da ilha Norfolk, composta de porphyro e gres de continua formação, e depositos vegetaes subjacentes não carboniferos; muitos e variados generos de produções animaes e vegetaes para formar uma das mais importantes estações de acclimação e recurso aos navegantes n'um dos pontos mais isolados do mundo — (Fev. 4) Doubleday tendo feito um vasto estudo sobre a estrutura das azas dos insectos, especialmente dos lepidopteros, propõe a disposição das nervuras como um caracter de classificação preferivel aos palpos e antenas; dá a conhecer seis ordens de trachéas relativas ás azas, e inculca as condições anormaes d'ellas como caracter secundario. — Hensfey pertende explicar a ascensão